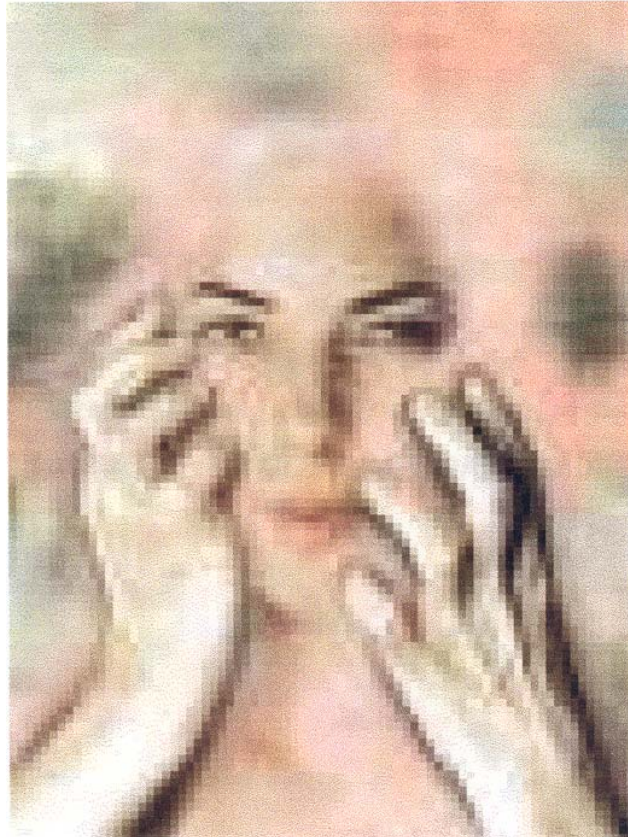


UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO

PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA



**IDENTIDADE FEMININA, FAMÍLIA E PROFISSÃO: A EXPERIÊNCIA DE SER
MULHER NA CONTEMPORANEIDADE**

Mestranda: Virgínia Cavalcanti Pinto

Orientadora: Prof^ª.Dr^ª. Maria Cristina Lopes de Almeida Amazonas

RECIFE - 2005

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO

PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

**IDENTIDADE FEMININA, FAMÍLIA E PROFISSÃO: A EXPERIÊNCIA DE SER
MULHER NA CONTEMPORANEIDADE**

Dissertação apresentada ao Mestrado da UNICAP, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre em Psicologia Clínica na linha de pesquisa Construção da Subjetividade na Família.

RECIFE -2005.

VIRGÍNIA CAVALCANTI PINTO

**IDENTIDADE FEMININA, FAMÍLIA E PROFISSÃO: A EXPERIÊNCIA DE SER
MULHER NA CONTEMPORANEIDADE.**

COMISSÃO EXAMINADORA

PROF^a DR^a MARIA CRISTINA LOPES DE ALMEIDA AMAZONAS -(UNICAP)

PROF^a DR^a ALBENISE DE OLIVEIRA LIMA -(UNICAP)

PROF^a DR^a EDNA MARIA SEVERINO PETERS KAHHALE -(PUC-SP)

DEDICATÓRIA

Dedico a todas as mulheres que, assim como eu, sabem das dificuldades e alegrias encontradas na busca por um belo cenário para a vida: trabalhar durante o dia e ter um lar para voltar ao chegar da noite.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por me conceder a graça da existência e me abençoar durante todo o percurso do mestrado.

A minha família, por todo apoio instrumental e afetivo neste doloroso e prazeroso processo de aprendizagem.

A todos os amigos que, direta e indiretamente, participaram nesta importante fase da minha vida.

Aos amigos Thatiana Leimig, Ulnary da Rocha e Bruno Santana pela amizade e ajuda tão valiosas na construção deste trabalho.

As entrevistadas que confiaram a mim suas intimidades e me ajudaram a estudar melhor este tema.

A prof^a Patrícia Wallerstein por todo incentivo e carinho no processo de busca pelo mestrado.

A prof^a Edna Maria Severino Peters Kahhale pelas importantes contribuições ao meu trabalho.

À prof^a Albenise Lima pelas valiosas sugestões e pelo carinho a mim destinado, desde o início do meu percurso acadêmico, ainda na graduação.

À prof^a amiga e companheira Cristina Amazonas que esteve ao meu lado em todos os momentos e sem a qual eu certamente não conseguiria fechar esse importante ciclo.

Ao meu namorado, amigo e companheiro Armando Pontes Júnior, por toda dedicação, investimento, paciência e, principalmente, pelo "colo", mesmo a distância, a mim concedido em meio as turbulências deste processo.

Mude

*Mas comece devagar,
porque a direção é mais importante
que a velocidade.*

*Sente-se em outra cadeira,
no outro lado da mesa.
Mais tarde, mude de mesa.*

*Quando sair,
procure andar pelo outro lado da rua.
Depois, mude de caminho,
ande por outras ruas,
calmamente,
observando com atenção
os lugares por onde
você passa.*

*Tome outros ônibus.
Mude por uns tempos o estilo das roupas.
Dê os teus sapatos velhos.
Procure andar descalço alguns dias.*

*Tire uma tarde inteira
para passear livremente na praia,
ou no parque,
e ouvir o canto dos passarinhos.*

*Veja o mundo de outras perspectivas.
Abra e feche as gavetas
e portas com a mão esquerda.*

*Durma no outro lado da cama...
depois, procure dormir em outras camas.*

*Assista a outros programas de tv,
compre outros jornais...
leia outros livros,
Viva outros romances.*

*Não faça do hábito um estilo de vida.
Ame a novidade.
Durma mais tarde.
Durma mais cedo.*

*Aprenda uma palavra nova por dia
numa outra língua.
Corrija a postura.
Coma um pouco menos,
escolha comidas diferentes,
novos temperos, novas cores,
novas delícias.*

*Tente o novo todo dia,
o novo lado,
o novo método,
o novo sabor,
o novo jeito,
o novo prazer,
o novo amor.
a nova vida.*

*Tente.
Busque novos amigos.
Tente novos amores.
Faça novas relações.*

*Almoce em outros locais,
vá a outros restaurantes,
tome outro tipo de bebida
compre pão em outra padaria.
Almoce mais cedo,
jante mais tarde ou vice-versa.*

*Escolha outro mercado...
outra marca de sabonete,
outro creme dental...
tome banho em novos horários.*

*Use canetas de outras cores.
Vá passear em outros lugares.
Ame muito,
cada vez mais,
de modos diferentes.*

*Troque de bolsa,
de carteira,
de malas,
troque de carro,
compre novos óculos,
escreva outras poesias.*

*Jogue os velhos relógios,
quebre delicadamente
esses horrorosos despertadores.*

*Abra conta em outro banco.
Vá a outros cinemas,
outros cabeleireiros,
outros teatros,
visite novos museus.*

*Mude.
Lembre-se de que a Vida é uma só.
E pense seriamente em arrumar um outro emprego,
uma nova ocupação,
um trabalho mais light,*

*mais prazeroso,
mais digno,
mais humano.*

*Se você não encontrar razões para ser livre,
invente-as.
Seja criativo.*

*E aproveite para fazer uma viagem despreziosa,
longa, se possível sem destino.*

*Experimente coisas novas.
Troque novamente.
Mude, de novo.
Experimente outra vez.*

*Você certamente conhecerá coisas melhores
e coisas piores do que as já conhecidas,
mas não é isso o que importa.
O mais importante é a mudança,
o movimento,
o dinamismo,
a energia.
Só o que está morto não muda!*

*"Repito por pura alegria de viver:
a salvação é pelo risco,
sem o qual a vida não vale a pena"
(Clarice Lispector)*

SUMÁRIO

RESUMO

ABSTRACT

RESUMEN

1. SER MULHER _____	14
2. UM CAMINHO EM BUSCA DA COMPREENSÃO DESSAS MULHERES _____	25
2.1. As colaboradoras _____	29
3. MULHER, FAMÍLIA E PROFISSÃO: TRANSFORMAÇÕES CULTURAIS _____	43
3.1. A família nuclear burguesa como ponto de partida _____	43
3.2. Rainha do lar: uma profissão feminina _____	47
3.3. A mulher mãe e o amor materno _____	55
3.4. Conjugalidade na vida mulher _____	68
3.5. As relações de poder _____	86
3.6. Os movimentos feministas _____	91
3.7. A mulher e o trabalho _____	102
4. O CONTEXTO PÓS-MODERNO _____	107
4.1. A pós-modernidade _____	107
4.2. A influência da linguagem na constituição das identidades _____	120
4.3. Identidade e subjetividade _____	126
4.4. A constituição da identidade da mulher pós-moderna _____	133
5. A MULHER ATUAL: NEM AMÉLIA, NEM <i>WORKAHOLIC</i> ... _____	163
REFERÊNCIAS _____	169

RESUMO

Esta é uma pesquisa qualitativa, que adota a perspectiva dos estudos psico-sócio-culturais e tem por objetivo compreender a experiência de ser mulher na atualidade diante das solicitações do mundo profissional e da vida familiar, que se norteiam por uma ética da excelência. A compreensão sobre o tema se deu a partir das análises dos conteúdos dos depoimentos de seis mulheres, sendo três casadas e três solteiras, integrantes da camada social média e, profissionalmente ativas. Suas falas revelaram sentimentos, contradições, crenças e aspirações que permitiram perceber como elas experienciam sua identidade feminina. Seus depoimentos foram gravados e, posteriormente, transcritos literalmente. As considerações feitas a partir das análises apontaram, entre outros aspectos, que: a mulher atual entende que tanto a esfera familiar quanto a profissional, fazem parte de sua vida como um todo, não havendo razão para optar pela vivência de apenas uma delas. A profissão é vista, não somente, como a realização de um ofício por afinidade, mas sim como a obtenção de uma boa remuneração. As exigências, tanto nos âmbitos profissional quanto doméstico, levam a mulher atual a reconfigurar suas relações com as pessoas de uma forma geral, sobretudo, com as que compõem sua família, fazendo-a modificar a maneira como desempenha seu papel familiar. Ela se apresenta de formas múltiplas, trazendo em si mesma, uma diversidade de posturas que, ao mesmo tempo, impossibilita a sua conceituação e enriquece suas possibilidades de ser.

Palavras-chave: mulher; família; profissão.

ABSTRACT

This is a qualitative research, adopt the perspective of psyche-social-cultural studies and has the objective to comprehend the experience to be a woman nowadays in front of the professional world solicitations and family's life, which has been guided through the ethic of excellence. The comprehension about the theme, has began according to analyses of six women testimonies, tree marriage and three singles, they integrate a medium social level and professionally actives. Their words reveal feelings, contradictions, believes and aspirations that show to us how they have been experienced their female identity. Their testimonies were taped and after literally transcribe. The considerations made about the analyses showed, besides others aspects, that: the actual woman understands that as in a familiar atmosphere as in a professional atmosphere, both sides been part of their lives together, hadn't been reason to opt for to live one side only. The profession has been seen like the realization of a work for affinity, but like the obtainable of a good remuneration. The exigency, as in profession as in domestic atmosphere, get the actual woman reconfigured their relations with the other people in a general form, above all, with that composed her families, has made changed how she represent her familiar role. She shows herself in a multiple forms, bringing in herself a diversity of posture that, in the same time, it's impossible the conception and riches her possibilities to be.

Key-words: Woman; family; profession

RESUMEN

Esta es una investigación cualitativa, que adopta la perspectiva de los estudios psico-socio-culturales y tiene por objetivo comprender la experiencia de ser mujer en la actualidad delante de las solicitudes del mundo profesional y de la vida familiar, que se orientan por una ética de la excelencia. La comprensión sobre el tema se dio a partir del análisis de los contenidos de las narraciones de seis mujeres, siendo tres casadas y tres solteras, integrantes de las capas medianas de la sociedad y, profesionalmente activas. Sus hablas revelaron sentimientos, contradicciones, creencias y aspiraciones que permiten percibir como ellas experimentan sus identidades femeninas. Sus narraciones fueron grabadas y, posteriormente, transcritas literalmente. Las consideraciones hechas a partir del análisis apuntarán, entre otros aspectos, que: la mujer actual entiende que tanto la esfera familiar como la profesional, forman parte de su vida como un todo, no habiendo razón para optar por la vivencia tan sólo de una de ellas. La profesión es vista, no apenas, como la realización de un oficio por afinidad, más sí como la obtención de una buena remuneración. Las exigencias, tanto en el ámbito profesional como en el doméstico, conllevan a la mujer actual a reconfigurar sus relaciones con las personas de una forma general, sobretodo, con las que componen su familia, haciendo con que ella modifique la manera como desempeña su rol familiar. Ella se presenta de formas múltiples, trayendo en sí misma, una diversidad de posturas que, al mismo tiempo, imposibilita su conceptualización y enriquece sus posibilidades de ser.

Palabras-clave: mujer; familia; profesión.

1 -SER MULHER...

No hay esencia de la mujer porque la mujer aleja y se aleja de sí misma./ Absorbe, rodea de un velo por el fondo, sin fin, sin fondo, toda esencialidad, toda identidad, toda propiedad. Cegado aquí el discurso filosófico zozobra -se precipita a su perdición -./ No hay verdad de la mujer pero es porque esa distancia abisal de la verdad, esa no-verdad, es la "verdad". Mujer es un nombre de esta no-verdad de la verdad (DERRIDA, 1978, pp.38-39, em PERRETTI, 1989, p. 117).

Todo conceito é, em si mesmo, problemático, pois como afirma Nietzsche (1991, p. 34) ele "nasce por igualação do não-igual". Desse modo, parafraseando o referido filósofo, o que é certo é que uma mulher nunca é inteiramente igual a uma outra, e conceituá-la é sempre um ato arbitrário, que abandona as diferenças individuais em prol de uma representação social, como se possível fosse encontrar uma essência da mulher.

A identidade, por sua vez, deve ser considerada - sempre - como contingente, sempre determinada pelo contexto sócio-histórico vigente, em que as posições de sujeito ganham sentido e se definem como adequadas, pertinentes, impróprias, entre outras possibilidades.

Desse modo, toda e qualquer identidade - e a identidade feminina não foge à regra -é uma construção discursiva que vai além dos indivíduos em particular e que busca enquadrá-los em um projeto globalizante e totalizador, que atende a uma determinada sociedade e a um tempo também determinado. Ser mulher, do mesmo modo que ser homem, é consequência de uma extensa e intrincada rede de significações sociais. "Não existe, na verdade, a Mulher, enquanto gênero universal, mas sim, uma plural idade de mulheres" (ROCHA-COUTINHO, 1994, p.15).

Louro (2003, p. 32) reitera a argumentação de Rocha-Coutinho quando afirma "não existe a *mulher*, mas várias e diferentes mulheres que não são idênticas entre si, que podem ou não ser solidárias, cúmplices ou opositoras" (grifo da autora).

Para falar da mulher é necessário mencionar o tempo sócio-histórico-cultural em que a estou situando. Entendo que a mulher se constitui na trama social, pois aí ela transforma-se e fala sobre si mesma.

O ponto de partida da análise será a modernidade, mais precisamente no século XIX, com a revolução industrial e o nascimento da família burguesa. Porém, meu foco será o pós-guerra e as décadas de 50 e 60. A escolha desse período -como marco para iniciar um estudo sobre a trajetória feminina -leva em consideração uma série de transformações ocorridas a partir daí, tanto na posição das mulheres, quanto na dos homens, na sociedade, tais como: a flexibilização dos papéis exercidos por ambos na família; a entrada mais efetiva da mulher no mercado de trabalho; sua capacitação profissional; participação no mundo acadêmico; mudança nos valores morais, como a quebra do tabu da virgindade, etc.

Atualmente, se concebe que ser mulher é algo que ultrapassa a constituição do corpo biológico, que vai além da anatomia. Entretanto, durante quase toda a modernidade, o que pautava a concepção feminina era, sobretudo, a idéia de natureza respaldada na biologia e que atribuía à mulher um lugar de inferioridade, por ser "mais frágil" do que o homem, em decorrência de sua constituição anatômica. Assim, a contribuição feminina para a sociedade era relegada às tarefas práticas e que se relacionassem ao lar, pois, de acordo com essa visão, a mulher não possuía inteligência suficiente para tratar das grandes

discussões sociais que rondavam o espaço público, destinado ao homem. A lógica que orientava essa divisão era a de que homens e mulheres eram biologicamente diferentes, e assim, a relação entre eles deveria decorrer dessa distinção. Os sexos seriam complementares e, por isso, cada qual deveria desempenhar um papel pré-determinado. Portanto, a distinção biológica, tanto no âmbito do senso comum, quanto revestido de uma linguagem "científica", servia para justificar a desigualdade social (LOURO, 2003). Homens e mulheres se distinguiram, também, pelos direitos e deveres. Tudo isso, não apenas separava os sexos, mas comparava e distinguia o que era ser homem e mulher a partir de suas capacidades e papéis sociais, que, simultaneamente, expressavam relações de poder. Sendo assim, ser mulher era se reconhecer como aquilo que o homem não era.

Essa visão da mulher e seu conseqüente confinamento ao lar, tiveram início com a ascensão da burguesia, paralelo ao surgimento da sociedade industrial e do capitalismo.

Segundo Rocha-Coutinho (1994) o grande valor que a mulher possuía nesse período era o de ser capaz de gerar, de procriar. A maternidade era a maior razão para o reconhecimento feminino. A identidade dessa mulher-mãe, da mulher que cuida da casa, que é intelectualmente inferior ao homem, foi a que norteou o comportamento da mulher burguesa durante muitos anos, embora Priore (1997) afirme que já havia um silencioso e solitário movimento de, insatisfação vivenciado por mulheres que não se conformavam em viver de forma tão limitada. É o que se poderia chamar de pontos de resistência.

Seguindo a linha de pensamento de Foucault (1993), é importante pensar que o poder sempre se dá entre sujeitos que são capazes de resistir. Nas

relações de poder há sempre um enfrentamento constante e perpétuo, embora isso não signifique desconsiderar "o fato de que as mulheres (...) tenham, mais freqüentemente e fortemente, sofrido manobras de poder que as constituem como o *outro*, geralmente subordinado ou submetido -mais tais manobras não as (...) anularam como sujeitos (LOURO, 2003, P. 40).

Com o passar do tempo, e com as transformações da sociedade, o modelo de mulher extremamente obediente, subserviente, submissa começa a ser questionado, especialmente quando a sociedade passa a necessitar de sua força produtiva, diante da escassez de mão de obra masculina advinda, principalmente, da participação dos homens nas duas Grandes Guerras Mundiais.

Em conseqüência disso, mudam as concepções acerca da mulher que passa, agora, a ser vista como um ser capaz de dar conta da demanda do mundo laboral, até então, exclusivamente masculino. Esse fato, apesar de ser decorrente de mudanças políticas, econômicas e sociais, representa um avanço para as mulheres que, até esse momento, tinham suas identidades pautadas, unicamente, em suas características biológicas e atribuições domésticas. Isso repercute sobre a subjetividade feminina e as mulheres começam a rever posturas anteriores e a ressignificar suas identidades. Do mesmo modo, sua representação social se modificou em decorrência de sua abertura para o mundo profissional; a mulher ganhou visibilidade social. (FIGUEIRA 1987). Teorias a respeito de características biológicas inferiores das mulheres foram desacreditadas, as mulheres conquistaram maior espaço no mercado de trabalho, embora em outros -tidos como profissões "masculinas" - esse avanço ainda fosse bastante tímido.

A mulher começou a se apropriar de sua nova condição e, sobretudo, através dos movimentos feministas, passou a questionar, mais incisivamente, tudo o que lhe era imposto para ser reconhecida. Sem dúvida, o movimento feminista foi um marco na vida das mulheres, especialmente, porque possibilitou que essas assumissem um novo lugar social e uma nova identidade que ampliava seus papéis na sociedade.

Dizer da mulher, portanto, é também falar sobre o seu fazer, sobre suas realizações. Enquanto confinada ao lar, a mulher gozava de uma invisibilidade social. Ao ocupar espaços públicos, principalmente via trabalho, a mulher ganha "status" de sujeito autônomo e livre.

Reconhecer a mulher, então, ultrapassa reconhecer suas responsabilidades com o lar e com os que dele fazem parte. A mulher, agora, mesmo cuidando da casa, responde de forma autônoma por si mesma, tem sua capacidade criadora reconhecida, torna-se um sujeito atuante na sociedade, merecedor de respeito e reconhecimento. O estabelecimento da mulher no espaço público, sobretudo nas décadas de 80 e 90, significou muitas conquistas. No entanto, isso não significa uma igualdade entre os sexos, não significa nem mesmo que o imaginário -tanto feminino quanto masculino - encontre-se despovoado dos antigos preconceitos e crenças irracionais. Muitos desses, perduram até hoje. Como exemplo temos a idéia de que a responsabilidade com os filhos é, prioritariamente, da mulher, a vigência de uma dupla moral para homens e mulheres, determinadas profissões ainda conservadas, em geral, como campo de atuação, predominantemente, masculino (forças militares, ciências chamadas de "duras"), etc.

Sem dúvida, foi o trabalho o grande possibilitador do reconhecimento social da mulher. Através dele, a mulher passa a ser reconhecida não apenas, pela procriação, mas também, pela criação. Entretanto, assumir uma posição no mundo laboral tem imposto às mulheres grandes sacrifícios. Além da já tão falada dupla jornada de trabalho, a exigência do mundo profissional e a competição, na atualidade, exigem de todos - tanto homens como mulheres - uma corrida desenfreada pela capacitação.

As transformações ocorridas no mundo, principalmente, na última década, repercutiram sobre o trabalho e colocaram a todos nós diante de exigências cada vez mais intensas, de aperfeiçoamento profissional. Uma verdadeira corrida atrás da excelência, corrida que não permite a visualização de um fim, mas que é um "fim" em si mesma. Diante disso, todos os indivíduos experimentam sentimentos ambíguos, escolhas difíceis nunca antes vivenciadas.

Mas essas vivências têm conotações específicas para as mulheres. Nesse caso, todas as exigências se aliam ao fato de que ainda se espera delas, que assumam o lugar de cuidadoras, na família. É dela, principalmente, que se espera a responsabilidade de educar os filhos, cuidar do marido e da casa. Posso até ir além, posto que as próprias mulheres não exorcizaram de si mesmas, essas crenças e, em muitos casos, isso significa para elas um enorme dispêndio de tempo e de energia, embora também acarrete um grande poder.

Apesar de haver, hoje, mulheres participando de ambientes que anteriormente foram exclusivamente masculinos, como na política, nos esportes e nas profissões de um modo geral, a maternidade, continua sendo considerada pela maioria das mulheres como a maior fonte de identificação.

Obviamente, não penso que a mulher deva ou necessite abrir mão de ser mãe. Porém, o exercício da maternidade, assim como o da paternidade, necessita ser repensado em moldes mais igualitários entre os sexos. E não apenas isso, mas é necessário, também, desenvolver uma rede de apoio mais ampla, que possibilite o cuidado às crianças, sem que isso recaia exclusivamente sobre os pais. Isso já vem ocorrendo, é verdade, porém, se restringe às camadas de maior poder aquisitivo, que dispõem de recursos para manter as crianças em berçários, escolinhas -hotéis, babás especializadas, etc. Isso, por outro lado, alimenta o circuito do consumo e a exigência em relação ao desempenho profissional. Hoje, o que se observa é que ganhar muito dinheiro é uma prioridade e uma referência de sucesso profissional e um pré-requisito para se ter um filho.

Essa realidade me faz indagar como é a experiência de ser mulher na atualidade, relacionando-se com um mundo profissional e com uma vida familiar, uma vez que tais esferas trazem exigências de atuação em campos distintos e às vezes contraditórios -o espaço público e o privado.

Esse tema tem grande relevância social, pois como já disse, é sobre as mulheres que, ainda hoje, recaem as maiores exigências quanto à educação das crianças e o "ajustamento" da família; ao mesmo tempo em que se exige delas, que sejam profissionais competentes. Isso vem provocando numerosas contradições, não apenas para as mulheres, mas também no âmbito da família. Some-se a isso a constatação da medicina de enfermidades antes consideradas tipicamente masculinas, por exemplo, as doenças coronarianas, acometendo constantemente as mulheres. A "dupla jornada de trabalho" ainda é uma realidade entre as mulheres casadas e o estresse que essa sobrecarga provoca não é inofensivo.

Essas indagações permearam o percurso da minha investigação, pois dizem respeito não apenas a lugares que a mulher vem conquistando e que traduzem o modelo de mulher atual, mas, também, falam da experiência de ser mulher no cenário da "ética da excelência" (MACINTYRE, citado por FIGUEIREDO, 1995, p. 52). Essa ética, que na antiguidade clássica exigia do sujeito uma "capacidade de autodominar-se, de superar-se na direção de uma excelência, de impor-se um estilo de vida que se orientava no rumo de uma perfeição" (FIGUEIREDO, 1995, pág. 52) em prol da coletividade, hoje, retorna como uma exigência de eficácia e de excelência dissociadas do bem comum, e tem como imperativo categórico "seja tudo, seja mais e melhor que os outros e todo o tempo". Tempo é uma variável chave na compreensão da angústia vivida pelos sujeitos contemporâneos. Há uma falta de tempo crônica (GRASSI, s. d.). Há sempre um excesso de atividades a desenvolver e o tempo disponível é curto. Isso atinge a todos, inclusive, às crianças, no entanto, no caso das mulheres isso se dá de uma maneira bastante peculiar. Seja mãe, dona de casa, amante e profissional no maior grau de excelência, é isso que lhes é ordenado. E, tudo isso, simultaneamente. Essa ética manifesta um excesso, uma desmedida.

Penso que acompanhar as mudanças sociais não é uma tarefa simples, uma vez que as mudanças subjetivas acontecem num tempo mais lento e nem sempre acompanham as modificações sociais (REY, 2003). Também não é minha intenção definir a mulher atual. Não tenciono aprisioná-la mais uma vez a um modelo, a um conceito. Parece-me que se assim o fizesse, estaria ditando as características que ela deveria ter, qual deveria ser seu modo de existir e em que esferas sociais deveria atuar, para ser reconhecida como mulher. Acredito que a

mulher - do mesmo modo que o homem – é um ser de inúmeras possibilidades e o importante é preservar sua capacidade de escolha.

Interessa-me, mais especificamente, compreender a experiência dessas mulheres que se situam num tempo histórico, denominado pós-modernidade, que traz em seu delineamento um determinado "modelo de mulher". Um modelo que se propõe à construção de uma supermulher, ou seja, uma mulher capaz de dar conta de todas as demandas que lhe são encaminhadas para poder se sentir reconhecida. Esse modelo põe em xeque a noção da tão almejada liberdade feminina. Se, anteriormente, libertar-se significava para uma mulher livrar-se do jugo de uma sociedade patriarcal, falocêntrica; hoje, essa mesma mulher se encontra sob o jugo do mercado e é dele que necessita libertar-se. De um modo ou de outro, isso representa um aprisionamento do ser, e nesse caso, do ser-mulher.

A luta feminista, segundo Louro (2003, p. 17), buscava "tornar visível aquela que fora ocultada" e, nesse sentido posso dizer que obteve êxito. No entanto, ainda há muito que fazer, "muito chão a percorrer".

Até o momento, o que se presencia é um acúmulo de responsabilidades. A mulher não conseguiu ainda abdicar das obrigações com a casa e, por outro lado, assumiu, junto com o homem, a responsabilidade sobre a manutenção da família. Mais que isso, faz parte das expectativas em torno da mulher realizar-se profissionalmente, e isso não significa apenas dedicar-se a uma atividade extraluar, que lhe seja significativa, mas implica ter um bom salário, que lhe permita contratar profissionais que assumam seu lugar junto à família.

Não basta ter uma família e uma profissão, o que se espera dela é que atue com cem por cento de excelência nas duas esferas. Essa exigência vem se

refletindo sobre a constituição da subjetividade feminina. É dessa subjetividade que me interessa tratar nesse trabalho.

Considero, também, que todas essas mudanças trazem repercussões não exclusivamente para as mulheres, mas para todos aqueles que estão ao seu redor. Novos arranjos familiares surgem a cada dia e isso está entrelaçado ao novo modo de ser mulher. Não é possível avaliar, ainda, as conseqüências de todas essas transformações, e não vejo razão para ser pessimistas em relação a elas. Toda mudança, ao mesmo tempo em que causa estranhamento, traz também a possibilidade de experimentar novos fenômenos e, mesmo, fenômenos antigos de uma forma revisada. O importante é que as pessoas desenvolvam laços solidários, compartilhem de uma vida em comum, sustentem os vínculos afetivos, tanto entre pais e filhos, quanto entre homens e mulheres, a fim de que as crianças sejam cuidadas e orientadas.

Talvez dessas novas exigências mercadológicas possam emergir constituições familiares que se configurem como "novas" e possa, de fato, surgir, uma nova mulher.

Nos próximos capítulos traçarei um breve apanhado histórico do período moderno, considerando, principalmente, a relação da mulher com o trabalho doméstico, com a conjugalidade, com os filhos e com a sociedade.

Em seguida, discutirei alguns aspectos relevantes na trajetória feminina, tais como: a separação dos espaços da casa e da rua e as relações de poder nelas implícitas. Continuarei com os movimentos feministas, e seus questionamentos sobre a condição social de submissão imposta à mulher. Além desses pontos, também falarei sobre a pós-modernidade, com suas implicações

para o feminino, bem como a forma como as identidades, sobretudo, a da mulher, constituem-se nesta época tão peculiar.

A discussão teórica virá entremeada pela fala das colaboradoras, numa tentativa de compreensão do fenômeno estudado, sem, no entanto, a pretensão de esgotá-lo, mas com a intenção de contribuir para lançar mais luz sobre o tema.

2 - UM CAMINHO EM BUSCA DA COMPREENSÃO DESSAS MULHERES

Caminhante não há caminho, se faz o caminho ao caminhar
Antonio Machado

Estudar essa temática exigiu um grande investimento pessoal. Além, de um esforço de distanciamento, necessário em qualquer pesquisa, mas não fácil, vi-me, muitas vezes, enredada no tema uma vez que esse me tocava de perto, tomava-me por inteira, por ser mulher e pertencente a uma faixa etária que vivencia uma exigência social: a de assumir múltiplas posições de sujeito -não experimentadas nas mesmas formas e intensidade, por mulheres de gerações anteriores e de mais idade.

Por outro lado, foi um trabalho gratificante, pois ao ouvir os depoimentos das mulheres, senti-me acompanhada em minhas alegrias, aspirações, desejos, angústias e contradições, que são decorrentes das exigências do modelo de mulher atual, imposto pela cultura chamada de pós-moderna. Ao mesmo tempo, fui obrigada a sair de mim para acolher suas falas, suas experiências, sentimentos, mal-estar, tentando compreendê-las.

Meu objetivo era compreender o modo como as mulheres, hoje, experienciam as exigências de uma sociedade baseada na ética da excelência e como estas solicitações recaem, mais particularmente, sobre as suas esferas de atuação familiar e profissional.

Para alcançar meu foco necessitava adotar um caminho, escolher um método. "Um método envolve uma concepção de mundo, uma concepção de homem e uma concepção de conhecimento" (GONÇALVES, 2001, p. 113). A perspectiva teórica adotada foi pós-estruturalista, não essencialista, que, a partir

disso, considera que não há um conjunto claro, autêntico, de características que todas as mulheres devam partilhar e que se perpetuem ao longo do tempo. Ser mulher é uma condição construída em um determinado tempo e contexto e, como tal, passível de transformação. Portanto, para compreender a mulher atual e sua relação com a família e o trabalho é necessário examinar o tempo histórico em que ela está inserida. Esse tempo sócio-histórico e cultural é pleno de simbolizações e de possibilidades.

O ponto de partida foi as falas das colaboradoras. Através delas, tentei penetrar em seus mundos e compreender o modo singular e, simultaneamente partilhado, como vivem, sentem, emocionam-se e, se posicionam no mundo.

Ao tomar a fala das participantes, como ponto de partida para compreender o objeto de estudo em questão, a intenção não era a de desvelar algo interior, uma vez que a linguagem é, aqui, considerada, como uma forma de vida e não como um meio de expressar algo interior; a linguagem é, simplesmente, o conjunto dos atos de fala que são empregados pelos usuários competentes de uma língua (WITTGENSTEIN, 1991). Desse modo, não é possível compreendê-la isoladamente e em si mesma, independentemente das múltiplas funções que exerce na vida daqueles que a empregam (AUSTIN, 1990). Ao mesmo tempo, o sujeito que fala - a mulher - ratifica suas crenças e seus desejos na inserção sociocultural. Assim, trata-se de uma pesquisa qualitativa que adota a perspectiva dos estudos psico-sócio-culturais.

Compreender o tema proposto foi possível através das análises dos conteúdos das falas das participantes. Nessas, pude ter acesso a sentimentos, posicionamentos, opiniões e outros aspectos que se revelavam na própria fala. Assim, foi usada uma entrevista aberta, que iniciava apresentando às mulheres

uma pergunta disparadora: O que é ser mulher, para você, hoje? A partir da fala das entrevistadas os temas e questões iam se desdobrando.

Ter contato com essas mulheres através de suas falas foi, por si só, uma rica experiência, especialmente porque, cada participante ouvida trazia algo novo, ao mesmo tempo em que partilhava, com as demais, uma gama de sentimentos e experiências.

Os encontros foram previamente marcados em locais da melhor conveniência para as respondentes. Inicialmente, apresentei-me explicando o objetivo da pesquisa e de qual seria sua participação nela. Em seguida, solicitei da participante que assinasse um termo de consentimento livre e esclarecido, antes de dar início à coleta dos depoimentos. Pedi-lhes, também, permissão para gravar as falas, tanto as das entrevistadas quanto a minha.

As falas foram gravadas e transcritas literalmente, uma a uma; em seguida, lidas e relidas, analisadas em seu conteúdo (Minayo, 1999), tentando captar o máximo possível às intenções, sentimentos, crenças e desejos das participantes, tanto os explícitos quanto aquilo que estava nas entrelinhas do que estava sendo comunicado. Sem perder a consciência de que essa análise seria sempre uma aproximação e, como tal, incompleta.

Explorar o material de análise, após defini-lo, não foi de todo fácil, uma vez que se fez necessário lê-lo e relê-lo diversas vezes, de forma cuidadosa, a fim de perceber o que dele emergia de mais relevante. Isso foi feito simultaneamente com a teoria que, a todo o momento, deu respaldo para que essa exploração acontecesse de forma minuciosa.

Doze mulheres foram ouvidas, porém, no momento da análise foram selecionadas apenas seis. A seleção das entrevistas analisadas levou em

consideração, em primeiro lugar, a perspectiva de análise qualitativa, que não privilegia um grande número de casos, e sim prioriza aprofundar a compreensão do material coletado. O relevante, nessa perspectiva, é o potencial de cada caso para a compreensão do tema estudado.

Um segundo ponto considerado foi atender ao objetivo do trabalho e tentar compreender a mulher atual independente do estado civil por ela vivenciado. Foi decidido tomar tanto mulheres casadas quanto solteiras. Portanto, fizeram parte da pesquisa três mulheres de cada estado civil. Após definir e explorar o material de análise as falas foram "ouvidas" tentando entender o que elas queriam dizer, considerando não apenas o que era dito literalmente, mas aquilo que, talvez, nem as próprias mulheres tivessem consciência de que estavam comunicando. A todo o momento se recorria à teoria que embasava o trabalho.

Desse modo, a fala das participantes não aparece, aqui, apenas com caráter ilustrativo. Ao contrário, seus depoimentos são convocados todo o tempo para estabelecer um diálogo com os pressupostos teóricos. Teoria e falas se entrelaçam nesse trabalho com a pretensão de enriquecer o estudo da temática, chamar a atenção para o que é eleito hoje, como modelo para se reconhecer a mulher, compreender como as mulheres lidam com o atendimento a esse modelo e, principalmente, contribuir para a discussão que envolve a relação da mulher com a profissão e a família, ciente de que essa contribuição não esgota o assunto, não fecha o tema, pois ser mulher, hoje, é estar aberta a múltiplos dizeres.

Além disso, qualquer que seja o tema de uma pesquisa e, por mais que se empenhe um investigador, o produto final é apenas mais um elo na produção do conhecimento. A esse respeito Gomes (1994 p. 34) afirma:

o produto final da análise de uma pesquisa, por mais brilhante que seja, deve ser sempre encarado de forma provisória e aproximativa. Esse posicionamento se baseia no fato de que, em se tratando de ciência, as afirmações podem superar conclusões prévias a elas e podem ser superadas por outras afirmações futuras.

Assim, este olhar sobre o tema é apenas mais um dentre tantos possíveis e, certamente, outros virão. Essa é uma contribuição na busca pela compreensão da experiência de ser mulher na vivência da ética da excelência, cujo imperativo lhes ordena que "sejam as melhores, que sejam completas, que sejam tudo".

2.1 -As colaboradoras

Em se tratando de uma pesquisa qualitativa é importante salientar que o número de participantes não é o mais importante para a obtenção dos resultados, uma vez que, diferentemente da pesquisa quantitativa, ela privilegia a profundidade da investigação.

Por essa razão foram analisados os depoimentos de seis mulheres pertencentes à faixa etária de 25 a 35 anos, sendo 03 casadas e 03 solteiras. Das casadas 02 têm filhos. Todas são integrantes da camada social média, trabalham fora do lar e, tiveram suas identidades preservadas, sendo chamadas por nomes fictícios. Elas foram contatadas por intermédio de terceiros e se apresentaram solícitas à pesquisa.

A escolha recaiu sobre as mulheres da referida faixa etária por considerar que a exacerbada exigência profissional é um dos efeitos da pós-modernidade, que no Brasil começou a aparecer a partir, aproximadamente, da década de 80. Desse modo, as mulheres de idade superior a 35 anos, em geral, ainda vivenciaram as fases de casar e ter filhos, e até mesmo profissionalizar-se em

condições distintas das que são hoje vivenciadas pelas mulheres mais jovens. Para àquelas, apesar da exigência de profissionalização já se anunciar, o nível de exigência quanto à qualificação profissional era menos acentuado. A ética da excelência hoje vigente no país, ainda não se encontrava plenamente desenvolvida.

Tomar mulheres da camada social média também encontra justificativa no fato de que é no interior dessa camada que a maior parte dos fenômenos, de que trata esse estudo, se mostra de maneira inequívoca. Por exemplo, pessoas de maior posse possuem uma rede de apoio que diminui a carga das obrigações que uma família acarreta, principalmente quando aliadas ao exercício profissional. Por outro lado, mulheres pertencentes a camadas sociais mais baixas vivem de forma tão peculiarmente distinta das demais camadas sociais que por si só mereceriam um estudo em separado. A denominação de camada social média foi tomada a partir de uma definição de Quintas (2000) que considera essa terminologia mais adequada e menos rígida do que a ideologia que envolve o conceito de classe social. A nomenclatura de camada social não só despreza os rígidos critérios da classe social, como permite uma flexibilidade maior na hora de convocar os sujeitos da pesquisa. Essa flexibilidade acontece porque a determinação dos participantes da pesquisa se dá através de suas compatibilidades com os indicadores do que está sendo chamado de camada social. Esses indicadores, nesse caso, foram: profissão, local de residência e a renda familiar, o que permitiu criar um leque maior de alternativas, ter maior flexibilidade ao contemplar os sujeitos da pesquisa.

Após haver esclarecido o leitor sobre os requisitos de escolha das entrevistadas, cabe agora fazer uma breve apresentação das mesmas, numa tentativa de aproximá-lo das integrantes da pesquisa.

Thalita

A mulher hoje não pode mais ser a Amélia de antigamente (Thalita).

Thalita tem vinte e seis anos, mora com os pais e é a primogênita de três filhos. É solteira e não tem filhos. É psicóloga e trabalha prestando serviços de consultoria a empresas.

Em sua criação, Thalita sempre recebeu muitos cuidados e mimos de seus parentes, especialmente de seu pai que até hoje acha que ela, por ser mulher, deve ser cuidada, protegida, sustentada pelo homem com quem ela pretenda casar.

A família da participante comunga da idéia de que homens e mulheres possuem papéis distintos e lugares sociais previamente determinados pela constituição "natural" dos dois gêneros. Sendo assim, para sua família, cabe ao homem assumir o lugar de provedor familiar e à mulher o lugar de rainha do lar, ocupando-se, prioritariamente, da casa e dos filhos.

Este pensamento familiar interferiu na forma como Thalita vivenciou sua formação acadêmica e a sua vida profissional. Ser cuidada, protegida todo o tempo confirmou a idéia da entrevistada de que ela deveria assumir a postura que lhe foi ensinada. Além disso, como se não bastasse sua família pensar que ela teria que ser uma boa esposa e uma boa mãe para ser uma mulher de verdade e

feliz, a entrevistada viveu uma relação de oito anos com um companheiro que reforçou esse modelo, apesar deles não terem morado juntos sob o mesmo teto.

A constituição familiar é muito importante para a entrevistada, por essa razão, o fato dela ainda não ter casado é algo que a preocupa, pois ter vinte e seis anos e não estar casada, fato que para suas antepassadas acontecia numa idade cronológica bastante inferior à sua, merece uma atenção apreensiva.

Segundo ela, o término de seu namoro a fez refletir sobre algumas questões de sua vida, especialmente sobre o lugar que ela se colocava nessa relação. Ela começou a descobrir que precisava ter um pouco mais de autonomia sobre sua vida e que o trabalho seria um aliado para o alcance desse objetivo. Descobriu também que, atualmente, a mulher age de forma diferente daquela maneira tradicional em que ela foi criada e isto a fez constatar a existência de dois modelos diferentes: o tradicional e o atual, isto é, de mulher que se profissionaliza e que não abre mão da constituição de uma família.

Uso o termo descobrir, pois acredito ser este o mais adequado para a situação de Thalita, pois ela parecia viver numa redoma de vidro constituída por seus familiares e os valores que esses cultivam e, de repente, descobriu que havia toda uma forma diferente da mulher se posicionar socialmente, estranha para ela, até então.

Este é o lugar onde Thalita se encontra: entre um modelo e outro, tentando encontrar-se, definir-se. Sua formação familiar assume um lugar de muita importância em sua vida, e não condiz com o papel socialmente esperado para uma mulher, hoje. Desse modo ela se encontra em conflito entre essa formação e a cobrança social atual, no que diz respeito ao que se espera da mulher.

Adriana

Ser mulher hoje é como sempre foi, a base de tudo, a sustentação (Adriana).

Tem vinte e cinco anos, mora com a mãe, é filha única, solteira e sem filhos. Trabalha como técnica contábil, mas é formada em História.

Durante a entrevista Adriana falou muito pouco dos seus pais, a bem da verdade a participante não falou a respeito de seu pai durante toda a entrevista.

Sua criação parece ter sido mais fortemente marcada pela influência de sua mãe do que de seu pai. É inclusive, através da mãe que se inscreve em sua vida a influência de uma segunda figura masculina, além de seu pai, o avô materno, ainda que restringindo-se ao período da infância.

Ao falar de sua mãe Adriana é "toda elogios", a enaltecendo o tempo todo. Segundo ela, sua mãe é o seu grande modelo, pois é a ela a quem Adriana deve toda a sua formação, realizada mediante muito trabalho e esforço de sua genitora.

A participante não comenta quais os seus sentimentos em relação à sua criação, mas diz que pôde perceber, também em algumas famílias de suas amigas de colégio, as mesmas características que observava na sua própria família, isto é, mães presentes na vida dos filhos e pais um tanto mais distantes, então não achava que vivenciava uma realidade fora da norma, adaptando-se a ela na medida do possível.

Essa referência da mulher trabalhadora e esforçada, que Adriana vivenciou em sua casa, parece ter contribuído para a forma como ela percebe o modo de ser da mulher atual. Para ela, a mulher deve ser autônoma e independente, sobretudo, do homem com quem venha a conviver.

Adriana não tem namorado, e apesar de não mencionar a existência de relações anteriores, acha que seu futuro pretendente deve possuir certos requisitos para que a relação possa, de fato, acontecer. Esses requisitos são: ser bem sucedido profissionalmente e, ao mesmo tempo, aceitar a sua independência, ser alguém que "vivesse bem com isso e não se assustasse com o fato" dela ganhar mais que ele.

Através de seu sucesso profissional Adriana se reconhece como uma mulher realizadora, assim como foi sua mãe. Contudo, considera que sua realização, enquanto mulher, também está relacionada à constituição familiar, sobretudo à experiência da maternidade.

Adriana está vivendo o movimento de desejar tudo, sem parecer se dar conta das contradições que a atravessam enquanto sujeito, mas deixando claro que prioriza sua estabilidade profissional como uma condição para que haja um desenvolvimento mais saudável das outras esferas de sua vida, principalmente a familiar.

Lúcia

Ser mulher é passar por provas exigentes, de fogo (Lúcia).

Tem vinte e cinco anos, mora com os pais, é solteira, sem filhos, e filha caçula de um casal que tem duas filhas. É jornalista, trabalha com fotografia, texto jornalístico, fotografia jornalística e cinema.

Segundo a própria entrevistada, o fato de ser filha caçula fez com que recebesse muito afeto e atenção de seus pais. Em sua família o diálogo sempre foi privilegiado de modo que os sofrimentos, angústias, ansiedades e alegrias de um membro são compartilhados por todos os outros.

Esta união familiar permite até hoje a existência de trocas, tanto afetivas quanto de opiniões. Em sua formação a igualdade entre homens e mulheres, em suas capacidades e competências, foi privilegiada. Essa lição de igualdade pauta a forma como Lúcia se vê como mulher: como dona de seus desejos, já que possui, como todos os seres, capacidades para realizá-los.

Os pais da entrevistada possuem uma trajetória ligada a alguns movimentos políticos. Esta militância influencia a forma como eles se posicionam diante de questões humanas e sociais. Sendo assim, optam pelo diálogo, talvez em virtude de terem vivido de perto as censuras da ditadura militar. Dessa forma, ajudaram Lúcia a compreender que homens e mulheres são fortes e iguais, pois podem realizar o que quiserem desde que se dediquem ao propósito escolhido.

Lúcia afirma que é com sua mãe que mantém uma relação de maior proximidade *"eu acho que por ela ser mulher"*. É também com ela com quem discute assuntos de sua intimidade. Sua mãe sempre foi militante de movimentos

políticos, estando sempre engajada em lutas por liberdade, emancipação e igualdade das pessoas, e em particular das mulheres, integrando até hoje um desses grupos. E uma mulher politizada.

Essa atmosfera que envolve a família de Lúcia, regida por condutas de diálogos e de luta por ideais, respaldou a formação da participante que tem a seus pais como fortes referências, mas, apesar disso, possui um jeito próprio e independente de vivenciar o que o mundo e a vida oferecem.

Sua concepção de realizar coisas ou vivenciar o que a vida oferta é bem própria de Lúcia, pois ela acredita que ser mulher hoje é não abrir mão de experiências que a vida possa oferecer. Por isso, ela diz não separar suas atuações no mundo profissional da sua atuação a favor da constituição de sua família, embora reconheça que, por vezes, destina atenção diferenciada a uma das esferas, de acordo com a solicitação maior do momento. Sendo assim, tenta conduzir, da melhor forma possível, sua relação de seis anos com um namorado – juntamente com os projetos comuns - e as exigências que, segundo ela, precisa dar conta para se lançar no mercado de trabalho. Para ela isto não parece ser um problema, apenas uma forma de lidar com o movimento da vida.

Angélica

Eu me coloco nessa mulher de hoje, eu estou nela todinha (Angélica).

Angélica tem trinta e cinco anos e é a única filha mulher de um casal que teve três filhos, sendo ela a segunda filha. Ela é casada, tem um filho de nove anos e mora com esse e com seu esposo. Angélica trabalha como assistente administrativo e cursa o segundo período do curso de Pedagogia.

Segundo a própria entrevistada, a sua mãe doméstica e o seu pai, já falecido, militar, deram-lhe uma criação nos moldes tradicionais. Relata que foi uma criança muito presa, criada sob os ensinamentos da igreja evangélica e compreendendo que homens e mulheres têm cada qual o seu lugar estabelecido e suas obrigações específicas. Cabendo à mulher uma restrição maior de seus posicionamentos em relação ao homem que era "capacitado" a lidar com tudo, com qualquer situação.

Após a morte de seu pai, Angélica necessitou responder por si de forma mais autônoma, pois precisava buscar o que considerava importante para si mesma, uma vez que o desaparecimento do pai, como provedor, suprimia-lhe a segurança de que ela precisava. Esse não foi um movimento fácil para ela, já que contemplava uma postura atuante que ela nunca precisara assumir até então. Assim, diante dessas circunstâncias, a entrevistada foi buscando novos caminhos, embora carregasse consigo, muito fortemente, o modelo tradicional de composição familiar, em que a mulher apenas usufrui as buscas realizadas pelo marido, o homem da casa, mas não se responsabiliza por elas.

Ao se ver lançada na vida, sem a proteção familiar, Angélica começou a perceber que o modelo de mulher que ela havia aprendido em seu núcleo familiar, não dava conta dessa nova situação, e que uma mulher precisava de muito mais do que seus afazeres numa casa, para a sua realização pessoal.

Assim, o trabalho surge em sua vida como um caminho não só para adquirir coisas materiais, mas como fonte de realização pessoal. Passou a se ver como uma mulher que realiza, que é útil não só na casa, mas em algo maior, na sociedade e para as pessoas de um modo geral. Hoje ela diz que percebe homens e mulheres com capacidades intelectuais iguais para a realização de qualquer coisa que seja.

Ao se dar conta dessa concepção, a entrevistada começou a se apropriar de seu desejo de independência, ela não queria mais viver como sua mãe viveu, de forma submissa ao seu pai e, mesmo constituindo sua própria família, ela diz fazer questão de não repetir coisas que vivenciou em sua família de origem, como, por exemplo, ser totalmente dependente de seu marido, como sua mãe foi em relação ao seu pai.

Realizar parece ser sua palavra de ordem, embora por vezes oscile bastante em sua forma de ser, pois traz consigo toda uma cultura tradicional e tenta se encaixar no modelo de mulher atual, mais emancipada e independente, sentindo-se muito feliz e satisfeita quando percebe que consegue libertar-se de uma forma mais arcaica de funcionamento.

Denise

Ser mulher hoje é ter mais trabalho do que se pensava antigamente

(Denise).

Denise tem trinta e dois anos, é casada e mora com seu marido e com sua filha de três anos. Ela tem um irmão mais velho que ela que é formado em Direito. Ela é médica anestesista.

Sem precisar de intervenções freqüentes por parte da entrevistadora, Denise diz, inicialmente, que o modelo de sua família de origem é o tradicional, em que homens e mulheres têm papéis estabelecidos em esferas distintas, homens na esfera pública e mulheres na privada. Sua mãe deixou de trabalhar fora do lar ao se casar e, segundo Denise, até hoje ela se arrepende. Desse modo criou os filhos, Denise e seu irmão, oferecendo oportunidades iguais de formação profissional de modo a que ambos pudessem ter "sucesso" na vida profissional. No entanto, a visão de mulher como aquela que se dedica, prioritariamente à família, parece perpassar todo o imaginário familiar de Denise. À exceção de seu irmão que a incentiva a dedicar-se mais à profissão, quase todas as mulheres da família de Denise, dedicam-se ao lar, e isso cria um padrão familiar de mulheres dependentes de seus maridos.

Denise deixa claro que prioriza a vida familiar, porém, enfatiza que a profissão é a grande responsável pela independência da mulher e, por essa razão lhe atribui importância. Afirma que o exemplo das mulheres de sua família, sua mãe e a maioria das tias, que nunca trabalharam fora do lar ou deixaram o trabalho para casar, exerce influência no seu modo de pensar.

Segundo Denise, sua mãe, por sofrer as conseqüências de haver abandonado o emprego para casar, dá todo o apoio possível para que ela possa dar conta do seu trabalho. A colaboração dada por sua mãe está no fato de cuidar da neta enquanto a filha trabalha, condição essa que Denise aceita sem problemas, uma vez que deixa a filha com a mãe para trabalhar. No entanto, quando pretende sair para se divertir, ela não se sente à vontade em deixar a filha com a avó, pois considera que a obrigação de cuidar da filha é sua.

Apesar de considerar importante trabalhar fora do lar Denise demonstra que o ideal para uma mulher seria ter um regime de trabalho mais ameno, tipo meio expediente, pois só assim poderia dar conta dos cuidados com os filhos, com o marido, com a casa e trabalhar sem prejuízos financeiros. Sendo assim, ela sacrifica e até adia seu progresso profissional em favor de sua vida familiar.

Ser mulher, para ela é atender as exigências da família e do trabalho, pois estes aspectos fazem parte de sua vida, mas parece se incomodar por não "poder" se dedicar mais, tanto à família quanto à profissão, pois tem sempre que atender numa medida muito maior do que a que ela parece se sentir em condições. Esta situação lhe traz conflitos, incertezas e revela uma forma desconfortável de funcionar e que, ao final, parece se sentir não dando conta de nenhuma das esferas em questão.

Rosana

A mulher está se degradando porque ela está querendo se igualar ao homem

(Rosana).

Rosana tem trinta e um anos, é casada, mas não tem filhos. Mora com o marido e trabalha como oficial de justiça. É a filha mais velha de seus pais e possui dois irmãos.

Ela considera como machista a formação que recebeu de sua família. Nela as mulheres não têm muita opinião, a não ser quando batalham para ser ouvidas. As mulheres da geração de sua mãe não costumavam trabalhar, viviam apenas para a casa. Caso viessem a trabalhar, deveria ser nas lojas ou negócios dos maridos, mas nada que as expusessem demasiadamente. Segundo ela, atualmente, nenhuma das mulheres da geração mais antiga de sua família trabalha, com exceção apenas de uma tia.

O domínio masculino era intenso na família de Rosana, atravessando gerações e, isso incluía a atuação de seu próprio pai. Ela diz que nunca concordou com as posições "machistas" que ele assumia em relação às mulheres, mas que nunca o destratou por isso e nunca se rebelou.

Ela considera que o caminho mais viável para conseguir sua independência, diante de uma estrutura familiar conservadora, era através de seu investimento nos estudos, pois estes sim, lhe dariam a possibilidade de ter um futuro diferente daquele que era comum às mulheres mais velhas de sua família.

Baseada em seu investimento nos estudos e no trabalho para conseguir o que acredita ser uma formação adequada, Rosana critica outras mulheres que

não elegem esse caminho, sendo assim, ela tece críticas a mulheres que, por exemplo, encontram em seu corpo a fonte de ascensão pessoal.

Para ela, ser mulher é ser alguém respeitável que ascende no mundo profissional primeiro e depois constitui uma família. Ela estabelece essa ordem de acontecimentos porque a considera ideal, já que, profissionalmente reconhecida, a mulher passa a ter meios, inclusive financeiros, de arrumar melhor a sua vida familiar.

Assim ela fez: concluiu seus estudos, namorou, e apenas casou depois que passou num concurso público. Considera que as coisas em sua vida aconteceram no tempo certo, pois ela não se precipitou e viveu cada fase na hora em que, segundo ela, tinha que acontecer.

Essa concepção é tão importante para ela que só agora, depois de atuar num cargo público e contar com a segurança que esse oferece, é que ela decidiu engravidar para, em sua idéia, viver de forma mais segura e respaldada este momento importante para si. No entanto, até o momento da entrevista, ela não havia conseguido engravidar.

Segundo Rosana, a mulher atual é, principalmente, alguém que se programa, que estabelece metas para viver tudo o que deseja de forma mais segura.

3 -MULHER FAMÍLIA E PROFISSÃO: TRANSFORMAÇÕES CULTURAIS

O que é, exatamente por ser tal como é, não vai ficar tal como está". (BRECHT, citado por KONDER, 1986, pp. 84-86).

3.1 -A Família Nuclear Burguesa como Ponto de Partida

Nessa pesquisa, minha intenção é compreender como a mulher atual se relaciona com o trabalho extraluar e com a vida familiar. Mais especificamente, interessa-me compreender como ela está vivenciando as transformações sociais que a impulsionam a buscar uma realização profissional e, simultaneamente, conciliar essa busca, que implica especializações constantes e permanentes, em investimento, em termos de tempo, de esforço físico e intelectual, com uma vida familiar que, por sua vez, também requisita dela um grande investimento, não somente afetivo, mas disponibilidade, também, de tempo e de capacidades físicas.

Para falar da mulher, de sua relação com o trabalho remunerado e com a família tomarei como ponto de partida o modelo de família nuclear tradicional burguês. Esse tipo de família se desenvolveu a partir do surgimento da sociedade industrial. Ele se caracteriza por uma forma de funcionamento em que homens e mulheres possuem papéis distintos, espaços demarcados e uma formação monolítica, ou seja, constituem-se como pai, mãe e filhos. Apesar desse modelo se constituir enquanto um ideal, e, as famílias concretas se aproximarem ou se afastarem desse paradigma, não há como negar a influência que exerceu no imaginário de homens e mulheres durante gerações, e que ainda se faz sentir nos dias de hoje.

Abordar a família burguesa pressupõe considerar a separação dos espaços público e privado, porque esses espaços delimitavam as atividades e os lugares de homens e mulheres. Ao primeiro, cabia a racionalidade do poder no mundo público; e ao segundo, a afetividade no mundo doméstico. Há, nesse sentido, uma distinção entre o domínio da casa e o domínio da rua.

Da Matta (1991), afirma que as palavras "casa" e "rua" não se dirigem apenas a espaços geográficos, mas se referem a entidades morais e éticas dos domínios institucionalizados, capazes de desdobrar sentimentos, leis e imagens, entre outros aspectos. Ao mesmo tempo, as designações de casa e rua se definem e podem ser percebidas de acordo com a relação existente entre as mesmas: de contraste, oposição ou complementaridade, sendo o espaço definido de acordo com as intenções do sujeito e na medida direta do seu relacionamento com a outra unidade que surge como oposição ou contraste.

Segundo Rocha-Coutinho (1994) os âmbitos público e privado desenvolvem uma lógica própria e possuem como pilares básicos a afetividade - na esfera privada - e a racionalidade - a inteligência e a eficácia - no exercício do poder no mundo público. Essa separação dos espaços revela o lugar da mulher na sociedade regida pela cultura burguesa. Ao homem o espaço público das decisões e produções, enquanto à mulher seria designado o âmbito privado, a responsabilidade da reprodução, o cuidado e o sucesso da família.

O modelo de família tradicional burguês se baseava na hierarquia entre seus membros. A identidade era posicional e a diferença entre as pessoas marcada pela posição que cada um ocupava no grupo, por sua idade e sexo. Nesse tipo de família, havia idéias claras sobre o certo e o errado e existiam mecanismos sutis para conter os desvios de comportamento. Esse paradigma de

família perdurou até, aproximadamente, a década de 50, quando começou a ser substituído, na década de 60, pelo modelo de família igualitária. Nesse novo modelo de família as identidades eram idiossincráticas.

A identidade idiossincrática, na família igualitária, por sua vez, consolidava-se através do pensamento de que as diferenças pessoais são mais importantes do que as diferenças sexuais, etárias e posicionais, pois as pessoas são iguais porque são indivíduos. A ideologia do igualitarismo fez com que os marcadores visíveis da diferença tendessem a desaparecer ou a se tornarem expressões do gosto pessoal. As noções de certo e errado perderam suas fronteiras, a noção de desvio de comportamento perde sua clareza e, aparentemente, o que predomina é a pluralidade de escolas. Porém, é necessário salientar que tudo isso ocorre no plano de um ideal igualitário, contudo as famílias concretas, ao tentarem viver esse modelo se mostram cheias de hesitações e ambigüidades (FIGUEIRA, 1987).

Hoje, pode-se dizer que não existe um modelo padronizado de família, nem de papéis familiares. É grande a variedade de configurações familiares e a flexibilidade quanto ao exercício dos papéis e funções atribuídas a cada elemento, na família. Alguns consideram que a família está em crise, mas há quem diga que falar em crise da família e de seus valores já se tornou um lugar comum e, o termo "crise" não mais é reservado a uma situação passageira, mas sim, permanente ou, ainda, refere-se a um estado de insatisfação crônica das pessoas, em relação ao que diz respeito à família (OSÓRIO, 1996).

No entanto, observo que tanto o modelo de família tradicional quanto o de família igualitária, em alguns aspectos, deixaram marcas e traços, nos dias atuais; ainda que sofrendo profundas transformações.

Entre as mulheres que participaram dessa pesquisa, há alguns exemplos que ilustram que, apesar de todas as mudanças ocorridas na sociedade e em suas vidas, elas ainda conservam, em seus imaginários, traços da família tradicional burguesa e da família igualitária das décadas anteriores.

Assim, uma das entrevistadas demonstra que trabalhar fora do lar não a isenta de ser a principal responsável pelos cuidados com a casa, com o marido e com os filhos. Ainda mais, salienta as diferenças entre o que se espera de uma mulher e de um homem, respectivamente, assim como as contradições que experimenta ao se deparar com expectativas sociais em torno dos dois papéis, mãe e profissional vivendo numa realidade, brasileira e nordestina, onde os suportes sociais às mães que trabalham fora do lar ainda são precários e requerem um razoável investimento financeiro. A esse respeito ela diz:

Só que a mulher, diferente do homem, tem sempre que cuidar mais dos filhos (...) cuidar da casa (...) por isso que, hoje em dia, as mulheres estão estressadas demais... porque o homem é aquela história: o homem tem que colocar o dinheiro em casa e a mulher fica em casa, mas não é, porque ela tem que dividir. Além de ser mãe ela tem que ser profissional também. (Thalita).

Em sua fala, Thalita deixa entrever que se encontra num momento de sua vida em que busca reconhecimento como uma nova mulher, porém ainda experimenta as contradições de um mundo dividido em dois universos distintos: o público e o privado, e nesses as expectativas em torno de homens e mulheres também se diferenciam. O que vejo é uma mulher que tenta construir uma nova identidade, porém ainda conservando traços de identidades passadas. Superar essa contradição não é uma tarefa fácil, mas desse embate pode surgir uma identidade feminina distinta das anteriores, uma identidade que está em processo

e que uma vez construída, talvez livre as mulheres do estereótipo de "Rainhas do Lar".

3.2 - Rainha do Lar: Uma Profissão Feminina

Tendo o espaço privado como domínio, à mulher cabia a reprodução e não a produção. A ela eram atribuídos os cuidados com a casa e com todos que dela fazem parte, bem como era de sua responsabilidade a execução e a supervisão das tarefas do lar, denominadas de trabalho doméstico. A idéia do domínio da casa, pela mulher, atravessou o tempo e se manteve, especialmente, pela transmissão dos valores relacionados à família, pois muito mais do que um lugar que a mulher ocupa, a casa diz também de sua identidade como tal. Por essa razão, a mulher é sempre associada à função de cuidadora e também é aquela que necessita ser cuidada, ser protegida numa posição infantilizante. Pode-se encontrar resquícios desses valores na mulher de hoje, como aponta a entrevistada:

Desde pequena eu fui criada para ter minha casa, ser uma esposa que faz tudo em casa, que arruma, cuida dos filhos (...) eu tinha que arrumar um marido para cuidar de mim (...) só que, no mundo de hoje, não cabe mais uma mulher desse tipo. (Thalita).

Segundo Rocha-Coutinho (1994), o trabalho doméstico, exercido pela mulher, também se constitui como trabalho social, na medida em que atende a uma necessidade da sociedade. Porém, como esse trabalho é desempenhado na esfera privada, não é reconhecido como um trabalho, não tendo um prestígio social. É possível que essa seja uma das razões que fundamentam o fato de, até recentemente, as "domésticas" serem trabalhadoras que desconheciam direitos

trabalhistas como férias, salário, licença ou aposentadoria, a não ser de forma indireta, pelo homem do qual dependiam.

O confinamento à esfera doméstica, no contexto burguês, implicava em diversas perdas para a mulher, dificultava sua participação nos espaços públicos, e sua integração com outras mulheres também era impossibilitada, na medida em que realizava suas tarefas isoladamente. Além do pouco valor atribuído ao trabalho doméstico, esse fazia com que a mulher voltasse seu olhar para os outros, para as necessidades e cuidados com os outros, impossibilitando-a de olhar para si mesma.

Nos dias atuais, pode-se dizer que esse modelo de feminino ainda persiste, porém, ele vem entremeado de uma outra ideologia. As mulheres ainda se colocam em posições de atender às necessidades dos outros, pais, maridos e filhos; porém a ideologia individualista, neoliberal, leva as mulheres a se sentirem com o dever de auto-realização profissional. Há, inclusive, a difusão da idéia de que a mulher confinada ao lar é um ser limitado e menos interessante, sobretudo, para o seu marido, tendo assim que estar sempre presente e atuante no âmbito público. É comum ouvirmos das próprias mulheres a afirmação de que uma mulher que não trabalha fora do lar não tem o que "conversar" com o seu marido e isso acarreta um sentimento de inferioridade em relação às mulheres que trabalham e que, portanto, têm uma vida mais interessante. Isso torna as mulheres que se dedicam com exclusividade à vida doméstica, inseguras. Denise diz:

(...) uma pessoa que fica dentro de casa se limita às paredes e à televisão, talvez a um livro, uma revista, um jornal, tudo bem. Mas, você passa a não conversar com outras pessoas, você passa a não ter sua vida. Também só a família eu acho errado, priorizar tudo bem, mas só família... Você passa a não ter assunto pra

conversar com o marido, você começa a se preocupar que o marido está trabalhando e você não está... (Denise).

Em contrapartida a essa situação de baixa auto-estima, de vulnerabilidade da mulher que ficava reclusa ao lar, Priore (1997) considera que mesmo confinada ao lar, a mulher possuía uma espécie de poder, pois dela dependia toda uma organização da esfera privada. Dessa forma, ela é quem produz o sentido no núcleo familiar.

Além disso, a mulher representava um "capital simbólico", pois sua imagem de mãe e esposa devotadas expressava, para o meio social, o sucesso familiar. A esse sucesso era atribuída importância, porque dele dependiam as relações e o êxito do homem na esfera pública, que eram asseguradas pela estabilidade de sua vida privada. Embora a autoridade da família estivesse sob o domínio masculino, a mulher era uma espécie de eminência parda, já que o futuro do homem, do marido, dependia, muito mais de sua reputação, do que da sua condição financeira. (ARIES, 1981).

Daí decorre, também, outro sentimento que perdura nas mulheres atuais: o de que ela não pode abrir mão do poder exercido durante séculos sobre o marido e filhos, através das lágrimas, da persuasão, da negociação do afeto, etc. Assim, ao se ver ameaçada nessa área, a mulher reage. A casa é o seu espaço e abdicar dele significa perder o vínculo com algo que diz dela mesma. Por essa razão, é que a entrada do homem no âmbito privado é uma espécie de ameaça para a mulher atual, pois esse sempre foi o seu lugar de domínio, e qualquer ameaça a ele afeta a sua própria constituição de sujeito. Quando o homem participa mais do mundo doméstico, quando divide o cuidar dos filhos com a mulher, avança em "seu espaço" e a ameaça.

Denise, uma das entrevistadas, é médica e dá plantões noturnos. Por esse motivo necessita da ajuda do marido para cuidar da filha. Recebe e aceita essa ajuda, porém, sente-se ameaçada no seu domínio, uma vez que esse é um campo tradicionalmente feminino, e acarreta determinados privilégios do tipo: ser a preferida pelos filhos, a mais requisitada, a mais "amada". Quando isso não se confirma, o sentimento de perda experimentado pela mulher é grande.

Ela (a filha) não dorme na casa de ninguém, porque ela sempre dormiu com ele (o pai). Às vezes era mais fácil - que é um ponto que a gente sente enquanto mãe - ela dormir com ele do que comigo, porque ela dormia mais com ele do que comigo, porque eu dava três plantões noturnos por semana. Aí quando eu estava em casa e ele chegava, ela não queria ficar comigo, ela queria ficar com ele. (Denise).

Denise se ressentida quando perde esse espaço na vida da filha, é o lugar de preferida da filha que ela sente ameaçado. Na medida em que o pai passa mais tempo com a filha, essa se apega mais a ele e isso é visto por Denise como uma espécie de rejeição.

É horrível, né? Parece que você fica sendo rejeitada, mas você tem que aprender a conviver e entender que ela (a filha) era acostumada a dormir... Mas até hoje ela dorme bem com ele... Ela diz: mainha tu vai para o plantão? Aí eu digo: vou não. Agora que eu já deixei mais um tempo de dar esses plantões noturnos, até seis meses atrás eu dava plantão noturno, dei uma parada e estou dando esses três diurnos, que é muito pouco em relação a quem trabalha com medicina. (Denise).

A entrada do homem na esfera doméstica também pode ser harmoniosamente recebida, desde que seja parcial, e o domínio da mulher nessa esfera seja respeitado, como pontua outra entrevistada:

Isso eu aprendi com meu pai, porque eu tenho dois irmãos homens e meu pai quando acordava, já aposentado, varria o quintal, a frente da casa pra ajudar minha mãe, até porque ele era militar, então ele já viajou, já morou só e sabia fazer as coisas. Ele era daquele tipo de homem que ajudava a mulher, então quando a gente cresceu os meus irmãos lavavam o terraço e a gente arrumava dentro da casa. Ele sempre mostrava que não era desonra o homem pegar numa vassoura. Então, eu acostumei o meu filho a, desde pequenininho, lavar a cuequinha dele. Eu criei assim, até porque como é que eu vou viver com duas pessoas em casa que não me ajudam, que eu sempre vou ter que fazer? O meu filho é daquele que, com certeza, quando for casar, sabe que vai ter que ajudar. (Angélica).

É interessante o modo como essa entrevistada se refere à participação do marido nas atividades domésticas: ele a ajuda. Fica implícito que o dever, a obrigação com essas tarefas é dela, mulher. Porém, ele, o homem, pode ajudá-la e isso o transforma numa espécie de herói, de exceção. Ele é um tipo de homem à parte, não é como os demais. Por outro lado, ter um marido que a ajuda nas tarefas domésticas também a torna uma mulher especial, ou de muita sorte ou muito poderosa, pois consegue fazer com que um homem aceite "participar" de tarefas que "deveriam" ser suas.

Outro aspecto que chama a atenção, no caso dessa entrevistada, é o modo como se dava a divisão das tarefas domésticas em sua família de origem. Apesar dos homens da casa, seu pai e irmãos, "ajudarem" nos afazeres domésticos, ficava clara a divisão dos espaços em sua família: aos homens (seu pai e irmãos) cabia ajudar, com o terraço - parte da casa com maior acesso ao espaço público - e às mulheres cabiam o cuidado com o interior da casa onde nem todos têm acesso. (...) *os meus irmãos lavavam o terraço e a gente (as mulheres) arrumava dentro de casa (Angélica).*

Assim, Angélica já reproduz esse mesmo esquema educativo ao criar seu filho: nutrindo a consciência de que a ajuda à mulher, na esfera doméstica, deve

acontecer, embora isso não tire dessa a responsabilidade pelo cuidado com o lar. A entrevistada considera essa ajuda valiosa, uma vez que permite que a mulher tenha suas tarefas domésticas amenizadas, podendo assim, dedicar-se melhor ao trabalho e ao investimento profissional, aspectos importantes em sua vida, já que atestam sua libertação de um modelo restrito de criação.

Rosana, uma outra entrevistada, considera que em sua dinâmica familiar há espaço para uma conduta de maior flexibilidade em relação à responsabilidade pelas tarefas domésticas, embora ainda acredite ser sua a responsabilidade por elas. A "permissão" dada ao marido para participar nessa esfera parece não estar vinculada apenas a um modo flexível de agir, mas, sobretudo, a garantir o poder de Rosana sobre a casa, uma vez que é ela quem vai delimitar os espaços dele, no âmbito doméstico.

(...) Meu marido é muito bom, me ajuda em muitas coisas, se dispõe a fazer, mas de qualquer forma, o encargo fica mais para a mulher mesmo. (Rosana).

Algumas idéias sobre a natureza feminina, como a responsabilidade da mulher pela casa, ainda estão muito presentes na atualidade, e uma delas é a de que a mulher é, de fato, a cuidadora não só do lar, como dos outros e, para não se sobrecarregar com os serviços domésticos e nem perder o poder que ela possui na esfera do lar, a entrada do homem nesse âmbito é permitida mesmo que seja apenas para contribuir minimamente (VANEK, 1998). Sobre a ajuda do homem no lar, outra entrevistada pontua:

Meu marido até que é um dos bonzinhos, porque ele não é um dos piores não, mas no jantar a menina fica agoniada do lado dele: painho, papai, papaizinho e ele olhando pro jornal na televisão, e eu digo pra ele que ele se abstrai, a menina pode se

esgoelar, aí eu pego vou, resolvo, faço. E isso são só alguns exemplos. (Denise).

Desde a instituição da idéia de natureza feminina, sobretudo no período burguês, em que nela estava compreendido o modelo da mulher-mãe e do amor materno, que a mulher é a primeira responsável pelos filhos. Dessa forma, mesmo com todas as conquistas que elas obtiveram em muitos espaços, a idéia de que "mãe, só tem uma" confirma que ninguém, além da própria mãe, está capacitada para exercer esse papel. Por essa razão, o máximo que se conseguiu de evolução nesse aspecto foi a entrada do homem, do pai, como um ajudante, e embora a mulher reclame de seu pesado fardo, já que a criação dos filhos é mais uma responsabilidade acumulada, ela parece não desejar deixar espaço para que o homem possa ter uma postura mais participativa, já que isso tiraria o seu maior trunfo no lar, e a destituiria do seu lugar de capital simbólico para a família. (PRIORE, 1997).

Para outra entrevistada, a vida doméstica assume contornos mais compartilhados, no que trata do exercício das funções nesse âmbito. Ela demonstra que a participação do marido nas tarefas domésticas é uma exigência que ela faz e explica como isso se dá:

Eu também jogo responsabilidades sobre a pessoa. Eu acho assim: se a gente acorda junto, sai junto... Porque antigamente a mulher era empregada do homem e eu não acho isso, então até ele reconhece que ajuda. Eu sou daquelas que estou cozinhando e vou lavando as coisas, mas quando chega naquele final que, sobra os pratos, na cara de pau, eu não lavo, ele lava. Roupa, realmente não, porque tem a máquina e ela lava, mas pra ajudar ele ajuda, às vezes a gente fica conversando enquanto eu estou cozinhando e aí ele vai cortando as verduras, lava um prato. Por exemplo, quando a gente acorda ele diz pro meu filho, que faz a papa dele sozinho, lavar os pratos que ele sujou no café da manhã para não deixar para eu ter que lavar. Eles mesmos reconhecem que têm que ajudar; então, assim quanto ao papel de

homem eu me sinto realizada porque eu tenho uma pessoa que me ajuda. (Angélica).

Mais uma vez é confirmado o fato de que o homem que *ajuda* sua mulher em casa é visto como um herói, e a mulher que tem um desses ao lado se sente uma felizarda. Angélica, do mesmo modo que as demais entrevistadas, acredita que o espaço doméstico deve ser conduzido por ela, que é sua responsabilidade, seja quando assume todas as responsabilidades sobre essa esfera ou mesmo quando controla, regula e exige a entrada de seu companheiro nas atividades do lar.

Além disso, ela considera uma conquista o fato de fazer com que seu filho e marido compreendam que devem ajudar. Sua posição pode ser explicada, como sendo respaldada em uma construção histórico-cultural sobre os papéis de homem e de mulher na sociedade.

Apesar da constatação do poder da mulher, exercido através da ocupação do mundo privado, diante de uma cultura social que privilegiava a rua como detentora das grandes produções e feitos, o trabalho doméstico era considerado pobre, comparado à grandiosidade do que acontecia no mundo público, mundo do homem, que atesta não somente a separação dos espaços público e privado, mas, privilegia um em detrimento do outro. A esse respeito Kehl (1996) diz:

O pacto civilizatório que separou os universos masculino e feminino, que fez os homens violentos por medo da passividade "feminina" e as mulheres sexualmente resignadas, tendo filhos como único consolo, talvez seja a forma mais arcaica e mais generalizada de doença mental socialmente produzida. (KEHL, 1996. P.69).

3.3 - A Mulher- Mãe e o Amor Materno

As idéias que privilegiavam o domínio da casa, pela mulher, e viam o trabalho doméstico como sua função, desempenhado no seio familiar, e a maternidade como seu destino foram emitidas através da concepção de natureza feminina. Essa condição natural, de servir aos outros, não passava de um conjunto de estratégias de manipulação sobre a mulher. Segundo Rocha-Coutinho (1994), a naturalização dos papéis atribuídos às mulheres era uma manobra de ocultar a mulher, criando para ela a dificuldade, e até impossibilidade de realizar algo que divergisse da sua condição naturalista, escondendo as relações de poder estabelecidas através dos gêneros, mantidas até hoje, especialmente quando relacionadas à esfera doméstica.

Essas idéias naturalistas podem ser observadas, na atualidade, na fala de uma das entrevistadas.

Porque é engraçado, o homem chega em casa, tá cansado, vai dormir. A mulher chega em casa cansada e vai ver se o menino fez a tarefa, vai ver se as coisas estão prontas, quando tem uma coisa errada é a mulher que tem que resolver. Então, assim, meu irmão diz que eu estou errada. Na verdade eu não sei, é uma teoria que eu não sei, é uma vida ideal... a mulher ser independente, trabalhar um expediente e ter o outro pra cuidar de outras coisas, porque é um tempo que ela necessita. Ele [o irmão] diz que ele também trabalha, ele é advogado, também é professor, mas eu digo que quando ele quer trabalhar ele se tranca dentro do seu escritório e os meninos que endoitem, mas uma mãe não faz isso, na maioria das vezes. (Denise).

A entrevistada ressalta que não é apenas porque é médica que se sente sacrificando a vida familiar, pensa que isso acontece em proporções maiores ou menores com todas as mulheres. A seu ver, isso faz parte da atual condição

feminina e ela trata o assunto como uma questão de gênero. Se dá conta da diferença de comportamento entre homens e mulheres, porém, ao invés de questionar os condicionantes sociais desses comportamentos, trata como se isso fosse natural e, assim, prefere reivindicar um trabalho mais leve para a mulher do que para o homem; pois, no seu entender, a mulher necessita disso: *é um tempo que ela necessita*. Trata como se fosse natural a divisão de trabalho por sexo. Porém, percebe-se, em sua fala, um certo desconforto, até mesmo incômodo com a diferença estabelecida socialmente entre os sexos. Não há, nela, uma plácida conformação, ao contrário, percebe-se uma inquietação.

Outra entrevistada salienta que há trabalhos mais adequados às mulheres, tendo em vista sua conformação física, demonstrando a influência de uma visão de mulher, naturalista.

*Existem tipos de serviços que, realmente, para minha capacidade física eu não me comparo a um homem, eu não faço, como trocar uma água. Existem mulheres que realmente fazem, mas eu não, eu não me sinto tão dinâmica para fazer algumas funções que o homem pode fazer realmente. Eu não estou dizendo que eu sou sexo frágil, mas é devido ao meu porte físico, eu não tenho condições, mas em relação ao trabalho de secretaria de escritório, o nível que eu trabalhei, eu acho que não tem nada a ver, porque tanto a mulher quanto o homem pode se sobressair num cargo de chefia, de diretora, de presidente (...) Então são coisas **relacionadas à força física** que eu acho que o homem está por cima. Mas nas outras coisas nós somos iguais a eles, como na capacidade e na inteligência. (Angélica). (Destaque nosso).*

Ainda reconhecendo que há mulheres que superam esses limites "físicos", Angélica deixa transparecer o quanto está impregnada, vivendo a contradição das concepções que dividem os sexos, tanto no que diz respeito a deveres quanto a direitos, com base em características pseudonaturais.

Rocha-Coutinho (1994) coloca que esse modo de pensar e agir é que vem possibilitando a continuidade do domínio do homem sobre as mulheres, ainda que disfarçado em forma de proteção. Por outro lado, também permite às mulheres desenvolverem um tipo de controle muito sutil e especial dentro do lar.

Se ao homem cabia a produção no âmbito público, à mulher cabia a reprodução no espaço privado, sobretudo de filhos que exibiam socialmente a virilidade de seu esposo, além do número de filhos também representar uma sólida imagem familiar.

A maternidade era o destino da mulher burguesa, pois significava "a atividade mais invejável e doce que uma mulher pode esperar" (ROCHA-COUTINHO, 1994. p. 36). Segundo a referida autora, a família moderna se volta para a mãe, atribuindo assim, a essa mulher, uma importância que até então ela não possuía. O amor materno passa a significar, então, a maior expressão da presença do sentimentalismo na esfera privada. A imagem da mulher associada ao sentimento e até mesmo ao sagrado ainda é uma realidade no imaginário de algumas mulheres.

Pra mim a mulher é uma coisa que já vem de bíblia. É a mãe, é o amor. A mulher mesmo é uma pessoa amável, lutadora (...) Para mim mulher é uma coisa muito boa, é o amor, a compreensão. (Angélica).

Tolhida na participação social, a mulher, através da maternidade, afirmava seu poder na casa e orgulhava-se de seu maior feito, sua maior produção: seu filho, objetivo maior na concepção de natureza feminina. Ter um filho, porém, estava muito além do que apenas cumprir com o que esperavam socialmente da mulher, ou seja, que ela procriasse. Procriar significava que um ser indefeso, o filho, precisaria de um cuidado e assistência que apenas a mãe estaria apta a

oferecer. Sendo assim, a maternidade ampliava a importância da mulher, já que ela passava a ser diretamente responsável por toda a formação de seu descendente.

Atualmente, mesmo admitindo-se a entrada masculina no espaço doméstico, ainda faz parte do imaginário feminino que o cuidado com a casa e com os filhos é tarefa das mulheres, especialmente o cuidado com os filhos, pois ela é quem "sabe" desempenhar esse papel. Por mais que o homem ajude ou participe desse cuidado, é ela quem detém o "saber" sobre o cuidar do descendente.

(...) ele (o marido) nunca reclamou muito, reclama assim, no fim de semana (quando ela dá plantão no final de semana). Ele chiava um pouco, mas eu já dei muitos plantões... Talvez porque ele ficasse com a menina, além de ficar em casa. Talvez fosse pra casa da mãe dele, mas ainda tinha que ficar com minha filha pequena. Realmente pra um homem ficar com uma criança, uma menina pequena. é complicado. Às vezes não tinha babá, então tinha coisas que ele... (grifos nossos). (Denise).

A filha é dela... é complicado pedir a um homem que cuide de uma criança, ele não foi treinado para isso, é assim que ela pensa. É necessária outra mulher para ajudar, uma babá, uma avó, etc. A forma como Denise pensa a questão do cuidado com sua filha implica numa aprendizagem coerente com a definição de papéis estabelecidos pela organização cultural; é um produto cultural, no dizer de Rocha-Coutinho (1994, p. 40-41):

Esta divisão, que tem raízes biológicas na reprodução da espécie, é, no entanto, transportada para a cultura, onde se cristaliza em valores e instituições, deixando de ser natural para se transformar em um produto cultural. Afinal, o gênero é uma aquisição cultural. Ele é a forma social que adquire cada sexo, o que se obtém através do processo de socialização que prepara os sujeitos para que cumpram adequadamente seu papel, enfim, para que sejam o, que se diz que são por natureza. Assim, "ser mulher" equivale a

cumprir com o estereótipo de gênero, mais além das particularidades e potencialidades individuais e de sexo.

A idéia de que a mãe é a única capaz de cuidar das crianças é mais um aspecto vinculado à idéia da naturalização de características e tarefas da mulher. Na cultura da família burguesa, entendia-se que a mulher possuía, entre outros atributos "naturais", o amor materno que faria com que ela se doasse incondicionalmente ao seu filho e a toda atmosfera que favorecesse o seu desenvolvimento sadio. Dessa maneira, as características biológicas passam a ter um significado social.

A importância da mulher-mãe é ampliada, à medida em que não cabe apenas a ela atribuir ao filho os cuidados físicos necessários ao seu desenvolvimento, como a nutrição. Mas, além disso, a mulher passa a ter uma nova função: a educação da criança. Na cultura da família burguesa, as crianças passam a receber maior atenção por serem consideradas como responsáveis pela sociedade do amanhã.

Segundo Badinter (1985) o culto à idéia naturalista do amor materno se constituía como uma manobra do Estado para a preservação de seu poder.

De acordo com a referida autora era comum, mesmo no núcleo familiar burguês, que as mães não amantassem e nem cuidassem diretamente de seus filhos, sendo esses cuidados por amas de leite. Segundo ela, esse cuidado indireto era uma das razões para o constante acontecimento de mortes em crianças recém-nascidas -decorrentes da falta de cuidados específicos ou pela falta de conhecimento das parteiras. Entretanto, mesmo com o alto índice de mortalidade infantil, sobretudo no período posterior ao nascimento, a prática de envio das crianças aos cuidados das amas de leite ou até mesmo aos asilos -

nos casos de crianças abandonadas -não era condenada pela ideologia moral e social da época.

Foi no final do século XVIII que o Estado começou a se dar conta de que as crianças nasciam e morriam sem ao menos terem contribuído para o enriquecimento da nação. Foi assim que passou a se interessar pelo primeiro período da vida da criança, comumente negligenciado pelos pais, pois era bom que elas se desenvolvessem, ficassem adultas e se transformassem em força produtiva.

Respaldado nesse interesse passou a lançar mão de argumentos sobre o cuidado, inerente à natureza feminina, para que a assistência às crianças pudesse acontecer de forma mais próxima, o que, em tese, asseguraria a sobrevivência das mesmas e possibilitaria seu desenvolvimento.

Ao Estado importava que as crianças se desenvolvessem para que houvesse um aumento populacional, pois era preciso ter trabalhadores que fortalecessem a economia de mercado. Além disso, era necessário ter soldados que protegessem seus interesses. Assim, o processo de formação das crianças contava com uma intervenção educacional específica que seria realizada pela mãe.

A responsabilidade pela educação era de extrema importância, uma vez que dela dependia o destino da família e da sociedade. A mãe era a primeira educadora das crianças, a mentora, e com este papel ganha um "status" diferenciado. Rocha-Coutinho (1994, p.37) afirma:

A função educativa da mãe vai dar à mulher um "status" muito especial: governando a criança, a mãe passa a governar o mundo. Sua influência estende-se, assim, da família à sociedade, e todos repetem que os homens são, na verdade, o que as mulheres fazem deles.

A mulher era considerada uma boa educadora quando conseguia desfrutar de uma confiança incondicional de seu filho, sendo através desse mecanismo que ela poderia manter, sobre o mesmo, a vigilância necessária para um desenvolvimento desejado (determinação de seu destino). Deveria controlar seus passos, pois caso não o fizesse e ele não correspondesse ao que era esperado socialmente dele, ela poderia ser culpabilizada e responsabilizada por uma má educação.

Esse cuidado com o filho, ao mesmo tempo em que expressa uma espécie de poder da mulher sobre o bem mais precioso do âmbito privado, também expressa sua confinamento ao lar:

São os filhos que atam a mulher ao lar e determinam algumas exigências práticas, algumas limitações, alguns papéis sem os quais nos parece impossível pensar o feminino. (KEHL, 1996. P.55).

Hoje, a mulher não mais admite ser apenas mãe e dona de casa. Seus horizontes se ampliaram e, apesar de uma certa nostalgia, de um desejo de uma vida mais "tranquila", ela é constantemente interpelada a assumir uma posição de sujeito ativo no âmbito público, principalmente na esfera profissional, e atende a essa interpelação.

Eu gosto de estar em casa? Gosto, mas não tenho vontade de ficar... A primeira semana é ótima, descansa, a partir daí te dá uma angústia de estar dentro de casa: ser só mãe e dona de casa e isso aí, eu não agüento, mas que uma vidinha mais amena... Porque eu gosto muito de ser mãe, isso é verdade, eu gosto muito de estar com a minha filha, eu tenho a maior paciência do mundo com criança, eu gosto. Minha profissão não é ser mãe... eu não deixaria (minha profissão) só pra ser mãe, só numa extrema necessidade... (Denise).

No entanto, para algumas mulheres, vivenciar as duas esferas ainda é uma experiência difícil. No caso de Denise, em especial, o desejo por, como ela diz, "uma vidinha mais amena" é muito forte. Essa "extrema necessidade" de que ela fala, necessidade de dedicar-se só ao lar, parece que se apresenta vez por outra, em sua vida. Denise já se afastou do trabalho nesses poucos anos de casada, por diversas vezes.

Quando eu engravidei, eu comecei a ter que me afastar um pouco, então eu já perdi alguma coisa, minha gravidez foi complicada e, talvez por isso eu perdi o primeiro bebê. Logo em seguida, engravidei de novo e essa gravidez foi complicada, minha nenê nasceu de sete meses. Depois que ela nasceu eu fiquei mais três, quatro meses em casa, então terminou que eu fiquei muito tempo em casa e quando eu voltei foi praticamente do zero. Então recomecei, mas tinha todo esse problema na minha cabeça de trabalhar e deixar minha bebê em casa... (Denise).

É como se, ao ser convocada pela necessidade de cuidar de sua filha, Denise não hesitasse em fazê-lo. Atende ao apelo da identidade feminina tradicional e, como mãe, tem por sua filha uma extremada dedicação, mesmo que isso signifique abdicar de coisas que considere importantes para si.

Outra entrevistada, no entanto, aponta para um exercício diferente da maternidade hoje, ainda que lhe faça restrições. Ao vivenciar o ser mãe x profissional, sente medo, sente-se sem escolha, idealiza o exercício da profissão, mas termina por admitir que não abre mão de ser mãe e terá que o ser, fazendo como todas as mães atuais fazem. Encontra uma saída para a contradição vivida ainda que não se sinta satisfeita com ela, uma vez que conserva como ideal de mãe, um modelo tradicional.

Eu tenho esse sonho de ser mãe, de ter uma casa, mas eu fico pensando em como é que vai ser, eu o dia todo trabalhando, e quem é que vai criar o meu filho? Uma babá? Esse é um defeito que tem a sociedade hoje, assim pela mulher ter que passar um

dia inteiro fora, então ela não tem muita presença com o filho e isso me preocupa. Assim, eu não abduco disso, mas eu fico em dúvida e acho que vou ter que fazer como todas fazem: ter que trabalhar e deixar o filho com outra pessoa, mas esse é um grande medo que eu tenho: de até que ponto a sociedade chega que você não tem outra escolha, tipo assim, você quer ter uma família, mas você vai ser uma pessoa ausente, não vai ter aquela dedicação que eu achava bonita nas mulheres de antigamente. Elas se dedicavam à casa, embora muitas delas não fossem felizes com aquilo, porque muitas viviam oprimidas, sem poder fazer o que queriam, mas só em você cuidar da casa e da sua família eu acho muito importante. Eu queria a oportunidade de trabalhar meio expediente e aí meu filho ia estar na escola e quando eu voltasse, no outro expediente, eu ia poder cuidar dele. (Adriana).

A maternidade é um sonho para Adriana. Admitir seu desejo fê-la perceber que não é uma supermulher e que terá que fazer como todas as outras fazem, pedir ajuda. Sente uma certa nostalgia em relação às mulheres do passado, ainda que se dê conta que há perdas e ganhos nesse novo papel que ela vivencia do mesmo modo que aquele vivido pelas mulheres de antanho. A responsabilidade de cuidar dos filhos ainda pesa mais sobre as mulheres, mas hoje já encontramos uma maior divisão de tarefas domésticas entre os novos casais. No entanto, esta ainda é uma grande preocupação feminina: se tenho que me dedicar a uma profissão, se devo lutar em igualdade de condições por uma capacitação profissional e um lugar no mercado de trabalho, como posso ser boa mãe? Sendo assim, a presença no espaço público deixa a mulher realizada por um lado; por outro, sente-se culpada e pensa que está sendo negligente em relação aos cuidados com os filhos. (JABLONSKI, 1998).

Adriana considera difícil constituir uma vida familiar. Inicialmente porque essa concretização a fará vivenciar contradições para as quais ela ainda não enxerga uma forma de superação; depois porque percebe o afastamento prolongado da mulher do espaço doméstico para atender à profissão como uma

imposição social sobre a qual não se vê com nenhuma liberdade de escolha. Parece não perceber que enquanto sujeito lhe cabe romper esses limites impostos pela sociedade, essa é uma responsabilidade sua. A esse respeito Rey (2003, pág. 237) afirma:

A condição de sujeito é essencial no processo de ruptura dos limites imediatos que o contexto social parece impor, e é responsável pelos espaços em que a pessoa vai modificando esses limites e gerando novas opções dentro da trama social em que atua.

O fato de não se sentir confortável atendendo a essas duas demandas: a maternidade e o desempenho profissional, de modo satisfatório e na mesma intensidade, faz com que nossa participante considere a sociedade atual como criadora de problemas para o exercício da "boa maternidade". Sente como se às mulheres fossem atribuídos o poder e o dever de serem completas, absolutas, onipotentes; e fosse um defeito compartilhar obrigações, tanto com outras mulheres quanto com os homens. Coloca certas atividades, tipo cuidar de um filho quando ele adoecer, preparar a comida do marido, como obrigações exclusivas da mulher. Ela não fala em compartilhar essas tarefas com seu futuro marido. No máximo pensa em ter o apoio de outra mulher, uma empregada, por exemplo, para dar suporte a essas necessidades. Presa a um modelo tradicional, se afasta da construção de novos sentidos que possibilitem a assunção de uma identidade mais criativa e dessa forma, abra espaços sociais e relações novas que abriguem sistemas de ações e valores, também, novos (REY, 2003).

É um conflito muito grande, pois ao mesmo tempo em que você se realiza trabalhando, e também você precisa trabalhar, você também se realiza muito cuidando de um filho e, ao mesmo tempo, participar da educação dele, então você está em cima do

muro e tem que saber o que fazer. Então você vai ter que tentar fazer bem as duas partes para um dos lados não sofrer e você, ao mesmo tempo, não ficar em crise, porque muitas pessoas ficam em crise. Eu vejo no trabalho mesmo: "ah, meu filho está doente". Que terrível você trabalhar o dia todo sabendo que o seu filho está doente e não poder estar com ele! Saber que o marido vai chegar e que não tem certa coisa pronta para ele comer! Quando você tem uma certa condição para ter uma pessoa que faça as coisas por você para você só administrar, aí é diferente, mas em questão de filho é o que mais me preocupa, muito mais que o marido, porque este sabe se cuidar. (Adriana).

Adriana já percebeu que arcar com todas as solicitações dessas esferas é uma tarefa que exige demais dela e que está longe de levá-la a um sentimento de realização.

Dentro da trama social em que atua, ela se subjetiva em meio há uma miscelânea de forças de todas as espécies, forças essas, contraditórias, que a impulsionam a desejar a independência, reconhecimento profissional e, ao mesmo tempo, ter um companheiro e ser mãe. De acordo com Gomes (1998) o exercício do trabalho significa para a mulher muito mais do que a simples entrada num domínio masculino, significa uma autonomia maior, em que a mulher pode fazer escolhas e, principalmente, não ser reconhecida apenas por sua situação conjugal, isto é, possibilita à mulher, ser reconhecida como um indivíduo. Por outro lado, a maternidade, bem mais do que um evento biológico diz respeito a um reconhecimento social da mulher enquanto tal. O que dela se espera é que procrie; dessa forma ela se sente convocada a viver essa experiência e corresponde à representação construída em torno da maternidade.

Outro ponto destacado por ela na entrevista, diz respeito à "necessidade" (consumo) de um aparato para tornar possível a vivência simultânea nas duas esferas em questão. Dessa forma, poder pagar por uma pessoa que cuide da casa, dos filhos, do jantar, pagar pela condução escolar, pelos cursos de línguas

para os filhos e por outros serviços disponíveis, hoje, é o que Hareven (1998) chama lançar mão das novas tecnologias que, ao seu ver não conseguiu tirar as responsabilidades do âmbito da casa da mulher, apenas atenuou o seu número de tarefas. E, por outro lado, exige uma corrida mais intensa por uma "boa" remuneração, uma vez que todas essas atividades custam dinheiro. Desse modo, a mulher deve, também, trabalhar mais, especializar-se mais, etc., gerando um ciclo vicioso: "trabalho muito porque necessito pagar outras mulheres e/ou especialistas para realizar tarefas que antes eram feitas por mim".

De todo modo, Adriana indica em seu discurso que vivencia um processo que poderá desembocar na construção de uma nova identidade feminina. Ainda que nesse momento de sua história esteja sob a influência de um modelo de mulher tradicional, já vislumbra que esse se torna a cada dia mais inadequado em relação à realidade da mulher atual.

Outra entrevistada, Denise, refere experimentar, além de culpa -por não poder dedicar atenção integral à filha em razão das exigências profissionais -um enorme sentimento de perda, por não exercer a maternidade considerada ideal, a "boa maternidade", já que lutar por um espaço num mundo laboral restringe o tempo dedicado à casa e aos filhos.

Eu vivencio perdas na vida pessoal porque, como eu te disse, eu sou anestesista e tô aqui nesse recinto doze horas direto: saio de manhã cedo de casa e só saio daqui à noite. Em muitos plantões nós ficamos assim: vinte e quatro horas direto. Então, eu tô assim três vezes na semana. Eu consigo organizar minha filha até às seis e meia da manhã. Ela vai para a escola e eu vou para o hospital, porque tenho que estar lá às sete horas. Ela fica na escola e chega às onze e meia, então fica sozinha com a empregada e nós ficamos monitorando, por telefone, UMA CRIANÇA DE TRÊS ANOS. Então assim, uma das perdas é essa. Eu sei que outras profissões também perdem, mas é que eu tô falando em relação à mulher trabalhando em si, o que eu passo. (Denise).

Quando se refere às perdas que sofre, Denise está fazendo alusão, principalmente, ao exercício do papel de mãe. Para ela ser mulher é, entre outras coisas, ter o privilégio de ser mãe. Esse, no seu entendimento, é o lado prazeroso do ser mulher, e, ao se ver privada de acompanhar mais de perto o crescimento da filha, sente-se perdendo parte importante de sua vida pessoal. Deixa claro o mal estar que experimenta por deixar a filha, como ela mesma diz: *UMA CRIANÇA DE TRÊS ANOS*, aos cuidados de uma empregada e sendo *monitorada por telefone*. Uma vez que é médica, sente-se ainda mais sacrificada do que se tivesse outra profissão, pois os horários de trabalho tanto podem ser diurnos quanto noturnos e, além disso, são prolongados, plantões de doze a vinte e quatro horas. Porém, esse sentimento pode ser detectado na fala de outras participantes dessa pesquisa, revelando a situação vivida por diversas mulheres independentemente da profissão que exerçam.

O processo de constituição de novas identidades é permeado por práticas e sentimentos contraditórios. Para Rey (2003) o sujeito se compromete com uma prática social complexa que o transcende, mas é diante dela que ele se organiza e faz opções pessoais que possibilitam seu crescimento no contexto dessas práticas sociais.

3.4 -A Conjugalidade na Vida da Mulher

A sociedade burguesa restringiu a vivência dos afetos ao âmbito das relações familiares e isso implicou, de acordo com Rocha-Coutinho (1994), um processo de construção social sobre a conjugalidade que imprimia um novo conceito de amor entre homens e mulheres: o amor romântico.

Segundo Costa (1998), o sujeito amoroso é o resultado de uma fabricação histórica. Nesse sentido, ele aponta que o amor romântico foi inventado especialmente pela crise na sociedade de corte - que exigia, de forma demasiada, comportamentos de civilidade, obrigando os indivíduos a manter um controle intenso sobre si mesmos, sobre suas emoções e sentimentos. Além disso, a idéia ocidental de considerar a imagem do amor como algo inerente ao sujeito fez com que o ideal do amor romântico se fortalecesse, uma vez que o encontro com a felicidade ou com a infelicidade passava a depender do destino que o sujeito tomava em relação ao amor.

Assim, o amor romântico se configurou numa relação entre um homem e uma mulher que mantinham entre si uma atração sentimental apaixonada, excluindo, portanto, a participação de uma terceira pessoa nesse contato. Essa forma de vivenciar os sentimentos lançava mão de uma espécie de ética do amor, em que os apaixonados se submetiam a certas normas sociais para manter, de maneira sólida, esse vínculo. Tal ética pressupunha, principalmente, um compromisso com a fidelidade e a subordinação do sexo à grandeza do sentimento do amor. Dessa forma, o casamento passava a ser o ponto alto do amor romântico, pois era nele que as emoções podiam ser vividas de forma mais próxima e livre entre os cônjuges e o sexo passava a ser mais aceito, uma vez

que objetivava a procriação. Assim, o amor romântico era visto como prudente, já que se voltava à reprodução da espécie e à manutenção da ordem social.

Quando analisamos mais detidamente o amor romântico imaginado pelos autores, vemos que, pelo menos, cinco injunções estão contidas nele: a) a idealização de um sentimento pessoal, apresentado como pleno, mágico, extático e superior em intensidade e gozo a qualquer outra experiência emocional do indivíduo; b) a desqualificação moral do exercício puramente físico da sexualidade; c) a exigência de uma sexualidade livre e, ao mesmo tempo, submissa ao amor. Só esta última condição a torna digna do amor sublime; d) o estabelecimento da sexualidade como pré-requisito da realização do amor sublime e a conseqüente "sexualização do universo" e, por fim, e) a exigência de que o indivíduo entregue sua chance de felicidade ao acaso, já que a ele pertence o poder de revelar a pretensa imagem do ser amado que ele possui sem saber, e que corre o risco de jamais encontrar enquanto viver, pois pode sempre confundir-la com mais uma miragem (COSTA, 1998. pp.73-74).

Essa forma de amar romanticamente é um tipo de aprisionamento do sujeito, pois além de exigir uma sujeição total às normas sociais, essa maneira de amor sempre acontece de forma pré-estabelecida, como se não servisse ao indivíduo o surgimento do amor de forma diferenciada da poesia, do romantismo, do drama que permeavam "naturalmente" o literal aparecimento do amor em suas vidas.

Perceber as dificuldades de se viver o amor romântico não quer dizer que ele deva ser alvo de críticas, pois esse tipo de vivência dos sentimentos estruturou, por muito tempo, as relações em sociedade. Parece que hoje o que cabe às pessoas é encontrar novas maneiras de viver o amor, sem que o sujeito se aprisione ao mesmo e nem tenha que se submeter a requisitos tão rígidos para experimentá-lo.

As relações afetivas entre homens e mulheres sempre foram alvo de interesse, talvez por sempre encontrarem uma forma inovadora de se manter

tradicional. Pensando nisso, trouxe a fala de uma entrevistada, que reflete uma forma singular de viver a conjugalidade:

Assusta muito ser essa mulher. Assim, falando da parte masculina. Eu já tive alguns namorados que chegaram a dizer que tinham medo de mim. Medo porque eu sempre fui uma pessoa de muita opinião, de atitude, que assim assusta, porque comigo eles queriam ter um espaço que eles talvez tivessem encontrado em outras mulheres: de submissão, e eu nunca fui essa mulher submissa que alguns homens esperam. Não sou mesmo, submissa. Ser essa mulher não é um valor que eu cultivo, em alguns casos eu vejo até como um defeito. Porque querendo ou não somos muito mais fragilizadas, a gente tem aquela mentalidade de que sou independente, eu posso, mas querendo ou não, a gente ainda tem na sociedade aquela visão de submissão, então quando você não é submissa e tem um comportamento diferente você assusta, como eu disse. Então, quando eu faço isso demais é que eu vejo que isso já saiu um pouco de controle, então eu vejo que isso é um defeito. Mas eu não me assusto, eu me sinto superbem. Eu não exagerando na dose, sabendo viver em conjunto com um homem, não querendo ser melhor, mas também não querendo ser inferior, eu me sinto bem. (Adriana).

Nesse trecho da entrevista é visível a contradição vivenciada por Adriana. Ao se deparar com uma representação do feminino submisso aos homens e não se sentindo enquadrada nesse modelo, Adriana experimenta diversos sentimentos. Ora fala de si mesma como uma mulher determinada a ser livre e independente financeira e emocionalmente, uma mulher que planeja e luta por suas metas, uma mulher que se mostra precisa e articulada, mas na medida em que aparece o desejo de constituir uma família, de ter um parceiro, essa segurança desaparece. Tenta encontrar um equilíbrio entre ser independente e não assustar os homens. Resiste bravamente a conformar-se a um lugar de inferioridade em relação a esses. Por vezes considera que exagera na dose, ser independente parece ser algo novo para ela, algo inusitado, algo com o qual ela está aprendendo a lidar com serenidade.

Durante séculos, ser submissa fez parte da identidade feminina e, portanto, influenciou as mulheres em seus modos de relacionar-se com os homens. É difícil para Adriana desvincular-se por completo dessa representação de mulher que, em parte, legitima um tipo de identidade feminina. Silva (2000) pontua que a representação da identidade é, como qualquer sistema de significação, uma forma de atribuição de sentido. Sendo assim não estabelecer um vínculo com a identidade submissa é, entre outras coisas, perder um aspecto que dá sentido a uma concepção de mulher.

Nesse jogo chamado relacionamento, Adriana prioriza ditar as regras. Dessa forma, orgulha-se por não se submeter ao homem, mas, ao mesmo tempo constata que nenhum casal vive bem, sem que os espaços sejam cedidos na relação. Essa inquietude é o preço que a entrevistada paga por viver numa época de transição, em que as identidades foram desconstruídas e nada é garantido, não há um referencial seguro. A situação vivida por Adriana é bem típica da nossa época, posto que é pedido aos sujeitos que ocupem novas posições e, no entanto, as velhas posições ainda não foram abandonadas e são enfatizadas em nossas representações do que é ser homem e do que é ser mulher. Abrem-se novas possibilidades, novas alternativas ao amor romântico, porém, como todo processo criativo, demanda um grande investimento por parte dos sujeitos.

Para Figueira (1987), esse desalojamento da identidade tradicional e a indefinição na nova identidade são frutos das inúmeras possibilidades de auto-representação da atualidade.

Eu teria que aceitar um homem que aceitasse a minha independência, que ele vivesse bem com isso e não se assustasse com o fato de eu ganhar meu dinheiro e até ganhar mais do que ele, quem sabe? (Adriana).

Apesar de Adriana priorizar, em sua fala, seu desenvolvimento profissional - até porque essa postura lhe assegura, em tese, a conquista de certos "espaços", ela também deseja um parceiro e constituir uma família. É como se, diante de tantas exigências na esfera profissional, a casa pudesse resgatar a afetividade, sendo uma espécie de refúgio num mundo de competição e luta por um lugar ao sol, que caracteriza o mundo público (LASCH, 1991).

Para Giddens (1996), o amor romântico se constituía através da integração de três fatores: a criação da casa, a relação pais e filhos e a maternidade. Esses fatores fortaleciam a idéia da restrição da tarefa feminina ao âmbito privado, e assim, legitimavam a subordinação da mulher e sua separação do espaço público.

Como as mulheres se ocupavam da vida privada, era importante que elas vivessem para o amor, para a doação, conservando sua pureza e mantendo-se, portanto, sempre longe dos problemas e das tentações do mundo público - advindas da relação com o trabalho, que deveriam ser vividos apenas pelos homens.

A pureza da mulher consistia no fato dela possuir um amor materno inato à sua condição feminina, bem como a característica natural da doação aos outros. Então, esperava-se da mulher que, além de boa mãe, ela fosse uma boa esposa e cuidasse muito bem de seu marido. Sua pureza, nada mais era do que o reflexo de uma espécie de controle sobre sua sexualidade, para se manter pura a mulher deveria tolher seu desejo sexual, deixando-se ser tocada apenas com o objetivo procriativo. Ela não respondia por seus desejos, vontades e muito menos pelo seu próprio corpo. O amor, nesse caso, restringia-se à idealização da alma e à supressão do corpo.

Segundo Giddens (1992), os ideais de amor romântico, relacionados à liberdade individual e à auto-realização, desligam os indivíduos das relações sociais e familiares mais amplas, valorizando e priorizando a esfera conjugal. Para este mesmo autor, o amor romântico era tipicamente feminino, pois cabia às mulheres abrandar a então natureza rude e instável do marido, que se mantinha frio e distante, até que seu coração fosse conquistado.

O casamento, na família burguesa, priorizava a manutenção do "status" e a ascensão social. Muitas mulheres conheceram seus esposos, apenas no dia de seu casamento, já que este era um acerto realizado por seu pai. Então, à mulher cabia obedecer às regras do amor familiar e manter, com o seu marido, o afastamento de seus corpos, que seriam mediados tão somente sob as regras e prescrições do amor romântico.

Rocha-Coutinho (1994) e Priore (1997) concordam que o casamento dava uma função à mulher: a de contribuir para o projeto familiar como boa esposa e boa mãe. O casamento significava, pois, o domínio da mulher apenas na esfera privada, sendo, ao mesmo tempo, rainha do lar e prisioneira do seu reino, por viver limitada ao mesmo, ocupando-se sempre dos outros e nunca de si mesma (JABLONSKI,1998).

A passividade erótica da mulher na conjugalidade - resultado do corte radical que vai ser dado entre função maternal, ou de reprodução, e prazer sexual - vai ser balanceada não apenas através de diversas sintomatologias que refletem a repressão sexual, mas também através do investimento em práticas maternais cada vez mais intensas e abrangentes. A mulher, então, já não mais se submete por amor, mas sim elege entregar-se por amor e nesta entrega e no êxito dos seus passa a residir sua felicidade pessoal. (ROCHA-COUTINHO, 1994. p. 34-35).

A supressão da sexualidade na mulher era, como foi visto, um mecanismo para instaurar a idéia da pureza feminina. Entretanto, essa idéia era legitimada pelo discurso médico que, além de se ocupar com medidas higiênicas no núcleo familiar burguês, atestava como saudável a moralidade dos costumes sexuais. O discurso médico se ocupava também na formulação de propostas que objetivavam educar a mulher para o seu papel de cuidadora da casa e da família. Segundo Priore (1997), a medicina combatia o ócio entre as mulheres e sugeria que elas se ocupassem, de forma integral, dos serviços domésticos e, ainda, adotassem regras de retraimento no encontro sexual com seu marido e vigiassem a castidade das filhas.

Os comportamentos de subordinação femininos ficam, então, emaranhados no cotidiano destas mulheres como forma natural de organização de suas vidas diárias, sem que muitas delas tomem consciência deste fato, ou, se a têm, lhe outorgam consenso exatamente porque são naturais. É possível também que muitas destas mulheres necessitem de sua falsa consciência, sua mística de maternidade, porque se analisarem suas vidas de uma outra perspectiva, e com outros critérios, o resultado será terrível, insuportável, e preferem não fazê-lo (ROCHA-COUTINHO, 1994. p. 39-40).

Segundo Costa (1999), a medicina e o Estado estabeleciam, desde a época colonial, um trabalho de trocas entre si. O Estado, que estava voltado para o desenvolvimento industrial, tinha a necessidade de controlar demográfica e politicamente a população, adequando-a à finalidade do referido desenvolvimento. Para isso, o Estado buscava, através de um poder normalizador, regular os indivíduos, não apenas reprimindo suas condutas inaceitáveis, mas estimulando a produção de novas características comportamentais, afetivas e sociais.

Esse mecanismo de controle social, exercido através da regulação, advém da combinação de duas instâncias que resultam num poder normalizador: a lei e a

norma. A ordem da lei se coloca por um poder punitivo que age impondo limites e excluindo o que não é entendido como socialmente benéfico. A norma, por sua vez, é vivenciada através da noção de dispositivo.

Os dispositivos são formados pelos conjuntos de práticas discursivas e não discursivas que agem à margem da lei, contra ou a favor delas, mas de qualquer modo empregando uma tecnologia de sujeição própria. (COSTA, 1999. p.50).

As práticas discursivas dizem respeito aos elementos teóricos que reforçam as técnicas de dominação pelo nível da racionalidade e do conhecimento. As práticas não discursivas são formadas pelo conjunto de instrumentos que concretizam o dispositivo. Portanto, a lei busca, pela repressão, negar o indesejável e a norma visa à prevenção do comportamento socialmente reprovável.

É nesse contexto do exercício do poder do Estado sobre os indivíduos que a medicina aparece como uma intervenção que tem como objetivo apenas o bem estar da família. Entretanto, o uso da medicina era uma estratégia do Estado para conseguir controlar a população, através do discurso médico, científico, impondo novas características comportamentais às pessoas, sem ferir visivelmente a liberdade individual de cada cidadão.

Dessa maneira, a medicina normativa foi se instaurando no interior da família burguesa, prevenindo e alertando sobre as formas mais "saudáveis" de se portar socialmente. Essa intervenção do discurso médico repercutiu em vários aspectos da vida familiar, como na relação conjugal, no papel social da mulher, na relação entre pais e filhos e na relação sexual entre os cônjuges.

No que diz respeito ao relacionamento entre pais e filhos, o discurso médico higienista pregava, principalmente, o fortalecimento do sentimento entre

adultos e crianças, uma vez que o estabelecimento do afeto assegurava, a priori, o cuidado com a prole. Esse cuidado pressupunha a criação de hábitos – desconhecidos desde a época colonial - que começavam a moldar não apenas as crianças, mas, sobretudo, o comportamento do adulto, adequando-o à ordem médica.

Produto de hábitos, este indivíduo não saberia nem quando, nem como, nem por que começou a sentir e a reagir da maneira que sentia ou reagia. Tudo em seu comportamento deveria parecer à sua consciência como normal, conforme a lei das coisas ou a lei dos homens (COSTA, 1999. p. 175).

Os mesmos princípios que regiam a educação infantil - centrados na educação física, moral e intelectual – passaram a regular também o casamento. Nesse caso, a escolha do parceiro conjugal tornou-se uma questão de higiene, uma vez que a saúde dos filhos passaria a depender, condicionadamente, da saúde dos pais. O casamento ocupava-se com o compromisso com a vinda dos filhos. A prole era o maior objetivo do casamento e, por isso, esse precisava seguir a ordem médica vigente, para não correr o risco de fracassar em sua missão primordial.

No casamento higiênico a hereditariedade como que substituiu a herança. O dinheiro e o status social herdados só mereciam reverência quando aliados a uma boa saúde física e a uma boa constituição moral. A nobreza do nome e opulência dos bolsos minguariam num invólucro físico e mental debilitado (COSTA, 1999. p. 222).

O sexo, na relação conjugal, também foi um aspecto abordado pelo discurso médico higienista. Entretanto, o sexo não foi banido da relação do casal, numa possível instauração de um tipo de puritanismo, ou simplesmente reprimido.

Ao contrário, foram concedidos aos indivíduos favores afetivos e sexuais, desde que esses se submetessem às rigorosas normas de seleção dos cônjuges. Esses fatores consistiam no direito de escolha individual do parceiro em nome da vivência do sexo e do amor.

No que concerne à sexualidade, uma modificação notável foi introduzida na vida do casal. Até o séc. XIX, a sexualidade interferia muito pouco na estabilidade familiar. A solidez de um casal não dependia do nível de sexualidade que permeasse a relação. O exercício sexual no casamento restringia-se à cópula com vistas à procriação. O sexo tinha um andamento conjugal oculto, isento de comentário público (COSTA, 1999. p.226).

O discurso sobre a mulher era pautado nas suas diferenças em relação aos homens. As diferenças constatadas eram comparadas e integravam os catálogos de especificação sócio-sexual. A palavra médica era sinônima da cientificidade da época e, por isso, merecedora de toda credibilidade. Constatava-se, então, que a mulher era fisicamente mais frágil que o homem e que, de sua fragilidade, advinham sua delicadeza e a debilidade de sua constituição moral. Era muito fácil disseminar essas idéias, uma vez que já existia uma série de estereótipos correntes sobre a personalidade feminina.

Sobre a mulher dizia-se: Toda constituição moral da mulher (...) resulta da fraqueza inata de seus órgãos; tudo é subordinado a este princípio pelo qual a natureza quis tornar a mulher inferior ao homem. Esta inferioridade manifestava-se pela predominância das faculdades afetivas (...). Observações anatômicas confirmam tão, bem esta diferença primeira que estabelecemos entre o moral do homem e da mulher (...) as mulheres têm a cabeça mais volumosa na parte posterior e a fronte mais estreita. As partes posteriores do cérebro concentram as faculdades afetivas e as partes anteriores, as faculdades intelectuais (COSTA, 1999. p. 235).

A partir da constatação científica de que a natureza feminina era, sobretudo, emocional e afetiva, é que se difundiu mais fortemente a idéia de que

ela aplicaria melhor suas energias e inteligência em tarefas e objetos que recebessem o seu afeto -a casa, a esfera privada -pois suas sensibilidade, doçura e submissão eram condições de seu sexo.

Apesar de toda uma realidade de submissão, havia mulheres que se apropriavam de forma mais consciente e criteriosa de seus sentimentos em relação ao que viviam e, mesmo sem ainda reivindicar, na prática, por condições diferentes das quais vivenciavam, elegiam as alcovas como um espaço de privacidade onde os seus sentimentos eram experienciados de forma mais autêntica, através de choros, lembranças amorosas, saudades e desejos ocultos, que, por um rápido instante, vinham à tona.

Costa (1999) afirma que o amor romântico é uma moral a serviço de interesses sociais e econômicos e que, em nossa cultura, aprendemos a amar diante do modelo socioeconômico vigente. Atualmente, ainda encontramos resquícios da idéia de amor romântico nas mulheres, ao menos nas entrevistadas:

Eu acho que ainda pesa esse lado emocional, afetivo. Eu acho que eu queria muito casar, ter um marido que me ajudasse... Sustentasse (risos) (Thalita).

De acordo com Gomes (1998), o casamento, na maioria das sociedades, sempre esteve ligado à reprodução, e seu modelo estabelecido na sociedade cristã ocidental era o monogâmico e indissolúvel. Com a Revolução Industrial e o surgimento do capitalismo, emerge, na Inglaterra, uma nova forma de casamento: o sistema de casamento malthusiano, em que a procriação deixa de ser a finalidade principal do casamento e os objetivos principais envolvem os propósitos psicológicos e econômicos do casal. Dentre estes processos de transformação nas formas de casamento surge o enlace romântico, que Macfarlane (1990)

aponta como um subproduto das sociedades capitalistas, contratuais e individualistas, em que compara a irracionalidade da paixão do amor romântico com a paixão irracional da acumulação sem fim, do desejo de possuir do mundo capitalista.

Esse apanhado sobre a história do casamento me ajuda a perceber que ao longo da história foram se modificando as razões pelas quais homens e mulheres se unem. Hoje, a idéia de amor romântico, apesar de ainda fazer parte de nosso modo de ser sujeito, cedeu parte de sua força a outras razões para um casamento. Os indivíduos, hoje, se unem não apenas por se sentirem apaixonados, mas buscam um companheiro(a), também, por motivos de ordem mais prática, como por exemplo, poder compartilhar objetivos de vida, tanto afetiva quanto profissional.

É verdade que, ao lado disso, há casamentos motivados por uma espécie de consumo, de um ideal de felicidade, que se não alcançado, pode e deve ser realizado novamente para a satisfação pessoal e para "tapar qualquer buraco" da esfera afetiva da vida das pessoas que, clama por atenção, numa sociedade regida pela excelência. Esse tipo de objetivo, levado ao extremo, pode produzir uma espécie de relação descartável entre as pessoas.

Para Simmel (1999), o ideal de casamento contemporâneo pode trazer sérias conseqüências para a relação e para os indivíduos. Acrescenta ele:

Atualmente se deseja o outro por inteiro, pretendendo-se penetrar em sua intimidade por completo e, dessa forma, os indivíduos têm que funcionar como reservatórios inesgotáveis de conteúdos psicológicos latentes e a satisfação da entrega total pode produzir uma sensação de esvaziamento. Há, nesta conduta, um aumento das expectativas, uma extrema idealização do outro e uma superexigência consigo mesmo, provocando tensão e conflito na relação conjugal, podendo levar à separação. (SIMMEL, 1971, p. 385).

Adriana, uma das entrevistadas, parece refletir, em sua fala, essa questão da construção da expectativa em relação ao outro. Nesse caso, em relação ao homem com quem se mantém uma relação afetiva. O casamento, para ela, necessita de condições prévias para que possa dar certo:

Eu teria que aceitar um homem que aceitasse a minha independência, que ele vivesse bem com isso e não se assustasse com o fato de eu ganhar meu dinheiro e até de ganhar mais do que ele, quem sabe? Ter um trabalho que eu ganhe mais do que ele e ele aceitar bem isso, não se sentindo inferior. Hoje, eu vejo muitos relacionamentos que não dão certo por conta do preconceito, porque hoje as mulheres estão tendo colocações melhores e, muitas vezes, o homem tem a ignorância de achar que a mulher o está traindo, porque a mulher tem uma colocação melhor do que a dele. Então, os homens se sentem inseguros por conta disso, então eu tenho que achar um homem que entenda isso, porque eu estou batalhando para ganhar melhor do que muitos fichinhas por aí. (Adriana).

Ela deseja encontrar um homem que se sinta bem, ganhando menos que ela, que não se sinta inferior, isto é, que seja superior a essas "quinquilharias". Parece que já está determinada a que, seu futuro marido, o homem que ela ainda vai encontrar, ganhe menos que ela, e não seja ignorante, entenda bem essa situação. No entanto, se trai ao denominar o homem que ganhe menos que ela como um "fichinha", ou seja, como desvalorizado, como alguém que não é lá grande coisa.

Adriana parece referir-se a um modelo de casamento que é bem atual: aquele que conserva em sua união a delimitação dos espaços e interesses individuais de cada componente do casal. Segundo Féres-Carneiro (1999) a manutenção do casamento contemporâneo é influenciada pelos valores do individualismo. Para ela, a relação conjugal atual enfatiza mais a autonomia e a

satisfação de cada cônjuge do que os laços de dependência entre eles, havendo, portanto, a criação de uma zona comum de interação, de uma identidade conjugal. Entretanto, Singly (1999) lembra que a demasiada valorização dos espaços individuais na relação do casal pode significar a fragilidade dos espaços conjugais.

Para Gomes (1998), a priorização desse individualismo e, sobretudo, a busca pelo "status" econômico faz com que a decisão de se casar considere a situação financeira, o que leva, muitas vezes, a um planejamento e a uma postergação maior do casamento e, principalmente, da vinda dos filhos e do número deles. Greenfield já em 1969 (citado por JABLONSKI, 1998) trabalhava com uma idéia mais radical, acreditando que não existe mais razão para um indivíduo se casar nos dias de hoje.

Ao expor seu ponto de vista, Adriana trabalha apenas com suas perspectivas e exigências sobre o homem com quem ela quer "compartilhar" a vida. Em momento algum ela se coloca no lugar de alguém que compartilha com o outro uma relação. Mesmo assim, não deixa de ser uma forma de desejar um espaço junto a um homem, sem precisar abrir mão de sua vida profissional. Nessa busca pela realização desse desejo, outras formas de relação poderão ser construídas.

Esse modo de se apresentar reflete, de forma muito fiel, a ética que permeia a relação entre as pessoas atualmente: a ética do ter, ou seja, o valor atribuído a alguém é designado de acordo com suas posses. Adriana deseja encontrar o que Jablonski (1998) chama de "um homem pronto", pois ela quer um homem maduro o suficiente, que entenda seu progresso profissional, atestado pelo seu maior ganho salarial - no casal - ao mesmo tempo em que quer um

homem com um status econômico considerável e que mantenha seu lugar de provedor, pois só assim terá seu respeito. Não encontrar o homem nesses moldes é, diferentemente de outras épocas, a permissão para se procurar um outro companheiro que atenda a essas exigências, ou seja, se não servir, a gente troca.

Diferentemente dos moldes de união da família burguesa, uma outra entrevistada também pontua que a união, não necessariamente igual ao casamento tradicional, precisa atender aos interesses individuais dos componentes do casal:

A gente tem uma coisa assim: se um tiver uma oportunidade legal então tem que ir, entendeu? Vai e depois a gente vê como é que faz, então, assim, se eu tiver que viajar hoje e passar um tempo fora eu vou com total aprovação dele, tenho certeza, disto até porque ele me incentiva, inclusive, então eu vou e não acabo o relacionamento por causa disto, eu vou e a gente vai ver como faz para continuar junto. Eu sei que a teoria é muito diferente da prática, assim, talvez quando isso aconteça seja mais complicado, mas ele tem dado argumentos reais e exemplos práticos de que isto vai acontecer um dia. E se ele for, também eu estou me propondo a isto, tem este acordo entre os dois. Agora tem momentos que realmente... o ano passado eu passei por um momento profissional que era muito importante, então eu estava finalizando a universidade, fazendo um projeto que era um projeto de finalização de curso, mas que eu queria me lançar no mercado com esse projeto, então pra mim era muito mais do que um projeto de finalização. Eu também estava fazendo estágio num jornal de peso daqui e também estava trabalhando, então eram três coisas e ele me ajudou bastante e, com certeza, ele ficou muito escanteado, então assim ele serviu de escape -não porque eu queria -mas porque era quem estava mais próximo, ele questionou muito, então a gente passou por uma crise porque eu priorizei, nesse período, por total, a questão da vida profissional. Sofri também neste momento porque eu acho que toda mulher precisa deste equilíbrio, agora não é fácil... não é fácil encontrar o parceiro nem se propor a determinadas coisas. (Lúcia).

Segundo a entrevistada, ela e seu parceiro participam mutuamente dos projetos e objetivos um do outro, inclusive estabelecendo acordos de convivência para que a relação seja dos dois, mas que cada um possa viver individualmente

as oportunidades que venham a surgir, especialmente no campo profissional, sem que isso implique o fim da relação. Crises certamente há, porém essas são vistas como momento de reavaliação e reinvestimento e não o fim da relação.

Estar no meio disso também depende muito do parceiro que se tem, então eu acho que tenho sorte porque tenho uma pessoa do meu lado que me incentiva que me acompanha, que mergulha nas minhas idéias, por mais loucas que sejam, que está sempre lá, me dando o apoio, então dá pra ficar nesse meio. Se eu não tivesse uma pessoa assim, com certeza, eu não conseguiria. (Lúcia).

Para essa entrevistada o homem pode e assume um outro papel do que o que lhe foi instituído outrora. Hoje ele não é mais provedor, senhor, ditador ou tudo o que a mulher não era, ao contrário, ele é um colaborador, um aliado na vida da mulher. Esta nova maneira de ver o homem parece uma forma de considerá-lo como um parceiro, alguém próximo com quem se pode contar; diferentemente da imagem masculina construída ao longo do tempo. Antigamente o homem buscava uma companheira que o apoiasse na escalada profissional, porém ficasse à sombra, hoje as mulheres querem um homem que lhes incentive no desenvolvimento de suas potencialidades, mas que não, necessariamente, fique à sombra. É um parceiro, um companheiro, que as mulheres desejam.

Giddens (1992) revela que os ideais de amor romântico se fragmentam no casamento contemporâneo, especialmente pela emancipação e autonomia feminina. Para ele, as categorias de "para sempre" e "único" não prevalecem na relação conjugal atual. Baseado nessa idéia, ele chama de "amor confluyente" aquele que pressupõe uma igualdade no dar e receber afeto e se desenvolve a partir da intimidade. Ele conceitua o laço conjugal como "relacionamento puro" lembrando, porém, que este só se mantém se for capaz de proporcionar satisfações a ambos os parceiros.

Féres-Carneiro (1999) aponta que, ao contrário do que se pensa, isto é, que hoje, o casamento estaria sendo desvalorizado, ele "está em alta". Na sociedade contemporânea, os indivíduos se divorciam exatamente por conta da grande importância dada ao casamento e, por isso, os cônjuges não aceitam que ele não corresponda às suas expectativas. Sendo assim, é a dificuldade perante essa exigência que o divórcio reflete, e ela também justifica a busca dos divorciados pelo recasamento.

A idéia da busca pelo parceiro ideal ou da felicidade conjugal não é uma invenção da atualidade, pois a instituição do divórcio parece ser a melhor possibilidade criada para se alcançar esse objetivo que, longe de ser atual, faz parte da transmissão de valores entre as gerações, sobretudo, entre mães e filhas, como revela a entrevistada:

Eu cresci com a minha mãe dizendo o tempo inteiro que eu tinha que estudar muito, que eu tinha que me formar e ser independente, porque quando eu fosse casar eu tinha que trabalhar para não depender de marido e eu tinha que contar também com a possibilidade de um divórcio (risos). É eu lembro que desde os nove, dez anos a gente conversa e ela dizia: se um dia você não gostar mais dele você se separa e vai construir sua vida de novo com outra pessoa ou sozinha. Isso não é muito normal, mas eu cresci assim. Os dois diziam isso, mas minha mãe enfatizava muito mais por... eu acho que por ser mulher, por ser , mais próxima, não sei... talvez, pela experiência dela, apesar deles serem casados, mas ela, e ele também, sempre trabalharam. A minha mãe tem uma formação diferente, ela vem de ditadura militar, de pensamentos libertários, da juventude operária, vem de uma formação política muito forte, foi cassada, viveu na clandestinidade, foi presa, torturada, enfim... e dentro dessa formação política o sentimento de liberdade entre as mulheres era também de emancipação, então, assim, até hoje ela faz parte da UBM - União Brasileira de Mulheres -ela é altamente politizada e geralmente dentro desses movimentos se prega muito essa coisa de igualdade da emancipação da mulher, então acabou que eu e minha irmã crescemos assim (Lúcia).

Na fala dessa entrevistada percebo não só a importância da transmissão dos valores entre as gerações, como também a reformulação desses valores na hora de sua transmissão. Para Bourdieu (1997), essa superação de valores pré-estabelecidos está ligada à própria conservação da família, uma vez que a identidade familiar não é uma instância pronta, acabada, mas sim uma construção.

A trajetória política dos pais de Lúcia se deu de forma muito peculiar, em relação à maioria de seus contemporâneos, e isso não pode deixar de ser levado em conta, ao analisar a formação da entrevistada. A forma de posicionamento dessa família em relação à concepção de casamento é um claro exemplo da superação de valores de uma geração anterior, ortodoxamente arcaicos, mas condizentes, de maneira geral, com o que se vivencia na atualidade. Essa superação, no entanto, está de acordo com as transformações ocorridas nos anos sessenta e que essa geração, à qual os pais de Lúcia pertencem, vivenciou.

A família de Lúcia, mais particularmente sua mãe, parece comungar da idéia de que a mulher é responsável por si mesma e, assim, por sua felicidade. Para ela, a realização da mulher não deve ser depositada em outra pessoa, pois não é do outro essa responsabilidade e, nesse caso, a escolha do parceiro deve ser uma etapa da vida e não o fim, para o qual a vida da mulher deva se voltar e, além disso, essa escolha é flexível, uma vez que ela não é definitiva e pode ser modificada, havendo, então, a troca de parceiros e tudo o que decorre dessa dinâmica flexível de relacionamento como: os recasamentos, as novas formas de constituições familiares e a própria ausência do casamento.

3.5 - As Relações de Poder

A separação dos mundos público e privado traz em seu funcionamento uma forma muito particular de relacionamento entre homens e mulheres: o relacionamento através do poder. Tomo como poder o conceito desenvolvido por Weber (1987), que o considera como sendo a habilidade de agir sobre pessoas ou coisas, tomando decisões favoráveis, independente dessas serem por direito asseguradas aos indivíduos ou a suas funções. Ainda sobre o poder, Foucault (1991) afirma que ele não existe como um objeto natural, o que existe são as relações de poder enquanto práticas sociais constituídas historicamente.

As diferenças biológicas se configuraram como um ponto de partida para a questão da relação de poder instituída entre homens e mulheres, ao longo de um processo histórico-social. Dessa maneira, os sexos masculino e feminino passaram a carregar consigo uma série de atribuições características que diziam de suas constituições enquanto pessoas. Ou seja, por ser forte, viril e atuante no mundo público, o homem passava a ser sinônimo de fortaleza, inteligência e domínio. A mulher, por sua vez, por se ocupar da casa e, principalmente, por ter o "dom" da maternidade, possuía como características predominantes a amabilidade, a docilidade, a fragilidade, não tendo assim, condições de se expor ao mundo público, devendo então, ser sempre resguardada ao privado.

As atribuições de características, baseadas no sexo que se tem, e a representação social que elas possuem, nada mais são do que a constituição dos gêneros e advém de um processo histórico-social com todos os seus interesses e manipulações para o estabelecimento de relações de poder, sobretudo dos

homens sobre as mulheres, mas não só essa, como também dos pais sobre os filhos.

É necessário demonstrar que não são propriamente as características sexuais, mas é a forma como essas características são representadas ou valorizadas, aquilo que se diz ou se pensa sobre elas que vai constituir, efetivamente, o que é feminino ou masculino em uma dada sociedade e em um dado momento histórico. Para que se compreenda o lugar e as relações de homens e mulheres numa sociedade importa observar não exatamente os seus sexos, mas sim tudo o que socialmente se construiu sobre os sexos. (LOURO, 2003, p. 21)

As construções a respeito das características e comportamentos de homens e mulheres parecem ter aprisionado seus modos de ser e, embora não haja, atualmente, a rigidez desses lugares, as identidades femininas e masculinas são atravessadas por essas questões.

Apesar de todas as transformações sociais, legais, científicas, filosóficas e até religiosas, a capacidade reprodutora biológica continua sendo associada direta e quase que naturalmente ao gênero feminino. A capacidade de produzir mentalmente associa-se ao gênero oposto, ao masculino. Desta maneira, a oposição entre procriação e criação, que é a oposição entre bios e logos, entre natureza e cultura, se traduz em uma oposição entre mulher e homem e entre suas habilidades produtoras respectivas. (GARCIA. In STREY, 2002. p.21).

Louro (2003) falando sobre as características atribuídas aos sexos, não nega a constituição biológica do sujeito, afinal é sobre o sexo que as características são atribuídas. No entanto, a autora enfatiza que o sexo é a base sobre a qual se constroem os gêneros a partir dos quais as pessoas se estruturam e se reconhecem como sujeitos. O conceito de homem e mulher vai se referir ao modo como as atribuições sexuais são compreendidas e representadas na prática social, fazendo parte, assim, do processo sócio-histórico.

Rigorosamente, os seres humanos nascem machos ou fêmeas. E através da educação que recebem que se tornam homens e mulheres. A identidade social é, portanto, socialmente construída (SAFFIOTI, 1987. P.10).

Entretanto, se por um lado, o conceito permite o reconhecimento e um transitar seguro num determinado momento histórico, através de suas regras e delimitações; por outro lado, corre-se o risco de nos aprisionarmos ao que é tomado como condição, como essência, na estruturação do conceito. Não quero dizer com isso que uma vez instituído, o conceito não possa ser modificado, alterado ou revisto, até porque ele só se constitui num processo sócio-histórico, sendo plural e relacional, uma vez que se forma de maneiras diferentes, por exemplo, em diversas sociedades. Porém, a transformação do mesmo consiste num movimento mais lento, visto que toda mudança gera uma certa estranheza, principalmente quando trata de um aspecto que diz tanto sobre nós mesmos.

Pensar a questão do conceito não se trata simplesmente de reduzi-lo à construção de papéis masculinos e femininos, pois os papéis dizem respeito aos padrões ou regras que uma sociedade estabelece para seus componentes e que norteiam seus comportamentos. De acordo com Louro (2003), é através dos papéis que cada homem e mulher conhece e distingue o que é adequado para si, dentro do que foi estabelecido como tal, numa referida sociedade.

A partir das idéias de sexo, gênero e conceito percebo que as possíveis desigualdades entre os sujeitos, ocorridas no campo social, não são fruto da condição biológica ou da forma anatômica do indivíduo, mas sim, do que se construiu, socialmente, como representação sobre este corpo sexuado. Essas desigualdades são a base das relações de poder estabelecidas entre homens e

mulheres, no contexto social, principalmente quando essas desigualdades põem em xeque a capacidade das mulheres no mundo profissional.

Eu tenho um trabalho específico com fotografia, que é um bom exemplo disto. A gente tem um número enorme, hoje em dia, de fotógrafas, em Pernambuco. Mas, antigamente não, há uma ou duas décadas atrás, só os homens trabalhavam no jornal como fotógrafos, então se tinha uma equipe de quinze homens e uma ou duas mulheres. E até hoje eu já me vi em situações que quando tem uma pauta mais pesada, de confusão ou de meio de rua, já chegaram pra mim e disseram: você não vai e eu questionei tipo: por que não vou? E aí me diziam que eu era muito delicada, magrinha e frágil e aí era assim: como vou colocar uma mulher no meio desta confusão? Como se a mulher não tivesse capacidade para tanto e os caras estão sempre com todas as pautas e sem dificuldades, então eu vejo dificuldade no trabalho que eu faço. Essa é uma das provas, entendeu? (Lúcia).

Além de Lúcia, uma outra entrevistada revela a vivência de situações em que as diferenças de gênero desembocam em relações de poder no contexto profissional:

A mulher tem que lutar mais do que o homem, às vezes. Isso depende muito de como ocorre a vida de cada pessoa, mas de qualquer forma no trabalho sempre tem umas brincadeirinhas, eu sei porque sempre tiram brincadeiras de mulher burra, mulher não sei o que... Então você tem que ser competente para você ser respeitada (Rosana).

Entretanto, não é apenas em relação à esfera profissional que a relação de poder entre os gêneros pode ser apresentada. Denise mostra a existência dessa relação no que diz respeito ao núcleo familiar, sobre isto ela diz:

A mulher brigou muito para ter o que tem hoje e hoje ela vê que é muito para ela porque para uma mulher é muito, se você parar pra ver uma mulher trabalha dois expedientes de noite tem que ser mãe, mulher e dona de casa (Denise).

Para Foucault (1991), o poder é como uma rede que se constitui por toda uma sociedade e não algo concreto que esteja centralizado nas mãos de uma única pessoa. Para esse mesmo autor, o poder deveria ser entendido como uma estratégia e não como um privilégio possuído por alguém. Essas estratégias estariam ligadas a manobras, técnicas e funcionamentos sociais. Sendo assim, ao invés de se pensar em apropriação de poder é mais coerente pensar em exercício do poder que, por sua vez, produz efeitos como: resistências, contestações, aceitações e ainda transformações.

Vale pontuar mais uma vez, que diante da concepção de poder de Foucault (1991), o exercício deste, acontece entre sujeitos livres, que sejam capazes de manter qualquer tipo de resistência, caso seja essa a sua vontade, pois se assim não fosse, as relações que envolvem o poder não seriam dinâmicas e nem se encontrariam em atividades constantes. Essas referências acerca do poder podem ser úteis ao se transporem para a compreensão das relações entre homens e mulheres, estabelecidas desde a modernidade até os dias atuais.

Homens e mulheres, através das mais diferentes práticas sociais, constituem relações em que há, constantemente, negociações, avanços, recuos, consentimentos, revoltas, alianças. Talvez uma interessante representação dessas práticas seja imaginá-las como semelhantes a jogos em que os participantes estão sempre em atividade, em vez de reduzi-las, todas, a um esquema mais ou menos fixo em que um dos contendores é, por antecipação e para sempre, o vencedor. (LOURO, 2003, p. 39-40).

Um outro aspecto relacionado ao poder é o que revela que ele não é apenas coercitivo, não devendo então ser percebido como uma ferramenta de negação. O poder também possui seu lado produtivo e positivo, uma vez que ele produz sujeitos amáveis, estabelece comportamentos adequados e modos de ser e de estar no mundo que permitem uma convivência social satisfatória. Esse

movimento de produção de sujeitos e de possíveis resistências a essas produções embasam a perspectiva de que os gêneros se produzem nas e pelas relações de poder (LOURO 2003).

3.6 -Os Movimentos Feministas

Por transitarem livremente pela esfera pública, os homens adquiriram, ao longo da história, alguns privilégios dos quais as mulheres não gozavam, como por exemplo, a liberdade de expressão. Por outro lado, a atmosfera de submissão experimentada pela mulher, aliada às mudanças sociais contemporâneas possibilitou que as mulheres se opusessem a um modelo de inferioridade vigente até então. Essa situação serviu de pano de fundo para o surgimento dos movimentos feministas.

A partir, principalmente, da Segunda Guerra Mundial, o modelo de família burguesa, que tornava a mulher reclusa ao lar, começou a ser modificado na sociedade. É nesse momento, que a mulher é levada a se estabelecer no mercado produtivo e assumir como um valor, a realização profissional. Amazonas (1999) diz:

A partir de la Segunda Guerra Mundial el papel social de la mujer cambiá de una forma radical e rápida. La necesidad de mano de obra masculina, debido a las bajas provocadas por la guerra, hizo que las mujeres fueron llamadas a ocupar puestos de trabajo antes exclusivamente masculinos. El prejuicio contra la mujer que trabajaba fuera del hogar se redujo, alegando que servían a la patria en la lucha contra el enemigo común, el nazismo. Rápidamente el mercado de trabajo percibió que ellas eran tan capaces como los hombres para la producción e, además constituían una mano de obra más barata. Al terminar la guerra, la situación de las mujeres ya era otra. A pesar del regreso de los hombres a sus antiguos puestos de trabajo, abasteciendo gradualmente la antigua carencia, estaba plantada ya, en las

mujeres, la semilla de la independencia económica con relación a sus maridos. (AMAZONAS, 1999, pág. 26).

Após o término da Segunda Guerra Mundial, a mulher se encontrava perfeitamente adaptada ao trabalho fora de casa e decidida a não renunciar a essa conquista, mesmo quando o seu marido combatente voltava dos campos de batalha. (CECCARELLI, 2002).

O desenvolvimento econômico, após a Segunda Guerra, convocou as mulheres a participarem do processo de produção. As mudanças provocadas no mundo, em decorrência dessa situação, influenciaram os padrões morais e sociais vigentes. Essa nova realidade contemplou o surgimento dos movimentos feministas e de uma mulher mais independente do *status* proporcionado pelo casamento.

Na década de 50, já havia um movimento maior de algumas mulheres, sobretudo de classe média e média baixa, no mercado de trabalho, visto que essa época de produção tornou economicamente possível o consumo de aparelhos domésticos, entre uma série de outros produtos. Essa possibilidade de tornar real o sonho de consumir constitui, segundo Jablonski (1998), a primeira movimentação e efetivação da mulher no mercado de trabalho.

Esse autor ainda pontua que a fase seguinte, dessa mesma época, configura um quadro de inflação social, em que o salário da mulher passa a ser agora, para a família, uma quantia indispensável, e sua inexistência desestruturaria, economicamente, o núcleo familiar. Dessa maneira, o trabalho da mulher passa a ter uma importância fundamental para o mantimento do padrão de vida desejado pela família.

Essa motivação da mulher para sair do âmbito privado, aliada à perda do valor econômico do trabalho doméstico, a perda de funções no lar e a constatação da dupla jornada de trabalho - entendida como a execução do trabalho doméstico, na casa, imediatamente após o trabalho na esfera pública - constituem os fatores responsáveis pela eclosão do movimento feminista, sobretudo na década de 60, segundo Jablonski (1998).

O movimento feminista, em suma, questionou, entre outras coisas, o trabalho doméstico, a divisão doméstica do trabalho, o cuidado com as crianças etc., isto é, politizou a questão da subjetividade, principalmente a feminina (HALL, 1999).

A resistência e o questionamento da mulher, acerca de sua condição limitada até meados da década de 50, são para Rocha-Coutinho (1994) os principais pontos da revolução feminina, pois a mulher passa a se rebelar contra uma forma de subjetividade - submissa, obediente - que era legitimada, até então, como feminina. A mulher passou a falar por si mesma, não deixando qualquer papel desempenhado, especialmente o de mãe e dona de casa, falar por ela de uma maneira reducionista.

A década de 60, porém, não foi marcada apenas pelo *boom* do movimento feminista, também, denominado como a "segunda onda" aquela que se inicia, principalmente no final da década (LOURO, 2003, p. 15). Essa foi uma época de grande movimentação político-cultural. Sendo assim, pontuo a existência de movimentos trabalhistas, compostos também por homens, que reivindicavam direitos e melhores condições em relação aos trabalhos desempenhados. Esses movimentos trabalhistas contribuíram para oferecer condições à mulher de experimentar uma certa liberdade diante das posturas sociais aprendidas e

adotadas até então. Em decorrência disso, os movimentos feministas ganham certa força, já que defendem a condição de ser mulher, priorizando uma subjetividade livre para escolhas (CLARAMONTE & REUS, 1999).

Segundo Amorós (1997), é importante o entendimento sobre a questão do sujeito para que ela possa ser aplicada na concepção de feminismo, que é entendido como um projeto emancipatório das mulheres. Para a autora, o feminismo observa que a diferença entre os gêneros se constrói sob uma hierarquia de "status" em que o masculino é hegemônico e o feminino resulta de subordinação. Nesse sentido, a mulher pretende, com o feminismo, não só desidentificar-se com o que o seu gênero impunha até então, como buscar alternativas e redefinições para transformar os significados constituídos, reinterpretar situações impostas e recriá-las, dando-lhes um novo sentido.

Outro aspecto que contribuiu para a mulher reivindicar seu espaço na esfera pública, diz respeito ao avanço tecnológico. Esse avanço provocou, e ainda provoca, mudanças na vida das mulheres até os dias atuais. Entretanto, na solidificação do movimento feminista, o desenvolvimento da pílula anticoncepcional parece ter sido a melhor de todas as invenções até aquele momento. Isso se deu, porque a pílula permitiu à mulher não só se desvincular da imagem de mãe como a finalidade de sua vida, como também, ao permitir o controle da natalidade, possibilitou que ela se posicionasse de forma atuante no domínio público, em vez de ficar quase que exclusivamente gerenciando o lar e cuidando dos filhos (CHASSOT, 2003). Finalmente, o maior dos benefícios trazidos pela pílula anticoncepcional foi o de atribuir à mulher a condição de sujeito, de alguém que deseja e pode responder por si mesma.

As mulheres, na família tradicional burguesa, de acordo com Vaitsman (1994, pág. 31)

Não detinham o controle nem de seu corpo nem de seu trabalho: de seu corpo, porque só muito recentemente elas passaram a ter plenas condições técnicas de controlar a própria fecundidade, superando então um limite imposto pela natureza (...) e de seu trabalho, porque este oficialmente se tornou um trabalho no interior da família, invisível, sem valor, definido como improdutivo. Desse modo a mulher não poderia ser sequer considerada um indivíduo.

De todo modo, o uso da pílula anticoncepcional possibilitando o controle da mulher sobre o seu corpo é parcial, pois esse controle termina por ser exercido pela tecnologia, a mulher apenas faz uso dela. Da mesma forma que a tecnologia possibilita meios de controle, ao mesmo tempo, faz com que a mulher esteja subjugada ao controle da técnica e dos especialistas que determinam, através dos diversos dispositivos sociais, como e quando a mulher deve e pode engravidar. Além disso, o consumo da pílula anticoncepcional, durante muito tempo, foi restrito às mulheres de classe média e alta não sendo disponibilizado as demais camadas da população.

Mesmo assim, é preciso reconhecer que com o surgimento da pílula, a relação sexual, para a mulher, perde o caráter procriativo e ela pode experimentar, assim como o homem, a satisfação e o prazer proporcionados pelo sexo. Dessa forma, o casamento também sofreu transformações: ampliaram-se as possibilidades de escolha para a mulher e, inclusive, lhe foi permitido usufruir o direito de não casar, para dar prioridade a outros objetivos na vida, tais como, a profissionalização. Adotou um estilo de vida em que ser feliz tornou-se mais importante, independentemente do estado civil. Os filhos, antes frutos apenas do casamento, começaram a ser evitados para que a mulher pudesse se firmar profissionalmente e, quando vinham, não era necessariamente num núcleo

familiar estabelecido. Desse modo, o número de mães solteiras passou a ser grande, bem como o número de mulheres que adotou o estilo de maternidade denominado de "produção independente", isto é, ter um filho sem necessariamente contar com um companheiro estável.

Apesar disso, a dupla moral que norteou o comportamento de homens e mulheres, durante muito tempo, ainda permaneceu e os valores burgueses ainda afiaram na fala das entrevistadas vez por outra.

Assim, uma delas, numa atitude conservadora e permeada por valores machistas, afirma:

Eu acho que hoje em dia a mulher não está indo por um caminho bom porque ela está pegando todas as partes ruins da sociedade, eu não sei bem explicar o que eu queria... Ela tem que trabalhar mais para provar o valor dela, ela tem que abarcar todas as áreas pra provar o valor dela, ela tem, muitas vezes, que se degradar para se igualar ao homem. Eu não acho isso uma coisa boa, mas também eu não sei se ela conseguiria de outra forma também, talvez seja a única maneira que ela consiga fazer. O ideal seria que ela fosse valorizada sem ter que precisar se degradar ou se sobrecarregar para poder mostrar o valor que tem, mas se só pode ser assim... Não sei a mulher hoje em dia, minha Nossa Senhora, porque quando eu vejo a televisão a desgraça que tá eu fico me perguntando como é que se chega a um nível desses. A mulher está mais... Mas a sociedade também está nesse nível de consumismo, de tudo. Quando eu vejo essas porcarias na televisão, faz tanto tempo que eu não vejo... Olha, eu fiz um esforço pra botar tevê a cabo aqui em casa, pra poder ver outro tipo de programação, porque eu não agüentava, eu fico deprimida. Às vezes a gente tem preguiça de ligar porque é lá dentro, e aqui na sala só retransmite, aí quando faltam quinze minutos pra gente sair, quando a gente está jantando, para ir ao centro espírita, porque eu sou espírita, aí eu me arrependo quando eu ligo, porque eu fico arrasada com tanta desgraça que aparece na televisão. É melhor a pessoa ficar alheia a estas coisas para poder viver em paz. É isso que eu tô dizendo, eu acho que a sociedade tá desse jeito, sendo que eu acho que a mulher está pior. Até mesmo você vê, você é jovem e sai por aí e vê como é que está a mulherada. Antigamente a gente dizia que os homens eram "cachorros", hoje em dia os homens é que estão dizendo que as mulheres são "cachorras", quer dizer elas estão se igualando a eles em coisas que não deveriam se igualar. A mulher pode ter sua boa postura, sua profissionalização, sua casa, ser auto-suficiente sem ter que se degradar. Não sei se é o único jeito que ela tem, mas eu acho isso um absurdo. (Rosana).

A fala de Rosana enfatiza os aspectos negativos das conquistas femininas, em sua luta para conseguir uma igualdade de direitos com os homens, sem se deter, para refletir, sobre o fato de que há bem mais ganhos do que perdas, nessa trajetória.

As tecnologias provocam na mulher a necessidade de rever seu modo de se perceber e atuar no social. A pílula anticoncepcional parece ter sido um marco nesta trajetória de lutas e conquistas, mas foi apenas a porta de entrada para tantas outras revoluções tecnológicas a que assistimos na atualidade, como a que permite a reprodução assistida que favorece a maternidade em mulheres com idades mais avançadas. Essas conquistas tecnológicas permitiram então, que a mulher se liberasse não apenas sexualmente, mas em termos profissionais, lançando-se com mais solidez à esfera pública; pois, no que se trata do mundo profissional, essas mudanças não são menos importantes.

Ao entrar no mundo público, a mulher reformulou sua maneira de se portar, reconfigurou sua posição de sujeito, não se comportando mais de acordo com o modelo instituído para ela durante o auge da cultura da família burguesa. A mulher agora passou a se apropriar de suas vontades, de seus objetivos, de seus desejos.

Esse movimento de não seguir mais um modelo instituído deu à mulher uma condição poderosa, uma liberdade até então não experimentada. Esta liberdade atingiu todos os campos da vida da mulher, especialmente os que tratavam da afetividade e sexualidade, da família e do trabalho e parece ter se mantido até os dias atuais, como afirma uma das entrevistadas.

Hoje eu vejo com muita naturalidade, sem grandes restrições como antigamente. Eu acho que ser mulher é passar por provas; exigentes, de fogo ainda. É você ter naturalmente seu trabalho e sua vida como qualquer ser humano, homem ou mulher tem. Também passar pela maternidade, se for de escolha, ou não... A MULHER NÃO TEM QUE PASSAR POR ISSO. (Lúcia).

Ao considerar as falas de Rosana e de Lúcia percebo que os modos femininos de ser não são homogêneos, ao contrário, há uma grande diversidade e singularidade. Rosana ainda está vinculada a valores que privilegiam a liberdade masculina em detrimento e limitação da liberdade feminina, assumindo, por vezes, uma postura "machista". Lúcia, por sua vez, assume com maior propriedade, as escolhas que toma para si, referindo-se à mulher como um ser humano, com direitos e deveres iguais a qualquer outro ser humano, independentemente do sexo com que nasceu.

É se ver como um indivíduo que faz escolhas, que não está pré-determinado a ser isso ou aquilo, mas que passa por "provas exigentes". Esse é um dos modos possíveis de ser mulher, hoje. Mas há outros, a pluralidade é a norma.

Pra mim ser mulher, hoje, é como sempre foi, a base de tudo, a sustentação. Falando em termos de uma família e na sociedade ela tem um papel importantíssimo de companheirismo de... Como posso dizer... De auxílio mesmo. Muitas vezes o homem não dá o valor preciso, mas a mulher tem aquela parte do sentimentalismo que é o que vai ainda sustentando esta sociedade maluca. A forma como a mulher se comporta, hoje, mudou muito, por conta do espaço que ela está conquistando. Depois que o homem viu também a necessidade da mulher ajudar de forma financeira, numa casa, ela ganhou grande espaço. Espaço de liberdade profissional, de liberdade de pensamento e daí foram se abrindo portas. A mulher hoje vive em igualdade com o homem. (Adriana).

Já a fala de Adriana reflete uma mulher que deseja ocupar todos os espaços que o mundo hoje lhe oferece: tanto o do mundo privado quanto o da

esfera pública. Fala de uma mulher emancipada, que "vive em igualdade com o homem", porém, no uso das palavras com as quais define as mulheres expressa a contradição que vive. A mulher é a "base" a "sustentação" é "auxílio" é "sentimentalismo", etc. Essa linguagem usada para tratar do lugar da mulher no mundo, nada tem de revolucionário, ao contrário, é bastante tradicional. Seu discurso é atravessado pelas questões culturais de gênero, que atribuem certas características como naturais aos homens e outras às mulheres (LOURO, 2003). No entanto, a ênfase que ela atribui à conquista de espaços, pela mulher, principalmente, a atuação da mulher no mundo laboral e a contribuição financeira para o sustento da família, demonstra a influência de um modelo de mulher contemporâneo, entremeado ao discurso tradicional, que enfatiza o papel e o poder exercido pelas mulheres, no lar.

Outra entrevistada, apesar de exercer uma profissão com relativo sucesso considera que para ser bem sucedida necessita possuir características que, em nossa sociedade, são atribuídas aos homens.

As provas (de fogo) são na medida em que eu posso trabalhar em um setor que a maioria das pessoas que trabalham e desenvolvem o trabalho é de homens. Então para eu poder penetrar mais e ser reconhecida neste meio eu preciso fazer um esforço maior do que eles fazem. (Lúcia).

É como se ela dissesse: eu tenho que ser mais "homem" do que eles. Chama a nossa atenção o verbo que ela usa: "penetrar". Esse verbo, freqüentemente utilizado na linguagem ordinária, isto é, na linguagem do cotidiano, para se referir ao ato sexual e a posição masculina nesse ato, mesmo sendo usado noutro contexto e com outra "intenção", deixa no ar um quê de

dubiedade quanto ao sentimento de Lúcia sobre mulheres que necessitam competir com os homens e quiçá, tornarem-se semelhantes a eles.

Segundo Muraro (1991), as mulheres têm que ser mais competentes, em termos profissionais, e lutar, mais duramente, para serem aceitas no mercado de trabalho. Além disso, a autora afirma que as mulheres só conseguem Sucesso introjetando a maneira masculina de ser, mais agressiva e egoísta, segundo ela. Lúcia aponta que a sociedade ainda relaciona fortemente as questões de identidade por gênero, com capacidade, como se as diferenças entre homens e mulheres ainda fossem um divisor de águas e, além disso, precisassem ser geradoras de desigualdades.

Sendo assim, igualar-se ao homem representa também a Possibilidade de competir com ele, sobretudo, no mundo profissional, onde as mulheres parecem sentir o peso das desigualdades advindas das diferenças de sexos.

Você vê que sem querer a gente concorre, a gente tenta concorrer com o homem, tenta se impor feito um homem, em alguns casos tem um comportamento masculino como se fosse... ah, sei lá pra dizer... ah, eu também sou capaz de ganhar respeito (Adriana).

Adriana confirma o que foi visto anteriormente na fala de Lúcia. Para alcançar um lugar de projeção, de poder e de respeito no mundo, necessita se, comportar igual aos homens, se "tornar" homem. A trajetória histórica da mulher revela que a mesma sofreu opressões durante muitos anos, opressões que a impediam de se relacionar, de pensar, de falar e até de sentir desejos. E, mesmo entrando na esfera pública a mulher passou, e vem passando, por constantes desafios. Um deles refere-se à dupla jornada de trabalho, que, em nossa realidade, ainda é uma realidade. O movimento feminista explicita a luta das mulheres por direitos iguais e é responsável por parte da emancipação feminina

No entanto, essa emancipação ainda não pode ser considerada um fato em todas as sociedades, nem em todas as camadas sociais.

Oliveira (1998) diz que no início, os movimentos feministas contribuíram para que a mulher pensasse desta forma, que ela deveria ser como o homem, correndo o risco, segundo a autora, de perder sua identidade. Ela ainda afirma que esse equívoco já foi superado, especialmente no fim dos anos 80, quando as feministas passaram a defender a igualdade com base na diferença. Porém, se o equívoco foi superado pelo movimento feminista, isso não se dá do mesmo modo no imaginário feminino. Nesse, permanece a sensação de que só há um modo de competir pelo mercado de trabalho e este modo é o imposto pelos padrões masculinos.

O mercado de trabalho vem exigindo de todos uma especialização cada vez maior. A ética da excelência permeia todos os campos de nossa vida. É exigido de cada um que seja o melhor, que usufrua o máximo possível de todas as ofertas que o mercado disponibiliza, e isso não se limita ao consumo de objetos, mas se estende ao consumo de informação, conhecimento, atividades a serem desenvolvidas, etc. Fazer mil coisas a cada instante, não ter tempo para nada, significa ter sucesso. E ter sucesso tornou-se sinônimo de Felicidade, e ser bem sucedido é, principalmente, projetar-se no mundo da profissão.

Os movimentos feministas e, não apenas estes, mas, os movimentos contemporâneos, de um modo geral, possibilitaram algumas mudanças no contexto social, uma vez que pregavam novas idéias, idéias mais igualitárias, mais justas, enfim, idéias sobre as quais homens e mulheres teriam igual participação.

3.7 - A Mulher e o Trabalho

Os desdobramentos das conquistas das mulheres, no âmbito público, podem ser mais bem observados nas décadas de 70 e 80, quando a mulher se estabelece como uma pessoa economicamente ativa. Entretanto, se em sua relação com o trabalho a mulher experimentava uma abertura, outrora inexistente, na esfera privada, muitos aspectos continuavam semelhantes àqueles que a legitimavam como uma dona de casa. A idéia de que a casa é um lugar privilegiadamente feminino - e que à mulher cabe a responsabilidade pelos trabalhos domésticos - ainda permanece nos dias atuais, como foi visto diversas vezes nesse trabalho. No entanto essa visão feminina, na atualidade, se mescla a uma outra, a de uma mulher que dá conta de tudo, do lar, mas também, da vida profissional. Reiterando essa visão da mulher, até mesmo por parte delas mesmas, Thalita diz:

*Eu acho que eu tô misturando um pouquinho e até fugindo do que é ser mulher, porque eu não sei se eu deveria dizer que mulher pra mim deveria ser batalhadora, uma mãe arretada, que conseguisse dividir isso de trabalhar e estar nos momentos mais importantes para o filho, de levar pro colégio, para as reuniões do colégio e de estar junto do marido... é muita coisa que se joga em cima da mulher que se você for falar, com o homem é totalmente diferente. Porque ele não tem tanto essa coisa com os filhos, ele realmente se preocupa mais com o trabalho, por isso essas coisas se misturam tanto de trabalho e casa porque a mulher **tem que trabalhar muito mais isso do que o homem, trabalhar essa coisa de ser profissional, ser mulher e ser mãe...** e quando a gente mexe com sentimento é complicado, misturar com o dinheiro... é como dizem: a mulher é muito mais emoção do que razão e o homem é mais razão (Destaque nosso). (Thalita).*

Seu modo de falar deixa clara a divisão que ela própria estabelece entre os gêneros. Da maneira que ela vê uma mulher e as obrigações que atribui a esta, somente se fosse uma hipermulher para viver as duas esferas. Em sua visão,

homens e mulheres não compartilham responsabilidades na constituição de uma família, mas a mulher é sobrecarregada com as obrigações domésticas, com marido e filhos e, ainda deve ser uma boa profissional. Como resultado desse modo de ver a relação entre homens e mulheres é que ela não se permite ter ambição profissional.

Angélica confirma a sobrecarga imposta às mulheres que trabalham fora do lar, e diz:

Eu saio cedo, acordo umas cinco e vinte, assim desperto as cinco e vinte, mas levanto assim umas vinte pras seis, aí eu saio para o trabalho. Ultimamente eu não tenho ido pra casa, tenho saído do trabalho direto para a faculdade, largo dez e meia da Universo e se eu perco o ônibus das dez e trinta e cinco só saio dali de Afogados, que eu não tenho coragem de pegar qualquer ônibus, de onze e dez, que é o ônibus do último horário. Eu chego em casa umas onze e vinte por aí, daqui que eu tome banho, coma alguma coisa, entendeu? E no outro dia eu estou acordando cedo novamente. É como eu digo, é um sono que não dá nem pra controlar. Sem contar que eu tenho as obrigações da minha casa, como mulher, tenho uma faxina, a cozinha, essas coisas. Eu agora, pelo menos uma vez na semana, tô chamando a secretária da minha mãe pra fazer a limpeza e eu ficar assim com as coisas mais leves, mas realmente é um... (Angélica).

A entrevistada vive regulada por um cronômetro, se alguma coisa sair fora do tempo previsto, sobrepõe-se sobre todas as outras. Angélica parece dizer que a ética da excelência é mais exigente para a mulher, uma vez que esta não é desobrigada das atividades domésticas ao adentrar na esfera profissional. Sua fala é permeada por estereótipos do tipo: obrigações próprias da mulher, tais como: cozinhar, faxinar a casa, etc. Ao se referir às tarefas domésticas, a entrevistada toma-as para si, como se lhe pertencessem "naturalmente", demonstrando que a construção da identidade e os deveres atrelados a esta ainda estão fortemente ligados ao gênero da pessoa. (LOURO, 2003). Além

disso, essa questão é tão forte que a pessoa que faz o serviço doméstico, mesmo que esteja sendo paga para isso, tende a ser uma mulher. Ou seja, faxina é sempre tarefa de mulher, ser faxineira é uma profissão predominantemente feminina.

No entanto, é bom lembrar que em outras passagens de sua narrativa, Angélica refere exigir que marido e filho compartilhem com ela as tarefas domésticas e isso já é um modo de se posicionar no mundo distinto das mulheres de antes.

Por conta desta correria, Angélica se queixa de um cansaço físico, mas nada que ofusque sua satisfação por ser uma mulher tão dinâmica, afinal ela trabalha e pode se dar ao luxo de pagar pelo serviço de limpeza que alguém pode fazer por ela. Não se pode negar que, ao profissionalizar-se, a mulher possui maiores chances de obter uma boa remuneração e isso aumenta seu poder de consumo, seja de novas tecnologias ou de serviços que a auxiliem com a esfera doméstica. (JABLONSKI, 1998).

Por conta da entrada da mulher na esfera pública, muitos aspectos, em sua vida e na vida dos que a acompanham, sofreram intensas mudanças, sejam essas a passos largos ou lentos. Por esse motivo, atualmente, já existem famílias em que a mulher assumiu o papel de provedora, enquanto o homem assumiu o lugar doméstico, não se tratando, pois, de uma transgressão de valores, mas de uma nova forma de dinâmica familiar. Entretanto, historicamente, o homem nunca teve a função de cuidar do âmbito privado, ao contrário da mulher que, até hoje, não consegue, ou não quer, se desobrigar desse espaço.

O processo de modificação no modelo da mulher não é um fato isolado, trata-se de um fato social que traz implicações para todos os que fazem parte de

um contexto social, especialmente os homens. Se de um lado lidamos com uma mulher que tenta reescrever sua história e se declara independente de papéis opressores; por outro temos o homem com o seu papel de provedor, que foi construído culturalmente, e que ao mesmo tempo em que é influenciado por valores arcaicos que moldam sua identidade; ao mesmo tempo é convidado a ter uma postura mais participativa, sobretudo na esfera doméstica e na vida de sua parceira.

As transformações sociais levaram homens e mulheres a reorganizarem suas atuações no mundo e suas identidades sofreram transformações. Se na família burguesa o homem era o único provedor, e isso fazia com que ele detivesse um poder quase absoluto sobre os membros da família, por outro lado, esse mesmo fato o sobrecarregava de responsabilidades. As mudanças que levaram as mulheres ao mercado de trabalho abalaram o poder masculino, é verdade, mas também aliviaram a carga de responsabilidades que recaía sobre os homens. Essa situação mudou as relações entre os gêneros e transformou as identidades, inclusive porque, ao lidar com os âmbitos familiar e profissional, a mulher não se envolve apenas com os seus projetos e objetivos, mas com as pessoas que fazem parte dessas idealizações, sobretudo, com o homem com quem mantém uma relação afetiva.

Todas as mudanças que permearam até então, as transformações na vida da mulher atual, que contemplaram, principalmente, uma nova forma de se relacionar com os outros, especialmente com o homem, com a casa e com o trabalho foi o cenário para que a mulher atravessasse décadas, na busca da resolução de contradições, pois os valores culturais tradicionais que legitimavam a condição feminina ainda eram vigentes, como a maternidade. Ao mesmo tempo,

a mulher experimentava, pela via do trabalho, uma independência até então desconhecida, que representava não só a independência financeira, como seu próprio reconhecimento enquanto sujeito que pode escolher, decidir, fazer, enfim, que pode responder por si mesmo.

Repensar a forma como as mulheres lidam com a família e a profissão é um desafio e, sei, antecipadamente, que não há soluções mágicas, nem respostas prontas. E é sobre esse desafio que me debruço, reconhecendo que a mulher atual adota uma nova posição de sujeito, não se detendo a ter que escolher entre uma esfera ou outra - familiar ou profissional -mas, ao contrário, ela se movimenta na direção de ser um sujeito por inteiro, com direito a uma vida afetiva e profissional, ainda que experimentando contradições. Mas é dessas contradições que poderá emergir uma nova mulher. Que será nova não por encontrar a melhor forma de ser, mas por experimentar novas possibilidades que estarão sempre sujeitas à transformação.

O que eu corro atrás é o seguinte: trabalhar, ter minha vida profissional, reconhecimento e ter a minha vida pessoal, familiar. Eu quero constituir uma família. Quero ser mãe, amante, esposa e quero ser companheira tudo ao mesmo tempo. Eu acho que a mulher é um pouco disso hoje em dia, essa é uma opinião bem pessoal. (Lúcia) (Grifos nossos).

Apenas em situação de crise podemos criar novas modalidades de ser. Esta é a mulher que se apresenta através da fala das participantes. Uma mulher em movimento.

4 -O CONTEXTO PÓS-MODERNO

Eu prefiro ser essa metamorfose ambulante do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo... Sobre o que é o amor, sobre o que eu nem sei que sou... (Trecho da música Metamorfose Ambulante de RAUL SEIXAS).

4.1 -A Pós-Modernidade

O termo pós-modernidade, por si só, é alvo de uma série de debates. De acordo com Rojas e Sternbach (1994), isso acontece porque existem autores, tais como Lyotard e Vattimo, que denominam de pós-modernidade a nova era que o mundo ocidental atravessa, considerando-a como claramente delimitada e posterior à modernidade. Assim, o termo pós-modernidade esgotaria os enunciados modernos que outrora postularam para as sociedades a busca racional da verdade, através da idéia do desenvolvimento científico, garantindo o progresso social.

Por outro lado, Rojas e Sternbach (1994) citam outros autores como Habermas e Castoriadis que ao denominarem a pós-modernidade de modernidade atual ou ainda de nova modernidade compreendem que a vivência dessa nova dinâmica cultural não implica, necessariamente, o rompimento com o momento cultural anterior. Ao contrário, essa continuidade dos movimentos implicaria seu ápice de desenvolvimento. Hoje em dia, o termo pós-modernidade é considerado, por diversos autores, como um estado da cultura ligado a importantes transformações em todos os âmbitos sócioeconômicos e culturais vigentes, bem como e, principalmente, no processo de subjetivação das pessoas.

Independentemente das variações que a pós-modernidade possa sofrer na interpretação de sua existência, desde a sua própria denominação ao movimento próprio que a consiste, é importante lembrar que ela surge como uma crítica aos postulados modernos vigentes. Assim, a relação da pós-modernidade com a modernidade é, sobretudo, de crítica, mesmo que a crítica em questão conserve algo dessa época anterior - a modernidade - ou a considere encerrada em sua participação social.

Perceber com mais clareza em que consiste a época pós-moderna, pressupõe uma apreciação inicial da modernidade, uma vez que ela é o ponto de partida para o nascimento da pós-modernidade.

Segundo Rojas e Sternbach (1994) a maior parte dos historiadores aponta o início da modernidade no Renascimento europeu, contudo compreendem que as características modernas foram se instaurando com o passar do tempo. A modernidade passou a ser vista como um importante movimento individualista, que parecia superar as regras sociais da Idade Média. A modernidade privilegiava uma subjetividade criadora e livre, sobretudo, das normas religiosas. A religião passava a ser o próprio indivíduo com suas capacidades de criação e crítica que favoreciam o desenvolvimento científico. A modernidade foi a época da razão, da criação e da produção. Esses novos aspectos culturais produziam, sem dúvida, novos sujeitos e novas formas de se viver em sociedade, uma vez que libertavam os indivíduos de seus apoios estáveis nas tradições.

Essas autoras afirmam ainda que, apesar de ter sido a época da razão e do culto ao novo, a modernidade teve os seus postulados postos à prova quando se viu impossibilitada, diante de fenômenos irracionais gerados em sociedade, tais como a Segunda Guerra Mundial. Da mesma forma, a ciência também se

mostrou incapaz de dar conta de outras expectativas sociais. Nesse sentido, começa a se instalar a cultura pós-moderna que, segundo as autoras acima mencionadas, relativiza as verdades conhecidas na modernidade.

Aproximadamente a finales de la década del cincuenta las discursividades propias de la modernidad comenzaron su crisis, y dieron lugar a radicales mutaciones tanto en el campo de lo económico, lo científico, lo artístico y lo filosófico, como en la vida social cotidiana de la época. La década del sesenta, con su revolución sexual y su propio movimiento ideológico y cultural, marcó la culminación de una etapa. El apogeo de las luchas sociales y, entre nosotros, la brutal represión, sellaron los años setenta; y muchos autores ubicaron la década de ochenta como el nacimiento propiamente dicho de la posmodernidad. (ROJAS & STERNBACH, 1994. p. 35).

Segundo Vattimo (1994), a modernidade foi a época em que o culto ao novo era um valor determinante, ou seja, ser moderno significava superar valores tradicionais de pensamento. Esta lógica da superação era o que caracterizava, para esse autor, a cultura da modernidade. Essa inovadora forma de pensar superava as idéias existentes em épocas precedentes - que consideravam a imitação como um importante modelo a ser seguido socialmente - pois elegia como fundamental a criação, e o que era original.

Esse mesmo autor afirma que, com o passar dos séculos, ficava mais claro que o culto ao novo e ao original, experimentado inicialmente nas artes, assumia uma perspectiva generalizada, não atingindo apenas a um segmento da sociedade, mas a toda ela. Essa perspectiva considerava a história humana como um processo progressivo de emancipação, como a realização mais perfeita de homem ideal. Sendo assim, teria mais valor o que fosse mais avançado e o que se aproximasse do final de um processo.

Entretanto, só seria possível conceber a história como realização progressiva da humanidade quando ela pudesse ser vista como um processo

unitário que implicaria, conseqüentemente, a efetivação do progresso, já que ele só poderia acontecer em decorrência da história, pois progresso e história estariam atrelados.

Vattimo (1994) vem criticar essa noção de história unitária, pois considera que a história é um entrosamento das vicissitudes das nações civilizadas, excluindo-se delas os homens primitivos das nações ainda em desenvolvimento.

Benjamin (In VATTIMO, 1994) afirmava que a concepção da história como um decurso unitário é uma representação do passado, construída por grupos de classes sociais dominantes que, ao transmitirem esse passado seguiam sua percepção e interesses, não havendo, então, uma transmissão integral, mas sim daquilo que era considerado por eles como relevante. Pensar sobre esta concepção parece ser o início para admitir que a idéia de história como decurso unitário não era consistente, como afirma Vattimo:

Si se desarrollan observaciones como éstas (...) se llega a disolver la idea de historia entendida como decurso unitario. No existe una historia única, existen imágenes del pasado propuestas desde diversos puntos de vista, y es ilusorio pensar que exista un punto de vista supremo, comprensivo, capaz de unificar todos os demás. (VATTIMO, 1994, p. 11).

Pensar na concepção de história unitária como ponto de partida para a realização progressiva, implica perceber que a crise de tal concepção vem trazer consigo o problema da idéia de progresso, como conseqüência. Vattimo diz:

Si no hay un decurso unitario de las vicisitudes humanas, no se podrá ni siquiera sostener que avanzan hacia un fin, que realizan un plan racional de mejora, de educación, de emancipación. (VATTIMO, 1994, p. 11).

A crise desta concepção é, para o autor em foco, uma das razões atribuídas ao fim da modernidade. Para ele, a modernidade deixa de existir quando desaparece a possibilidade de seguir falando da história como uma entidade unitária, pois passa a ser impossível falar de unitarismo diante da pluralização de tudo aqui no ocidente que advém, sobretudo, dos efeitos dos meios de comunicação. Para Vattimo, o fim do conceito de história unitária - que se deu com o fim do colonialismo e do imperialismo - acontece com a irrupção dos meios de comunicação de massa.

Os meios de comunicação de massa possibilitam a comunicação em sociedade. Este aspecto passa a ser relevante para a instalação da pós-modernidade, uma vez que a sociedade pós-moderna faz parte da Sociedade Transparente, de que fala Vattimo (1994). Para ele, essa sociedade adquire característica de transparente por causa dos meios de comunicação, uma vez que eles vêm permitir que a sociedade seja mais consciente de si, mais ilustrada e mais completa. Para esse autor, os meios de comunicação desempenham um papel determinante no nascimento da pós-modernidade, já que eles passam a transmitir, de forma multiplicada, as concepções de mundo em tempo real.

Segundo Gluksmann (In VATTIMO, 1994) a modernidade, como projeto universalista de civilização - descansando sobre o otimismo de um processo tecnológico e sobre um sentido seguro da história - ao entrar em crise nos anos setenta, deixa a impressão para alguns autores de que ela estaria morta, acabada, enquanto que para outros, ela seria um projeto inacabado.

Baudrillard (1984) afirma que há uma grande dificuldade em definir a modernidade, pois acredita que ela não é um conceito sujeito a análise, pois não há, em sua visão, uma lei da modernidade, mas, ao invés disso, há uma lógica e

uma ideologia. Sendo assim, ele admite que, pela mesma razão, definir a pós-modernidade é uma tarefa igualmente difícil.

A questão é que nem todos os autores concordam em dizer que esse momento pós-moderno é claramente delimitado, se de fato há um esgotamento dos grandes enunciados da modernidade, se há uma ruptura em relação à própria modernidade, ou se é tão somente uma continuidade em muitos aspectos.

Para Rojas e Sternbach (1994) a utilização do termo pós-modernidade não se refere à discussão sobre se ele trata de um momento cultural que estabelece uma ruptura com a modernidade ou se se trata, ao contrário, da exacerbação das características dessa última. Para as autoras o referido termo é utilizado não só por considerarem que a magnitude das transformações sociais merece uma denominação específica, mas também pela difusão generalizada do termo. Entretanto, isso não implica tomar posição por um ou outro lado do debate.

As autoras em questão apenas tratam do momento atual de nossa cultura e das mutações que esta sofreu e sofre, uma vez que as transformações culturais acontecem num determinado momento sócio-histórico-econômico e que marcam a transição entre dois tempos; isto é, entre a modernidade e a pós-modernidade.

Compartilhando do pensamento de Rojas e Sternbach (1994) não pretendo me envolver no debate, pois acredito que isso cabe aos especialistas. Usarei o termo, pós-modernidade, para me referir ao momento atual como uma denominação de um momento cultural no qual acontecem profundas transformações, que repercutem sobre as subjetividades e as identidades levando a formas distintas de conformação.

O mais importante, neste trabalho, consiste na consideração de que a mulher, em sua trajetória, sofreu e sofre mutações em sua forma de atuação no

social e que essas transformações trazem consigo influências de tempos culturais diferentes que implicam numa provável transição para um novo modo de se posicionar no mundo. Ao usar o termo pós-moderno para falar da sociedade atual, pretendo delimitar o tempo e o espaço em que habitam e se constituem como sujeitos, as mulheres participantes dessa pesquisa.

Para Santos (1986), o pós-modernismo, deslocou o sujeito moderno, dotado de razão e que se bastava dessa nova realidade para legitimar sua autonomia. Segundo esse mesmo autor, existem cinco grandes avanços na teoria social e nas ciências humanas que legitimaram o descentramento do sujeito cartesiano. Estes grandes avanços descentradores são:

1. O pensamento marxista, que afirmava que os indivíduos não poderiam ser autores da história, uma vez que eles agiam de acordo com condições históricas, criadas por outros indivíduos, e sob as quais eles nasceram e foram educados, utilizando os recursos culturais fornecidos por gerações anteriores. Assim, Marx (citado por SANTOS, 1986) deslocou as duas principais proposições da filosofia moderna: a de que há uma essência universal de homem e a de que essa essência é o atributo de "cada indivíduo singular", o qual é o seu sujeito real.

2. A descoberta do inconsciente freudiano, uma vez que a teoria de Freud, afirma que as identidades, a sexualidade e a estrutura dos desejos são formados com base em processos psíquicos e simbólicos do inconsciente, que funcionam de acordo com uma lógica distinta da razão, derruba o conceito do sujeito racional e cognoscente provido de uma identidade fixa e unificada. Assim, a identidade é formada ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento.

3. Ao trabalho do lingüista estrutural Ferdinand de Saussure, já que ele argumentava que não somos os "autores" das afirmações que fazemos ou dos significados que expressamos na língua. A língua preexiste a nós, por ser um sistema social e não individual. Falar uma língua significa, entre outras coisas, ativar uma vasta gama de significados que já estão embutidos na língua em questão e em seus sistemas culturais.

4. Ao trabalho do filósofo e historiador francês Michel Foucault, que produziu uma espécie de genealogia do sujeito moderno, destacando o poder disciplinar como um novo tipo de poder e que se preocupa com a regulação - através do policiamento e da disciplina - de populações inteiras, do indivíduo e do corpo.

5. Ao impacto do feminismo que, como um importante movimento social, contribuiu - junto a tantos outros movimentos sociais de sua época - para o nascimento da chamada política de identidade, processo em que cada movimento apelava para a identidade social de seus sustentadores. Além disso, o feminismo se relacionou mais diretamente com o descentramento do sujeito cartesiano, porque questionou a distinção entre os espaços público e privado. Adotando o slogan: "o pessoal é político", trouxe aspectos como a família, a sexualidade, o trabalho doméstico, entre outros, para a contestação política, para um espaço de discussão social; politizou a subjetividade, a identidade e o processo de identificação, já que enfatizou como uma questão política e social o questionamento sobre a maneira como somos formados e produzidos como sujeitos generificados; expandiu-se para movimentos que incluem a formação sexual e de gênero e, finalmente, porque questionou a noção de que os homens e

as mulheres faziam parte de uma mesma identidade: a "humanidade", substituindo-a pela questão da diferença sexual.

Essas rupturas das verdades totalizadoras da modernidade é que vão definindo, segundo Lyotard (1996), a condição pós-moderna que, para ele, significa o estado de transformações que afetam a ciência, a literatura e as artes, a partir do séc. XIX. Para esse autor, o saber passa a ser um aspecto determinante nessa mudança que começa a se instalar na sociedade de um modo geral, pois o saber deixa de ser uma verdade absoluta, própria da modernidade, para se tornar uma mercadoria, deixando de ter um valor de uso para ter um valor de troca. Assim, a verdade e o saber se relativizam.

A pós-modernidade vem, então, desconstruir conceitos tradicionais como, por exemplo, a unicidade da verdade. Entretanto, Amazonas (2003) afirma que nem sempre se consegue ser claro o suficiente, quando se fala em desconstruir um conceito ou um pensamento. Para trabalhar a desconstrução, a autora recorre a Derrida que, numa carta a um amigo japonês, diz da impossibilidade de conceituar a própria palavra desconstrução. De acordo com Amazonas (2003) Derrida vai explicar que a desconstrução para ele não é uma operação negativa, pois mais do que destruir, a desconstrução vai tratar de compreender como um determinado conjunto foi construído sendo, para isso, necessário reconstruí-lo. Além disso, ela acrescenta:

A razão é que esta palavra (desconstrução) necessita vir rodeada de um discurso. O trabalho de desconstrução, ao mesmo tempo em que pretende desconstruir todos os conceitos filosóficos da tradição, necessita recorrer a eles ainda que sob rasura. Trata-se de pensar na margem deste discurso. (Amazonas, 2003, p 05).

Hall (2000) trabalha a idéia do conceito sob rasura, numa perspectiva desconstrutiva, como uma tentativa de evitar que conceitos-chave, ao serem superados, fossem apenas substituídos por conceitos mais verdadeiros. Sobre este conceito ele diz:

O sinal de "rasura" (X) indica que eles não servem mais - não são mais "bons pra pensar" - em sua forma original, não reconstruída. Mas uma vez que eles não foram dialeticamente superados e que não existem outros conceitos, inteiramente diferentes, que possam substituí-los, não existe nada a fazer senão continuar a se pensar com eles - embora agora em suas formas destotalizadas e desconstruídas, não se trabalhando mais no paradigma no qual eles foram originalmente gerados (HALL, 1995). As duas linhas cruzadas (X) que sinalizam que eles estão cancelados permitem, de forma paradoxal, que eles continuem a ser lidos. (Hall, 2000, p. 104).

Nesse sentido, ao tratar da questão da relativização das verdades absolutas - contexto pós - moderno - posso dizer que as verdades atuais, não mais universais, mas fragmentadas e individuais, sofreram uma desconstrução, uma vez que não podem mais ser pensadas de forma totalizante, mas sim parciais, provisórias, contingentes ao momento histórico em que vivemos.

A ruptura da idéia de verdade absoluta possibilitou que os sujeitos experimentassem várias concepções de verdade, mas, sobretudo, que tomassem para si a idéia mais adequada de acordo com seu julgamento. Então, o que um sujeito compreende como sendo verdadeiro, o que ele elege como coerente para si, passa a ser escolhido individualmente, as verdades passam a ser individuais, personalizadas. Essa relativização das verdades fragmenta uma ideologia comunitária e passa a cultuar a ideologia do agora, do momento, do prazer imediato e da construção de modelos, ideais que devem ser consumidos para

indicar ao sujeito o seu poder e a sua capacidade de satisfazer-se através do consumo desenfreado.

Como foi visto anteriormente, a questão do consumo é fortemente influenciada pelos meios de comunicação de massa, que divulgam várias idéias, ao mesmo tempo e em tempo real, de modos de ser, do que consumir, das concepções de mundo, etc. Nesse sentido, a evolução tecnológica será de fundamental importância para que as informações desse novo modo de ser sejam disseminadas socialmente. Os meios de comunicação de massa passam a apresentar o fascinante mundo das facilidades, dos espetáculos, da auto-imagem, enfim, dos simulacros que parecem atrair mais a nossa atenção do que a própria realidade. Preferir a imagem à realidade denuncia que atribuímos maior importância ao periférico, ao visível, ao estético, do que ao conteúdo que possamos ter por trás da aparência. O que passa a interessar agora é a forma como vamos utilizar - de acordo com nossos interesses pessoais - as novas verdades que, neste momento, voltam-se para nosso narcisismo, preocupado apenas com o nosso bem estar imediato.

Essa realidade, ao recair sobre a forma como nos portamos socialmente, passa a dizer a maneira pela qual encaramos as questões sociais. Segundo Santos (1986), a participação social pós-moderna se orienta através de uma participação branda, frouxa, com metas a curto prazo, onde há expressão pessoal. Sendo assim, a pós-modernidade se caracteriza como o tempo do presente, descartando o passado e ignorando o futuro, pois o que importa é dar conta das necessidades presentes, através das inúmeras possibilidades de trocas entre as pessoas e entre estas e o que podem consumir.

Hoy nos encontramos habitando un mundo crecientemente centrado en la informática, regido por los medios de comunicación de masas y basado en la lógica del consumo. Importantísimos avances en la ciencia y la tecnología nos colocan al borde de lo que hace poco hubiera semejado un universo de ciencia ficción: el mundo telemático, la realidad virtual, la posibilidad de la reproducción en serie de embriones humanos; todo lo que torna casi inimaginable la vida dentro de cincuenta o cien años. La aceleración notable de los tiempos y lo vertiginoso de los cambios acentúan, la sensación de estar frente a una mutación social global, cuyos alcances aún no nos resultan ni medianamente accesibles. (ROJAS E STERNBACH, 1994. p. 31).

A tecnociência passa a invadir o cotidiano, na atualidade pós-moderna, com mil artefatos e serviços, não oferecendo, segundo Santos (1986), nenhum valor moral, além do hedonismo consumista. Ora, parece claro que o desenvolvimento da sociedade pós-moderna, além de estar ligado à relativização das verdades através da apropriação e troca dos saberes, está intimamente ligado ao progresso econômico-social, uma vez que o aumento do poder econômico dos indivíduos permite que os mesmos passem a gozar de uma condição de facilitação diferenciada: a de consumista - que passa a ser um norte em sua dinâmica pessoal - ainda que a postura consumista não seja totalmente apropriada, de forma consciente, pelo indivíduo.

Para Lipovetsky (1986), a pós-modernidade vai passar a existir exatamente por conta de uma mutação sociológica global, que gira em torno do consumo, que passa a ser um grande organizador social, tratando-se, pois de uma lógica reguladora da sociedade. Essa regulação, por sua vez, é realizada através da junção do mundo do consumo com a publicidade, pelos meios de comunicação, uma vez que tal combinação produz uma mensagem, uma forma de comunicação que prolifera e reflete o "desejo" de consumo social.

O consumo, então, passa a refletir um desejo de satisfação do indivíduo. Entretanto, essa satisfação não está vinculada apenas ao consumo de simples

objetos, mas de imagens, informações, conhecimentos, serviços, enfim, tudo o que possa se relacionar à idéia de satisfação, de completude, de felicidade pelo ter, independentemente do que se venha a ter.

Pensar sobre a pós-modernidade me leva a pensar sobre a forma como as pessoas sentem e representam para si o mundo onde vivem e os desejos que têm que realizar nesse mundo. De acordo com Santos (1986), o sujeito pós-moderno é individualista, extremamente narcísico e participa socialmente de movimentos que se voltem para pequenos objetivos, pragmáticos e/ou personalizados. Sobre isto Santos (1986, p. 56) diz:

No neo-individualismo pós-moderno - pautado pelo consumo e atuação no cotidiano - o sujeito vive sem projetos, sem ideais, a não ser cultivar sua auto-imagem e buscar sua satisfação aqui e agora. Narcisista e vazio, desenvolto e apático, ele está no centro da crise de valores pós-moderna.

O ambiente pós-moderno vai significar, para esse autor, que entre nós e o mundo estão os meios tecnológicos de comunicação, ou seja, de simulação, pois eles não necessariamente nos informam, mas refazem o mundo a sua maneira, hiper-realizam o mundo, transformando-o num espetáculo. Espetáculo este, que tem como atração principal a imagem e o simulacro como preferências absolutas, em detrimento do real, apagando assim, as diferenças existentes entre o real e o imaginário e entre o ser e a aparência. Esse discurso ideológico pós-moderno anula a diferença e a singularidade do desejo dos indivíduos, proporcionando apenas um prazer efêmero em relação à crença da ausência de castração.

El discurso ideológico enuncia un saber ai que pretendidamente nada le falta; afirmativo: a temporal, generalizador, autogenerado, es, en última instancia, un saber en que la castración es desestimada; la diferencia suprimida, la alteridad ignorada. Este

saber de la unicidad Y de la mismidad enlaza a los sujetos en una trama. (ROJAS E STERNBACH, 1994. p. 54).

Segundo as referidas autoras, o discurso ideológico pós-moderno, em sua forma totalitária, solicita de todos uma posição ideológica que, para ela, representa a nossa sujeição a uma idéia, a um ideal, e assegura o nosSO lugar enquanto sujeitos. Por essa razão é que a dimensão ideológica tem uma função de suporte - subjetivo e social - que possibilita um reconhecimento entre os indivíduos.

Pensar sobre as formas de posicionar-se ideologicamente consiste em admitir que, atualmente, há muitos ideais a serem perseguidos pelos indivíduos - como os que estão relacionados, por exemplo, com as esferas familiar e profissional. Tais ideais, por sua vez, são construídos a partir dos atos lingüísticos que fazem parte de uma rede social que atravessa a subjetividade das pessoas, moldando, também, a forma como elas se constituem.

4.2 -A Influência da Linguagem na Constituição das Identidades

Segundo Silva (2000), a identidade e a diferença são atos de criação lingüística. Isso quer dizer que elas são produzidas na relação com o mundo cultural e social. Do mesmo modo, considerar a criação lingüística é o mesmo que compreender esta produção por atos de linguagem, ou seja, pelos atos de fala.

Saussure (1978) aponta que os elementos que constituem uma língua não fazem sentido se considerados isoladamente, ou seja, à parte de um sistema cultural que os legitimam, quando negam o que eles não são, já que para ele a linguagem é um sistema de diferenças. A cultura, nesse sentido, é que será o

grande sistema de significação onde tais elementos terão sentido. Entretanto, esses sentidos não são definitivos, pois de acordo com Derrida (In SILVA, 2000), a linguagem, enquanto sistema de significação, é instável em decorrência de uma característica do signo. Segundo sua explicação, o signo é um sinal que está no lugar de uma coisa que pode ser um objeto concreto (ou um conceito ligado a um objeto concreto). Sendo assim, o signo não é a coisa ou o conceito, não é a presença. Porém, segundo o autor, não deixamos de associar o signo a uma presença (do objeto concreto) e a este fenômeno ilusório que legitima a substituição do signo pela coisa concreta ele denomina de "metafísica da presença". Além de substituir o objeto concreto, o signo possui a característica de carregar não só o traço do objeto substituído como o traço do que ele não é, ou seja, de sua diferença. Por conseguinte, o signo é caracterizado pelo adiamento da presença e pela diferença, características sintetizadas por Derrida (In SILVA, 2000) no conceito de "différance".

Silva (2000), a partir do ponto de vista de Derrida, argumenta que a estrutura de linguagem que nos governa não é de todo segura, uma vez que o adiamento do significado, assim como sua dependência por uma operação de diferença, indicam que o processo de significação é instável por ser indeterminado. Então, se a identidade e a diferença são, em parte, definidas pela linguagem, elas passam a carregar consigo o traço da indeterminação, como afirma o referido autor: "*a identidade e a diferença são tão indeterminadas e instáveis quanto a linguagem da qual dependem*" (Silva, 2000, p. 80). Além disso, as identidades e diferenças por serem resultados de atos de criação lingüística, produzidas no mundo sócio-cultural, estão em constante relação social. Entretanto, essa relação está longe de ser igualitária, uma vez que, nesse contexto, onde se

exclui a diferença, a hierarquia se estabelece não só como um regulador social, mas, sobretudo, como uma forma de acentuar as relações de poder.

A identidade e a diferença estão, pois, em estreita conexão com as relações de poder. O poder de definir a identidade e a de marcar a diferença não pode ser separado das relações mais amplas de poder. A identidade e a diferença não são nunca inocentes. (SILVA, 2000p. 81).

Nesse sentido, marcar o que é diferente e estabelecer a identidade é a pura expressão do poder que, neste caso, ao apontar as diferenças aponta para as relações de inclusão/ exclusão, as demarcações de fronteiras e as classificações - que funcionam sempre a partir do princípio da identidade, atribuindo valores aos grupos classificados.

Para Silva (2000), quando fixamos uma certa identidade como norma, continuamos a hierarquizar as identidades e diferenças, uma vez que estamos normalizando, ou seja, estamos elegendo - arbitrariamente - uma identidade que vai servir de parâmetro para marcar a diferença e manter o regime de hierarquia. Além disso, essa normalização vai implicar a atribuição dos melhores adjetivos à identidade eleita. A questão da normalização traz, ainda, um outro aspecto que merece ser discutido. Trata-se de pensar que, à medida que uma identidade é eleita como "a identidade", todas as outras identidades, as restantes, é que recebem maior visibilidade, exatamente por estarem relacionadas ao que contraria a norma.

O processo de fixação da identidade, assim como os processos lingüísticos oscilam, pois, se de um lado ele tenta estabilizar a identidade – atribuindo à mesma uma condição estática - por outro lado, ele a desestabiliza, uma vez que a fixação é apenas uma tendência e não um fim. Um bom exemplo que trata da

fixação das identidades diz respeito ao discurso biológico como sendo determinante na fixação da identidade. Sobre isso Silva (2000, p. 86) diz:

Embora aparentemente baseadas em agrupamentos biológicos, as tentativas de fixação da identidade que apelam para a natureza não são menos culturais. Basear a inferiorização das mulheres ou de certos grupos "raciais" ou étnicos nalguma suposta característica natural ou biológica não é simplesmente um erro "científico", mas a demonstração da imposição de uma eloqüente grade cultural sobre uma natureza que, em si mesma, é - culturalmente falando -silenciosa.

Considerando que a fixação da identidade não é um movimento definitivo, diante não só das várias possibilidades identitárias, como das novas produções de identidade num contexto social dinâmico, existem movimentos que trabalham para que a identidade não seja percebida como uma essência, como algo pronto, previamente definido. Esses movimentos, por sua vez, são vivenciados em sociedade, na cultura, em que a contemporaneidade reconhece, por exemplo, que as identidades são processos dinâmicos formados a todo o momento e em constante troca com o campo social. É esse mesmo campo social, o lugar em que são construídas as representações sociais que dão sentido às identidades e às diferenças e marcam a relação delas com o sistema de poder, pois ter o poder de eleger uma identidade é o mesmo que ter o poder de representá-la.

Entretanto, representar não significa apenas descrever o seu sentido, ou seja, não significa apenas fixar uma identidade pela descrição. O conceito de performatividade, desenvolvido por Butler (1999), trabalha essa idéia, uma vez que privilegia o movimento de "tornar-se", ao invés de se deter à descrição como legitimadora da identidade. Nesse sentido, a linguagem passa a ser responsável por uma ação, ela faz com que algo aconteça. Estas proposições performativas só são assim consideradas quando fazem com que algo se realize. Entretanto, algumas sentenças descritivas podem funcionar como performativas, uma vez

que sua repetição pode reproduzir o fato. Então, na preposição de que a mulher é inferior ao homem, por exemplo, pode-se obter, pela repetição desse enunciado, o resultado de que as mulheres possam se sentir, comportar-se e serem tratadas de fato, como pessoas inferiores, já que a linguagem contribui para definir ou reforçar uma identidade. Por esse motivo é que Butler (1999) considera a produção da identidade como uma questão de performatividade.

A performatividade parece ser alcançada pelo ato de repetição, da proposição ou discurso, que vai definir ou reforçar uma identidade. Entretanto, essa repetição pode ser percebida também como a possibilidade de se instaurar novas identidades através de uma nova repetição, uma vez que a repetição de novas identidades pode ser a expressão da contestação às identidades soberanas existentes e às relações de poder em que elas estão inseridas.

A identidade não é uma essência, não é um dado ou um fato - seja da natureza, seja da cultura. A identidade não é fixa, estável, coerente, unificada, permanente. A identidade tampouco é homogênea, definitiva, acabada, idêntica, transcendental. Por outro lado, podemos dizer que a identidade é uma construção, um efeito, um processo de produção, uma relação, um ato performativo. (...) A identidade está ligada a sistemas de representação. A identidade tem estreitas conexões com relações de poder. (SILVA, 2000. p. 96-97).

E sobre a perspectiva dinâmica da construção da identidade que pretendo discutir sobre a formação das identidades e subjetividade feminina e sua repercussão na própria mulher, hoje. Isso se deve ao fato de que ela não conserva mais, de forma integral, os pressupostos rígidos e estáticos que a legitimavam enquanto tal. A atualidade é um resultado das várias transformações sociais que recaíram sobre todos os indivíduos, homens e mulheres, e traz consigo uma série de novas determinações e exigências que convocam os sujeitos a assumir posições diferentes e diversificadas, ultrapassando assim, as

construções anteriores. Uma das entrevistadas confirma isso, em seu depoimento:

A mulher hoje é muito mais emancipada. Ela hoje tem mais a iniciativa que antes ela tinha no íntimo e não na atitude. Hoje a mulher é uma pessoa de atitude. Eu me considero muito emancipada, demais. Porque eu vejo que muitos homens da idade que eu estou hoje não têm tanto espaço na sociedade como eu tenho e esse espaço eu fui conquistando e hoje eu posso concorrer de igual pra igual com um homem. Posso concorrer no espaço profissional, social, assim de sair na noite e me garantir de sair só, sem ninguém mexer comigo. Não é obrigado eu sair com um homem para me guardar, tá entendendo? Porque antes tinha muito aquilo de você só sair se estiver acompanhada, então é um processo que vai mexendo em todas as formas de sua vida, todos os espaços que você tem. (Adriana).

O que Adriana expressa em palavras reflete a mulher de hoje, que luta diariamente para conseguir e conservar um poder recém adquirido, mas no seu ponto de vista (de Adriana), sempre desejado: *Ela (a mulher) hoje tem mais iniciativa... antes ela tinha no íntimo (isto é, no desejo) e não na atitude.*

O que Adriana tenta comunicar é que a mulher transformou esse desejo em ação. Não é apenas no mundo profissional que a mulher mostra essa "atitude", mas na vida social e na vida em geral;

(...) posso concorrer de igual pra igual com um homem. Posso concorrer no espaço profissional, social, assim de sair na noite e me garantir de sair só, sem ninguém mexer comigo.

É uma mulher 'toda poderosa' que prescinde de um homem: *Não é obrigado eu sair com um homem para me guardar, tá entendendo?*

É uma mulher deslumbrada com tanto poder e liberdade em relação a um tempo passado.

Porque antes tinha muito aquilo de você só sair se estiver acompanhada, então é um processo que vai mexendo em todas as formas de sua vida, todos os espaços que você tem.

Principalmente, é óbvio, com sua cabeça, com sua visão de mundo e com o modo como as mulheres vão assumir posições no mundo. É uma nova posição de sujeito que se descortina para as mulheres.

4.3 -Identidade e Subjetividade

Sem dúvida, as identidades - em sua multiplicidade - e a subjetividade sofrem influências em sua constituição em contato com o campo social, uma vez que não se pode simplesmente dicotomizar o social e o individual (REY, 2003). Entretanto, mesmo que a identidade e a subjetividade estejam interligadas, elas possuem suas características próprias e, sobre estas, é interessante comentar:

Os termos identidade e subjetividade são, às vezes, utilizados de forma intercambiável. Existe, na verdade, uma considerável sobreposição entre os dois. Subjetividade sugere a compreensão que temos sobre o nosso eu. O termo envolve os pensamentos e as emoções conscientes e inconscientes que constituem nossas concepções sobre quem nós somos. A subjetividade envolve nossos sentimentos e pensamentos mais pessoais. Entretanto, nós vivemos nossa subjetividade em um contexto social no qual a linguagem e a cultura dão significado à experiência que temos de nós mesmos e no qual nós adotamos uma identidade. (WOODWARD, 2000. p.55).

A subjetividade vai permitir a exploração de sentimentos envolvidos no processo de produção da identidade, que nada mais é do que a posição que assumimos e com a qual nos identificamos no contexto contemporâneo. Entretanto, vale lembrar que, diferentemente da modernidade, a atualidade, com todo seu vasto movimento de transformação - em todos os âmbitos - solicita-nos

a todo instante, resignificando nossos lugares e os nossos modos de agir. Por esse motivo, é que a identidade não é um título, algo estático e permanente, "a identidade não é uma positividade" (SILVA, 2000 p.74). É, ao contrário, a expressão de um movimento que diz de nós mesmos em diversas circunstâncias. Sendo assim, possuímos várias identidades que, por vezes, podem se apresentar de forma complementar; outras contraditórias, mas que fazem parte de nós, dizem de nossa subjetividade e do nosso modo de ser no mundo. É destas várias identidades que nos fala Denise:

Ser mulher hoje é ter mais trabalho do que se pensava antigamente. Ser mulher hoje em dia é... Lógico, tem o seu lado prazeroso: ser mãe que só a gente tem. Agora também comparando com antigamente, nós temos muito mais obrigações do que antes, porque trabalhamos fora. Na verdade, nós temos três, quatro obrigações: ser mulher, ser esposa, mãe e profissional. Então, a gente vem procurando maior liberdade, maior especialização e sempre a gente querendo mais, querendo mais, mas acarreta outras perdas. (Denise).

Ser mulher, hoje é para ela, acumular funções, é vivenciar distintas solicitações entre as atribuições da identidade profissional e a identidade, doméstica. Compara com tempos anteriores e considera que o trabalho fora do lar levou a mulher a acumular obrigações, e assumir novas posições que acarretam uma sobrecarga de trabalho, ainda que isso também signifique uma maior liberdade. Demonstra perceber que essa liberdade decorre de uma profissionalização que implica numa corrida por mais especialização, mais trabalho, pois ser uma mulher emancipada, hoje, é estar sempre *querendo mais e mais*, e que isso *acarreta outras perdas*.

Discorrer sobre a identidade também significa se deparar com um debate acerca de posições essencialistas e posições não-essencialistas que nos

atravessam, e que interferem na forma como adotamos certos comportamentos. A primeira destas posições funda seus argumentos sobre uma perspectiva histórica ou biológica, fazendo-se valer dessas instâncias para nos definir. A segunda destas posições trata do reconhecimento da identidade enquanto uma construção, uma posição que vamos construindo de acordo com o meio social em que estamos inseridos e que poderia ser melhor falada como uma identificação. Hoje em dia, por exemplo, se reconhece socialmente que o papel da mulher não se esgota no ser mãe e dona de casa, não pode estar cerceado por seu aparato biológico, como afirma Rocha-Coutinho:

(...) do mesmo modo que os homens não nascem pais, as mulheres, apesar de seu aparato biológico, também não nascem mães. E, do mesmo modo que a paternidade não satisfaz o projeto de vida do homem, a maternidade, por si só, pode não preencher o projeto de vida da mulher. (ROCHA-COUTINHO, 1994, p.45)

Assim, no meio social contemporâneo, na cultura é o lugar onde as identidades das mulheres que participaram dessa pesquisa, irão transitar. Dessa forma, é importante perceber a relação existente entre indivíduo e cultura, uma vez que esta se dá a partir de uma participação e afetação mútua na constituição de ambos, que desse modo, produzem sentidos. Abordar a cultura pressupõe falar sobre as representações sociais nela contidas. São essas representações que dizem de nós enquanto sujeitos, uma vez que é a partir das representações que assumimos as posições de sujeito e que moldamos nossas identidades que terão significado em um determinado contexto cultural. No caso das mulheres, a relação entre as identidades assumidas fica delicada quando as identidades em questão são as de profissional e de dona do lar.

Ser mulher hoje, é complicado, é você conseguir dividir o seu tempo entre a família e a profissão, porque a mulher hoje não pode mais ser a Amélia de antigamente... Assim, eu tô falando do que a sociedade vê também, né? Porque a mulher tem que trabalhar, tem que ajudar financeiramente em casa também (...) Além de ser mãe, ela tem que ser profissional também. (Thalita).

Thalita, ao considerar a divisão do tempo como fator importante para ser mulher, hoje, percebe a família e a profissão como esferas exigentes e, por vezes, divergentes, na vida da mulher. Se, para ela, é importante cuidar de uma casa, de filhos e de marido, também o é, ser profissional, pois, *além de ser mãe ela tem que ser profissional também.*

Apesar de compreender que a mulher atual sofreu profundas transformações na sua identidade, Thalita deixa transparecer que conciliar essas duas esferas da vida - pública e privada - não é uma tarefa fácil, para as mulheres. A esse propósito, Muraro (1991) afirma que a maior dificuldade para a mulher, em conciliar as esferas familiar e profissional, está na dupla jornada de trabalho, já que as mulheres bem sucedidas sofrem mais críticas, enfrentam, mais freqüentemente, o afastamento de seus maridos e o aumento de seu trabalho doméstico.

Não existe um número fixo de posições de sujeito que possamos adotar. Essas posições são assumidas, principalmente, de acordo com a emergência das mudanças sócio culturais. É como se as identidades passassem por um processo de mutação constante fazendo-nos experimentar uma crise de identidade, não apenas por não mais nos reconhecermos em posições antigas, mas por não sabermos que novas posições adotar.

Alguns autores recentes argumentam que as crises de identidade são características da modernidade tardia e que sua centralidade atual só faz sentido quando vistas no contexto das transformações

globais que têm sido definidas como características da vida contemporânea. (WOODWARD, 2000 p. 20).

A chamada crise de identidade se instaura não apenas pelo abandono de identidades antigas e, de certa forma, contingentes, mas especialmente, pela inúmera oferta de identidades que se apresentam hoje em dia. Atualmente, não se tem mais um centro estruturador que defina, por exemplo, o que é ser homem ou mulher. Ao invés disso, existem vários centros, uma pluralidade de centros que fazem parte da constituição dessas identidades masculinas e femininas. A constituição de tais identidades, por sua vez, está atrelada a uma classificação social, já que nos posicionamos de acordo com o campo social em que estamos atuando.

Classificar as identidades é muito mais do que separá-las por atribuição de características que definem um lugar; é, sobretudo, considerar que as identidades se estabelecem e se constituem a partir de sua relação com a diferença, ou seja, com o que eu não reconheço como sendo parte de minha identidade. Entretanto, a identidade não é, necessariamente, o oposto da diferença, mas depende da diferença nas relações sociais, estabelecendo os sistemas classificatórios.

Um sistema classificatório aplica um princípio de diferença a uma população de uma forma tal que seja capaz de dividi-la em ao menos dois grupos opostos -nós/eles; eu/outro (...). É por meio da organização e ordenação das coisas de acordo com sistemas classificatórios que o significado é produzido. Os sistemas de classificação dão ordem à vida social, sendo afirmados nas falas e nos rituais. (WOODWARD, 2000 p.40).

Pensar a questão da identidade associando-a ao que não se é, privilegiando classes polarizadas, configura o pensamento de oposições binárias como sendo o que produz a diferença. A diferença, nesse caso, pode ser

construída negativamente se estiver baseada na exclusão de quem não corresponde ao que não é reconhecido como uma identidade privilegiada. Se, por um lado, a classificação através das oposições binárias pode significar diversidades identitárias; por outro lado, contemplam a dicotomia e, além disso, estabelecem uma relação de desigualdades entre os elementos, uma vez que um passa a ser mais valorizado que o outro, um passa a ser visto como a norma e o outro como desviante da norma, estabelecendo uma relação desigual de poder entre eles.

Para Derrida (In SILVA, 2000) o problema em se pensar a questão da identidade tomando como referência às oposições binárias, é que estas não expressam uma divisão do mundo em duas classes simétricas, mas privilegiam sempre um dos pólos em detrimento do outro. Um recebe sempre valor positivo e o outro negativo ou de menor valor, as oposições binárias implicam, sempre, em relações de poder. Esses pensamentos opostos sempre rodearam a relação entre homens e mulheres e seus gêneros, privilegiando os primeiros e menosprezando as segundas.

Saussure e Lévi-Strauss (In SILVA, 2000) vêm nas oposições binárias uma parte da lógica do pensamento e da linguagem, pois marcam a diferença de forma extrema e produzem, essencialmente, significados. Além da contestação de Derrida a este posicionamento lingüístico, apresento outro movimento que discorda da instauração de tal pensamento dicotômico. Trata-se do pensamento feminista em que Beauvoir (1980), por exemplo, argumenta que esses dualismos têm feito as mulheres ocupar um lugar social de inferioridade, uma vez que os homens ocupam um lugar de superioridade. Assim, as mulheres não são apenas mulheres, mas aquilo que os homens não são. Em relação a esse assunto, cabe

dizer que as diferenças entre homens e mulheres não precisam, necessariamente, ser vistas como opostas, apenas como diferentes e complementares. A diferença não deve significar desigualdade. Além disso, devemos não apenas considerar as diferenças entre homens e mulheres, como também, as diferenças entre mulheres de classes sociais, de etnias, religião, etc. igualmente, distintas.

Pensar o mundo através das oposições binárias, não nos permite considerar a singularidade de cada ser e a complexidade social. Esse tipo de raciocínio nos leva a colocar os indivíduos em grandes classes fechadas e estanques, e não nos deixam perceber com clareza a infinitude de possibilidades de ser. Ao dicotomizarem as relações sociais, ao privilegiarem a compreensão de que um pólo domina (os homens) e o outro é dominado (as mulheres), não permitem a apreensão dos ganhos, mas também, dos custos de cada um dos pólos da relação.

Assim, penso a questão da identidade, como se constituindo na cultura. Porém, não se trata de uma relação de causa e efeito do tipo: sou apenas o que a cultura determina que eu seja, mas trata-se de uma relação de complementaridade em que a linguagem cultural vai exercer um importante papel nas posições de sujeito assumidas, visto que é na cultura que essas posições vão assumir um sentido.

Além disso, considero que não basta dizer que as diferenças entre as identidades são culturais; pois o problema que ainda permanece é o de conceber as diferenças (sejam elas consideradas culturais, sociais, subjetivas) entre homens e mulheres, tomando o homem como a medida, o padrão, a referência de todo discurso legitimado (LOURO, 2003, p. 32).

Apesar de admitir que a identidade tem um caráter múltiplo e não estático, prefiro pensá-la associando-a à idéia de identificação, pois favorece a concepção de que não se trata de algo instituído, pronto, acabado. Mesmo cientes das possibilidades identitárias, em geral, tomamos esses modelos como algo pronto, que decidimos incorporar ou não a nossa vida e, falar de identificação é tratar do processo de construção do sujeito, sem necessariamente aprisioná-lo a uma ou outra identidade. Desse modo, a identidade não perde o seu caráter contingente, e assume sua condição de processo. É a respeito da apropriação das identidades, pelas mulheres, que tratarei a seguir.

4.4 -A constituição da Identidade da Mulher Pós-Moderna

Anteriormente já foi dito que indivíduo e cultura se afetam mutuamente. Sendo assim, torna-se difícil considerar - num contexto social globalizado e desenvolvido científica e tecnologicamente como o atual - a exclusão das mulheres dessa realidade, uma vez que elas também produzem um quadro de transformações, e muito menos desejar que elas se comportem de acordo com um modelo tradicional limitado. Os depoimentos das entrevistadas são o ponto de partida para refletir a forma como a mulher se apresenta, hoje. No entanto, é importante salientar que estou ciente de que não é possível generalizar meus achados. O que espero é lançar alguma luz sobre o tema.

A participação da mulher na esfera pública advém, principalmente, do seu trabalho, sendo a partir desse que ela foi conquistando, gradativamente maior participação na sociedade. Hoje ela ocupa cargos de chefia, de alta responsabilidade, consagra-se nos esportes, na política; tem espaço na mídia,

entre outras realizações. Entretanto, atuar no mundo público, por si só, é algo que afeta e transforma sua identidade, uma vez que ela passa a ter uma postura diferenciada da que foi instituída até a cultura da família burguesa. E, além disso, não extingue totalmente sua identificação com o papel doméstico - familiar.

É exatamente sobre essas identidades que pretendo discorrer de forma mais incisiva, pois, diferentemente da época da cultura burguesa, há uma convocação feita pelo social para que a mulher assuma uma postura pública, exercendo sua intelectualidade, solidificando um novo modelo de mulher: uma mulher que adquire poder, especialmente por transformar o seu saber em rentabilidade, ou seja, a mulher pode apropriar-se de seu conhecimento e, pela via do trabalho, aplicá-lo, de forma a conseguir uma remuneração.

Porém, muito mais do que buscar reconhecimento no mundo público, a mulher parece não desejar se desvincular totalmente do âmbito que lhe assegurou, até recentemente, uma identificação: o âmbito privado. Entretanto, ela parece reconfigurar, redimensionar suas obrigações e participações no lar. Abarcar essas esferas - da casa e da profissão - faz com que a mulher atual vivencie novas sensações, sentimentos, desejos; enfim, faz com que ela experiencie novas posturas e uma nova forma de se ver enquanto mulher, e é isto que eu gostaria de salientar neste momento.

A performatividade da língua, neste período da efemeridade pós-moderna, privilegia como modelo de mulher aquela que é dinâmica, capaz, produtiva e, sobretudo, consumidora. A ética da excelência, sendo um evento pós-moderno, exige que sejamos não só produtores de bens e conhecimentos, mas que sejamos os melhores e sem tempo para descanso, pois vivemos sob a lógica do mercado e o nosso sucesso é medido pelo que possuímos. A lógica do ter se

sobrepôs à lógica do ser, que outrora nos bastava. Hoje, a nossa felicidade é efêmera, fragmentada e passageira.

Entretanto, vivenciar esses momentos partidos da melhor forma, parece nos dar uma sensação de satisfação, ao mesmo tempo em que obtê-los, também está ligado ao fato de podermos financiar sua existência em nossas vidas, pois o dinheiro é, hoje em dia, o grande possibilitador do estado de "felicidade completa".

A idéia pós-moderna do que vem a ser uma mulher ideal, bem sucedida é percebida por uma das entrevistadas como um acúmulo de funções.

Eu acho que ser mulher hoje é um acúmulo de funções porque ela não deixa de acumular. Eu não conheço ainda uma mulher que não deixe de ter todas as responsabilidades que tem que ser: profissional -porque exigem mais dela que eu vejo, não na minha área, porque é pública e depende do cargo, mas eu vejo que uma amiga minha entrou igual a um homem, tem o mesmo nível escolar, é mais capacitada porque ela já... Ela sabe do potencial dela, e na hora da promoção, o homem é promovido, entendeu? Porque ele tem família, tem que sustentar a família, como se ela não tivesse que sustentar. Homem tem que sustentar, mulher ajuda. Boa esposa -você tem que ser boa esposa porque cada mulher tem que agradar o homem, tem que ser boa, tem que ser tudo. Tomar conta da casa -porque por mais que o marido gerencie, meu marido é muito bom, me ajuda em muitas coisas, se dispõe a fazer, mas de qualquer forma, o encargo fica mais para a mulher mesmo. (Rosana).

Para Rosana, a mulher, hoje, acumula funções, já que ela tem que dar conta das tarefas do lugar que lhe foi atribuído historicamente, a casa com todos os cuidados que esta abarca, bem como dar conta dos novos papéis. Parece difícil desconstruir um modelo de mulher previamente instituído, tanto o é, que a oscilação de tarefas e deveres se traduz na busca da mulher por uma identidade, um lugar de reconhecimento.

Além disso, Rosana percebe que a lógica do meio social ainda está repleta de pensamentos dicotômicos, sem se dar conta de que esse modo de pensar

também a atravessa: *Homem tem que sustentar, mulher ajuda, o marido gerencia*, mais o fazer fica mesmo para a mulher, modo de ser e pensar que privilegia a desigualdade entre homens e mulheres, pois eles teriam um lugar histórico-social definido previamente, em que o homem é o provedor e a mulher dependente, assim como, nas relações da cultura da família burguesa, em que o marido era a autoridade dominante sobre a família e provia o sustento dela pelo trabalho; e a mulher, considerada menos racional e menos capaz, preocupava-se exclusivamente com o lar. (POSTER, 1979).

Adriana, assim como Rosana, percebe que a mulher acumula funções e múltiplas identidades:

A mulher é uma heroína. Viver num jogo desses tem que ter jogo de cintura, tem que ser uma heroína. Quantas não conseguem viver sós, batalhar pela vida, construir seu futuro, criar filhos sozinha e ainda cuidar de si? São eternas heroínas. Não tem nada que se compare a uma mulher. É forte! (Adriana).

O que quer essa supermulher? A quem ela 'pretende' convencer de todo esse poder? É como se Adriana tentasse se convencer que ser mulher é bem mais que ser homem. Que sempre foi assim e sempre será. Não é um prognóstico muito tranquilizador para as representantes dessa 'espécie'. Ser essa mulher que Adriana descreve é um trabalho hercúleo, é uma impossibilidade, simplesmente porque seria a completude que não é própria do humano.

Adriana observa que a mulher é um ser forte, e por que não dizer, quase auto-suficiente, tendo nessa condição a sua afirmação enquanto sujeito e um reconhecimento social. Essas opiniões revelam, além da pluralidade de sentidos que a mulher atual traz consigo, que a mulher hoje se subjetiva e assume determinadas posições de sujeito, de acordo não só com as exigências sociais,

mas com a sua história pessoal, especialmente em decorrência da influência que sofre de sua família de origem.

Rosana e Adriana ao perceberem a mulher como um ser de funções acumuladas (a casa e o trabalho) e de múltiplas identidades, em relação às quais sentem que têm que dar conta, relatam algumas contradições vivenciadas diante de tais solicitações. Não se desvincularam do papel de cuidadoras, tampouco abrem mão do poder que possuem advindo da profissão. Entretanto, elas se angustiam perante esses modelos, sentem-se como se tivessem que segui-los à risca sem questionamento. Parecem se encontrar em um momento que se aproxima do desgaste, do sofrimento e da angústia.

Lúcia me faz perceber que a transmissão de valores, em sua família, constitui-se como algo importante, pois influencia sua própria formação enquanto sujeito.

Eu cresci com a minha mãe dizendo o tempo inteiro que eu tinha que estudar muito que, eu tinha que me formar e ser independente, porque quando eu fosse casar eu tinha que trabalhar para não depender de marido e eu tinha que contar também com a possibilidade de um divórcio (risos). É, eu lembro que desde os nove, dez anos a gente conversava e ela dizia: se um dia você não gostar mais dele você se separa e vai construir sua vida de novo, com outra pessoa ou sozinha (Lúcia).

Percebo então, que as mudanças ocorridas na vida da mulher já vêm acontecendo há algumas décadas. A atualidade parece ser apenas o palco onde as transformações são vistas mais de perto. Entretanto, essas modificações não são percebidas somente no núcleo familiar, na transmissão de valores entre gerações, pois as mudanças nos costumes variam de acordo com o próprio meio social, sendo possível encontrar diferenças até mesmo numa mesma camada social. Essas mudanças não acontecem de forma homogênea. Encontro em

Thalita um depoimento que denuncia, por exemplo, a heterogeneidade dos valores transmitidos em família.

Meu pai prega isso: que eu tenho que encontrar um marido bom, que tenha uma boa condição financeira para me dar todo o aparato de que preciso. É como se eu tivesse que sair do meu pai para o meu marido. E hoje, quando eu percebi que não podia ser assim, foi complicado. Porque vejo que o homem e a mulher estão no mesmo barco e eles têm que se unir, que se casar e se ajudar, em todos os âmbitos: o de ajudar na criação dos filhos e na parte, financeira para sustentar a casa. É muito difícil isso, porque você ser criada de um jeito, totalmente dependente do seu pai e da sua mãe, e de repente você se vê... pá! Tem que ser independente de todo mundo, agora tem que ser eu, eu e eu. É um choque, é bem difícil. (Thalita).

Se por um lado, a idéia de identidade feminina tradicional traz em sua conceituação um certo aprisionamento em relação ao papel da mulher na sociedade e, além disso, traz também uma segurança no modo de viver da mulher, porque define um lugar, mesmo estático, para ela, delimitando seus passos; por outro lado, a identidade da mulher atual permite uma maior mobilidade e uma possibilidade maior de novas construções.

Para Thalita, portanto, vivenciar a realidade atual - que privilegia e convoca um posicionamento da mulher em sociedade - é gerar sofrimento, uma vez que não apenas a destitui de um lugar seguro - definido pelo modelo tradicional - mas a desampara enquanto sujeito indeterminado quanto ao papel que deve desempenhar no contexto social.

Segundo Vaitsman (1994), a identidade moderna centrava-se em torno de um objetivo normativo, uma identidade estável. Atualmente a identidade, por sua vez, distante da rigidez do modelo burguês, é livre para ser reconstruída e para produzir a partir de suas escolhas. No que diz respeito à mulher, o movimento de identificação atual é contraditório, uma vez que, socialmente, exige-se dela um

centramento em si mesma, ao mesmo tempo em que há a exigência de um descentramento, que é uma imposição da cultura atual. Ou seja, há a expectativa de que a mulher seja tudo aquilo que esperam dela e que lhe foi atribuído historicamente, ao mesmo tempo em que se aguarda que ela seja inovadora e polivalente, sendo descentrada a sua maneira de ser.

Desvincular-se desse modelo tradicional de mulher exige de Thalita um esforço diário e implica avanços, retrocessos e muito sofrimento.

Eu acho que todo dia é uma luta, porque todo dia eu tenho que batalhar, ir atrás das minhas coisas pra poder conseguir esta independência e é muito difícil pra uma pessoa que sempre teve uma outra pra dar a mão. Eu sempre tive o que precisei, eu fiz toda a minha faculdade paga pelo meu pai, sem me preocupar em precisar trabalhar, nem nada. Até teve um momento em que eu quis trabalhar e ele me dizia que não, porque ele estava aqui pra me ajudar e eu tinha que estudar. E, de repente, agora, não, eu tenho que trabalhar. Então, é um choque, é uma mudança muito brusca (...) Hoje eu estou começando a assimilar melhor isso, até pra não deixar que a pressão de fora, da família, me paralise, me desespere e eu não consiga sair do lugar. Eu estou tentando conciliar a pressão com o meu tempo, isso tem que ir devagar, porque eu passei a vida toda de um jeito e não é da noite para o dia que eu vou mudar ou me tornar independente. (Thalita).

As mudanças no espaço social costumam ser mais rápidas do que as mudanças subjetivas, embora mantenham uma comunicação permanente e se influenciem mutuamente, em suas constituições. Para Rey (2003), o movimento de constituição da subjetividade individual mostra os processos de subjetivação associados à experiência do sujeito concreto, assim como as formas de organização dessa experiência por meio do curso da história do sujeito. A processualidade e a organização são dois movimentos que se apresentam em constante relação dialética, o que vai caracterizar o desenvolvimento da subjetividade.

Percebo que há uma variação na transmissão de valores realizada pela família de origem das referidas entrevistadas. Lúcia apresenta uma forma mais aberta de funcionamento, com uma visão mais libertadora, centrando a atenção na própria mulher, considerando-a responsável por si mesma e pelos rumos que dá à sua vida. Ela tem um projeto de vida mais organizado em que família e profissão têm lugares garantidos em sua vida sem que necessariamente ela precise fragmentar essas duas instâncias para vivê-las como considera satisfatório, sem que isso implique em desconforto. Por outro lado, observo uma transmissão de valores mais tradicional, que perpassa a constituição de Thalita e que, nesse caso, acarreta sofrimento para a mesma, uma vez que ela percebe que é um choque se deparar com as contradições entre sua criação e o que a sociedade diz que é ser mulher, hoje.

Entretanto, a influência da família de origem na constituição da subjetividade das entrevistadas não abarca apenas os extremos, ou seja, o que é tradicional e o que contemporâneo, pois outras circunstâncias como a perda de um dos pais, a necessidade de enfrentar de forma prematura o mercado de trabalho, entre outras, também delineiam os modos de ser dos sujeitos, conforme pode ser observado, no depoimento abaixo:

Eu fui aprendendo a ser independente, sozinha com a vida, porque eu vi minha mãe muito dependente de meu pai. Tanto é, que quando meu pai faleceu... Tudo o meu pai fazia, até a roupa dela, pra sair, ele escolhia e ela adorava. Mamãe era doméstica, dentro de casa, sempre dependente. E outra, eu era uma menina muito presa, criada na igreja evangélica, meus pais com aquela mente. Meu pai mesmo era militar, não queria que as filhas dele, mulheres, fossem numa venda, nem na venda a gente ia porque lá só ia homem, eu fui crescendo... Pra você ter uma idéia, com vergonha de ir numa venda, até então eu tinha vergonha de ir a uma venda porque meu avô, pai de minha mãe, era dono de uma venda e dizia que lá na venda os homens quando viam as meninas ficavam soltando gracinhas. Aí meu pai não queria que a gente fosse em venda. (Angélica).

A dependência da mãe de Angélica, em relação ao seu marido, traz para a entrevistada o desejo de não se identificar com uma postura dependente e a forma sem liberdade como Angélica foi criada, motivaram-na a buscar a independência. A participante afirma que a forma como ela foi criada influenciou a maneira como ela se comporta hoje e, principalmente, nutriu suas dificuldades em relação a alguns aspectos:

Era da escola pra casa, até nos meus quinze anos, quando eu tive meu primeiro namorado. E eu lembro quando eu saía da escola, que ele me conheceu lá, porque a irmã dele estudava na minha sala. Ai se você visse, era um cara bem bonitinho, mas eu morria de vergonha desse homem, quando eu largava eu não queria papo, eu corria, eu era um bicho do mato. Depois eu fui vendo que aquilo ali não existia. Não é porque o meu pai morreu que eu virei... Sabe? Mas fui vendo que as coisas não eram daquele jeito, agora morrendo de medo como ainda hoje eu tenho medo de estar na rua, mas eu tenho que estar, eu tenho que lutar pra isso. Devido a uma criação que eu tive, tudo pra mim tem ladrão, mas sabe como é, né? Tem que enfrentar as coisas.

Outra vergonha que eu tenho é de falar em público. Estudei, fiz meu segundo grau todo e eu tinha um professor que ele percebia isso em mim, e como ele era professor de português, fazia umas leituras na sala e perguntava quem queria ler, aí ninguém queria e ele então sorteava o nome na caderneta, olha que "sacanagem"! E aí sempre caía o meu nome. Então era uma forma de me fazer falar na sala de aula e eu ficava por conta. Ainda hoje, na faculdade, com seminários pra apresentar neste segundo período, eu tento desenvolver isso melhor, mas... Sentada ainda falo alguma coisa, mas quando é pra eu ir lá na frente, eu ainda tenho esse bloqueio. (Angélica).

Mesmo sabendo de suas dificuldades e atribuindo a existência dessas à forma como foi criada, Angélica tenta, na medida do possível, superá-las, mesmo que isso implique sentimentos de medo, de retraimento. Ela sabe que buscar a independência pressupõe que a pessoa se arrisque e seja ousada, embora tais atitudes acarretem sentimentos que possam, por vezes, inibir as atitudes.

Angélica está sempre buscando alternativas para resolver as dificuldades que encontra em sua vida, sejam elas decorrentes de uma criação específica ou do que a atualidade apresenta como condição para corresponder a um modelo ideal. Entretanto, dizer da superação de dificuldades não é o mesmo que deixar de viver contradições em relação à postura que adota como mulher, mesmo assim se sente muito satisfeita ao perceber a forma como conduz sua vida e como atende suas solicitações, encarando seu modo de vida mais como uma vitoriosa conquista diária do que como um fardo.

Outra entrevistada também reconhece que seu desejo por independência foi motivado pela vontade de não repetir o modelo materno.

A minha idéia de independência veio de eu não querer ser igual a minha mãe, entendeu? De não querer ter que agüentar, escutar as mesmas coisas que ela escutava sem poder fazer nada, porque ela não tinha independência para decidir: quero ou não me separar, quero ou não continuar casada. E para onde ela ia? Com três filhos e sem profissão? Aí eu não queria passar pelo que ela passou. Daí que vem eu querer minha independência. (Rosana).

A profissão, neste caso, surge como o grande possibilitador de liberdade e, sobretudo, de poder.

Embora tenham recebido orientações diferentes, há um ponto em comum em nas entrevistadas e este se volta para a questão da liberdade, da independência, da autonomia. De uma maneira ou de outra, as entrevistadas contemplam esse aspecto, seja para firmar um novo modelo de identidade ou para se livrar de um modelo feminino aprisionador. Conseguir a emancipação, porém, não foi um caminho fácil para todas elas.

Eu acho minha família muito machista, a gente tem que bater o pé pra poder aparecer, porque se dependesse da minha família as mulheres não teriam vez. Nenhuma mulher da minha família, da

geração antiga, com exceção da minha tia, assim as mais velhas, a outra geração, trabalha... Quando trabalharam era nas lojas, nos negócios do marido. Nenhuma delas trabalha, nem minha mãe. A minha mãe quer que eu seja independente, mas ela está tão acostumada a ser dependente que eu acho que às vezes até... Ela acha ótimo o meu trabalho porque dá pra conciliar a vida da família com a vida do trabalho. Eu também acho isso. Antigamente eu queria muito fazer as coisas, fazer as coisas, mas é porque hoje eu tenho visto a perspectiva de um outro lado, o lado da religião, então nem tudo é dinheiro, nem tudo é você conseguir as coisas. A harmonia, você está bem com sua família está sendo mais importante pra mim agora. Se bem assim que o meu pai sempre me incentivou... Ele queria que trabalhasse, mas... Não pra ser independente porque ele sempre gostou de mandar em mim (risos), ao contrário, eu demorei a conseguir a independência dele porque ele me proibia de fazer tudo. (Rosana).

O modelo de trabalho feminino recebido por Rosana era o de que a mulher trabalharia em algo que fosse próprio da família, sob as ordens do marido e, ao que tudo indica, sob sua permissão, assemelhando-se ao modelo de família patriarcal apontado por Arantes (1993), em que cada personagem familiar tinha o seu lugar definido, assim como a sua função de preservação dos bens, propriedades familiares. O funcionamento familiar ditado pelo homem e aprisionador da mulher, parece ter criado alguma ambivalência em relação ao sentimento da mãe da entrevistada, a respeito da independência.

A ambivalência de opiniões da mãe da entrevistada em relação à liberdade de sua filha revela que ela, mesmo fazendo parte de uma geração mais antiga, parece compreender que a mudança de postura da mulher, no caso, de sua filha, é necessária para que a mesma conquiste outros espaços. Entretanto, a idéia de que a mulher deve se dedicar à casa ainda é, nela, muito forte, pois este é o seu primeiro domínio.

Não é só na mãe de Rosana que a ambivalência pode ser percebida, pois seu pai também parece transmitir, para a entrevistada, informações contraditórias em relação a sua atuação profissional: *Ele queria que trabalhasse, mas... Não pra*

ser independente porque ele sempre gostou de mandar em mim. Esse movimento parece estar relacionado com a forma de funcionamento da família de origem de Rosana. Sendo um homem machista, como diz a participante, seu pai gostaria que ela trabalhasse, mas ao mesmo tempo gostaria de manter sua autoridade de um pai governante sobre a filha. O trabalho de Rosana, na ótica de seu pai, talvez fosse aconselhável para que a filha não fosse uma mulher ociosa, mas nunca para que ela tivesse independência e se desvinculasse dele.

As mulheres hoje ultrapassam as definições de lugares estabelecidos para sua participação no meio social, elas não têm mais na casa a finalidade de sua atuação. Elas nos têm revelado que a independência e a autonomia são conseguidas pela via do trabalho, especialmente porque, por meio dele, as mulheres revelam seu poder através do dinheiro, moeda possuidora de valor não só financeiro, mas de valor no reconhecimento em sociedade.

Numa igreja só o homem poderia ser pastor e hoje não, a mulher não é mais coadjuvante ela tem um papel mais ativo. Eu falo no lado profissional porque é o lado que eu me vejo mais atuante atualmente, é o que está mais em evidência na minha vida, mas em todos os aspectos. Até em uma casa mesmo em que antigamente só o homem trabalhava e agora a mulher também trabalha e quantas casas e famílias são sustentadas por mulheres? (Adriana).

Adriana entende que é o ser profissional, e receber pelo serviço prestado a partir da qualificação, que leva a mulher a ampliar seus direitos. Ou seja, a mulher que mantém a si mesma e ainda participa da manutenção da casa é prestigiada, já que se afirma pela profissão e pelo dinheiro, indicativos de poder e notoriedade no contexto atual. A profissionalização é, aos seus olhos, uma aliada para se conseguir a emancipação.

O trabalho, apesar de ser apontado como o possibilitador de independência, pode sofrer uma espécie de boicote por algumas mulheres, pois mesmo que elas reconheçam a importância de se adequarem aos ditames sociais de mulher atual, sentem-se mais realizadas ao privilegiarem uma das identidades propostas para as mulheres e não todas as que deveriam abarcar por imposição do modelo social. Entretanto, deparar-se com esse desejo é algo que gera sofrimento, uma vez que as mulheres querem corresponder ao modelo social imposto para serem reconhecidas, mas não se sentem capazes, ou não se sentem confortáveis em atender a tantas demandas. É nessa hora que uma esfera pode se sobrepor a outra. Thalita parece vivenciar essa situação quando prioriza a vida familiar à vida profissional, mesmo que não se desligue totalmente da possibilidade do trabalho, já que ele, atualmente, diz muito dela própria enquanto mulher.

Eu poderia investir mais (...) Eu acho que uma das coisas que me impede é exatamente isso de ter sempre uma pessoa que, quer queira quer não, reclamando ou não, pressionando ou não, sempre está ali para me apoiar (...) eu não consigo me desvincular, de deixar de ser "filhinha de papai". Eu tenho medo. Eu tenho medo de botar a minha cara a tapa no mercado de trabalho, no mercado profissional, porque eu sei que no início não vai ser perfeito, não vai ser do jeito que eu quero, então eu já tenho medo disso acontecer e é por isso que eu tenho medo de meter a cara. As pessoas dizem que eu vou errar no início e eu tenho medo desse errar, tenho medo de uma vergonha que eu possa passar, de um trabalho que eu possa fazer mal feito e as pessoas "meterem o pau" e eu me sentir péssima por isso, é disso que eu tenho medo. (Thalita).

Para Muraro (1991), o domínio da esfera pública, pelo homem, dependia do bom funcionamento da esfera privada, trabalho realizado pela mulher. Então, percebendo que Thalita é muito protegida por seus familiares, compreendo a razão de sua insegurança, em especial a relacionada à vida profissional. Segundo

Muraro (1991), as mulheres esperam o fracasso muito mais do que os homens e, quando fracassam, culpam-se porque têm menos autoconfiança. Esse medo do sucesso viria do medo de negar sua feminilidade e de ser rejeitada pelos homens, caso tenham mais sucesso que eles.

Ao falar de seus desejos, Thalita deixa transparecer que nela predomina uma ambigüidade em relação aos papéis que deve assumir.

*Eu acho que ainda pesa esse lado emocional, afetivo. Eu acho que eu queria muito casar, ter um marido que me ajudasse... sustentasse (risos), melhor dizendo. Mas é exatamente isso que eu estou trabalhando, eu não quero isso pra minha vida, isso é uma utopia porque não cabe na vida, isso não vai acontecer (...) Eu tive isso durante um tempo, de uma pessoa me sustentar e eu só precisava cuidar dessa pessoa, do marido que eu tinha, das roupas dele, de como ele estava, de deixá-lo despreocupado com as contas porque ele dava dinheiro, mas era eu que pagava. Só que isso é muito pouco para dar a uma pessoa e muito pouco para uma pessoa receber. Então, é estar ajudando o outro a crescer, a subir na vida, **que é o natural**, e aí a outra que está ao seu lado está lá, parada, estanque, sem sair do seu canto. Por eu ter visto isso é que eu tento hoje, eu trabalho isso de que eu acho que não existe essa coisa de marido sustentar. É complicado, é como se ele pudesse sustentar, mas eu não ficaria sem fazer nada, eu ia ter uma ocupação, mas seria mais como um hobby do que como uma obrigação profissional, coisa que eu fazia. Eu não tinha nada além de cuidar do meu marido. (Thalita). (Destaque nosso).*

Ela quer colocar a vida familiar como sendo seu objetivo primeiro, e por que não dizer, único, mas sabe que esse modelo não é mais aceito atualmente, é impossível. Por essa razão ela não o quer, então fica nessa ambivalência de quero, mas não posso querer.

Além disso, ela considera que trabalhar não é algo vinculado, necessariamente, a uma obrigação, mas a um hobby: *mas eu não ficaria sem fazer nada, eu ia ter uma ocupação, mas seria mais como um hobby do que como uma obrigação profissional, coisa que eu fazia.*

Segundo Rocha-Coutinho (1994), a partir da demarcação dos papéis atribuídos às mulheres em razão de concepções naturalistas e essencialistas, uma série de características foram demarcadas como sendo femininas, como a dedicação aos outros, e isso fez com que essa identificação da feminilidade negasse à mulher capacidades socialmente valorizadas que, por sua vez, garantiam ao homem, diferente da mulher, o domínio da esfera pública.

Para Silva (2000), o que se constitui como identidade e diferença está ligado à representação social, pois é a partir dela que a igualdade ou a diferença vai ganhar sentido, vai passar a existir.

Ter vivido a experiência de ser uma mulher dedicada a um homem em tempo integral e não ter dado certo, foi para Thalita uma desagradável decepção. O papel que ela desempenhou junto ao ex-namorado, que apesar de morar numa casa separada se comportava como um marido, era o de uma mulher à moda tradicional, como costumamos dizer de "cama, mesa e banho". Essa decepção a trouxe para o mundo real, mas não a fez abrir mão de seu sonho de Cinderela. O máximo que ela se dispõe a fazer é, como na época de sua mãe, se tornar uma mulher que trabalha para comprar "seus alfinetes". Sabe que é uma "utopia", mas é isso que, no fundo, deseja para si. É interessante como ela acredita que essa é a destinação "natural" da mulher. Percebe que se portar desse modo entra em conflito com o modelo de homem atual, que deseja uma companheira que compartilhe a vida com ele, tanto nos privilégios quanto nas obrigações, pelo menos, em tese. Falando sobre o rompimento da relação, diz:

Acho que foi importante, que tinha que acontecer, porque até quando eu ia conseguir viver sem ter uma ocupação, além dele? Porque ele tinha outras coisas para se ocupar além de mim e eu não tinha nada mais além dele. Por isso que eu acho que você tem que ter uma ocupação. Você não precisa ser a pessoa mais

bem sucedida do mundo, o profissional mais solicitado do país, a pessoa mais conhecida do mundo na sua profissão, mas você precisa ter uma ocupação, ter algo que lhe dê prazer em fazer, que lhe dê retorno financeiro, porque o dinheiro, quer queira quer não, é a mola do mundo. Você tem que ter dinheiro até para se divertir e, também, para fazer coisas do lado emocional, você tem que ter dinheiro para fazer certas coisas, então eu acho que eu preciso de uma ocupação, mas ter uma vida afetiva também: casar, ter filhos, uma casa para cuidar... (Thalita).

O desejo de profissionalização entra para preencher uma lacuna deixada pelo antigo companheiro. Não é a realização profissional o que ela aspira, mas sim um modo mais seguro de manter um homem ao seu lado. Um modo de tornar-se uma mulher mais interessante para ele e, por tabela, ter algum dinheiro; mais uma vez, não para assumir responsabilidades, e sim para "se divertir" e proporcionar "certas coisas do lado emocional". A profissionalização está subordinada e em função da vida "afetiva", de casar e ter filhos, essa sim é sua prioridade.

Profissionalizar-se, para Thalita, é adequar-se ao modelo de identidade atual proposto por Vaitsman (1994), que se constrói mais em função do lazer, da diversão, sendo uma apresentação de si mesmo através de uma variedade de papéis e atividades diversas, incluindo-se aí, a identidade profissional. Nesse sentido, a identidade passa a ser regida pela moda, pelo que aparece como último modelo a ser seguido e, nesse caso, a profissionalização da mulher indica que a mesma pode gozar de um maior poder de consumo, seja este de qualquer ordem.

Outra entrevistada também indica, em sua prática, um boicote de seu trabalho como profissional e, mais uma vez, o motivo é doméstico. Não quero julgar essas atitudes, mas apenas mostrar que essas mulheres sofrem por não

conseguirem atender com a mesma intensidade às demandas dos espaços público e privado.

É porque eu optei por limitar minha profissão um pouco pra poder fazer essa parte familiar, porque aí eu optei por não dar mais plantão no fim de semana. Mas até pouco tempo eu dava plantão na sexta, trabalhava no sábado e no domingo, então eu não tinha muito tempo livre. Se eu não trabalhava certo [isto é, regularmente], mas o telefone tocava com algum chamado e eu saía de onde eu estivesse: de aniversário, de festas, de onde eu estivesse para vir ao hospital fazer algum procedimento. (Denise)

A opção por "limitar" encobre o conflito que ela vive, sendo esse acentuado na medida que a sociedade, hoje, cobra da mulher uma participação maior na vida pública. Ela não sabe como conciliar uma profissão sem sacrificar a vida familiar que claramente prioriza. Assim vem, no seu entendimento, limitando-se como profissional, uma vez que, segundo sua opinião, o seu trabalho é , responsável pelas perdas na vida familiar que ela vivencia.

Eu não gosto. Você vai até se impressionar porque... Por isso eu optei... Eu perdi um pouco o meu campo de trabalho, em parte, mas na verdade eu não perdi assim, eu perdi... Quando eu casei, mas não por conta de marido, então eu trabalhava muito quando casei. Quando engravidei perdi o campo, porque na minha profissão a gente tem que limitar um pouco por conta dos anestésicos, de drogas, de tudo isso. Então a gente fica sem poder fazer muita anestesia geral, então limita. Eu tinha várias equipes em que eu trabalhava, quer dizer eu não tinha dia nem hora nem momento para trabalhar, eu trabalhava em qualquer momento. (Denise).

Perdi, não perdi... esse é o seu discurso. Trabalhava em qualquer momento, agora limitei. Limitar é uma palavra-chave na sua fala. Mas diz, para logo em seguida desdizer. E grande a ambigüidade, a hesitação. Como se ainda não soubesse bem se está ou não se limitando. Quer viver os dois mundos, o da

profissão e o da vida familiar, mas se sente como se estivesse dividida. Como se tivesse que ser ou um ou outro, e não, um e outro.

(...) então isso... Eu acho que na minha cabeça eu sou mais mãe do que profissional, eu sou mais família que profissional, talvez assim, por ter uma estabilidade financeira: meu marido trabalha, ganha relativamente bem... Então isso me deu uma tranqüilidade maior. Quando aperta a gente tem que voltar e fazer tudo, mesmo que sacrifique a criança. Então, talvez isso me deu uma tranqüilidade em dizer: não, eu vou optar mais pela família que pelo trabalho, mas não tenho jamais vontade de deixar o trabalho em si. (Denise).

De repente, ao falar sobre o assunto parece se dar conta de que prioriza mesmo a vida familiar. Se não é mais ou um ou outro, é, pelo menos, mais um que outro. Esse é o modo como ela se subjetivou, e essa é a identidade que predomina nela. O trabalho entra em sua vida de modo secundário: por estar *acostumada*, por ter começado a viver fora de casa muito cedo, para complementar a renda: *quando aperta a gente tem que voltar...*, também para não se sentir fora do mundo, desatualizada, sem conversa, etc. Woodward (2000, p.55) afirma que:

(...) vivemos nossa subjetividade em um contexto social no qual a linguagem e a cultura dão significado à experiência que temos de nós mesmos e no qual nós adotamos uma identidade. Quaisquer que sejam os conjuntos de significados construídos pelos discursos, eles só podem ser eficazes se eles nos recrutam como sujeitos. Os sujeitos são, assim, sujeitados ao discurso e devem, eles próprios, assumi-lo como indivíduos que, dessa forma, se posicionam a si próprios. As posições que assumimos e com as quais nos identificamos constituem nossas identidades.

Denise tem toda uma história familiar que a leva a assumir uma posição de sujeito que a identifica, prioritariamente com o lugar do privado, da família, do ser mãe, esposa e dona de casa. Segundo ela mesma, sua mãe e a maioria das tias

deixaram o trabalho quando se casaram, embora se arrependam de tê-lo feito. O trabalho é para ela, não exatamente uma forma de realização pessoal, mas, algo que ela necessita fazer para ser uma mulher de sua época. Apesar disso, sente que ser mulher não é escolher entre uma coisa ou outra, ser mãe ou ser profissional. Sente que necessita atender aos dois lados, que tem direito aos dois desejos, que não é obrigada a se restringir por ter nascido mulher.

Abarcar tudo, todas as esferas, é o que as entrevistadas parecem desejar. No momento, a mulher não se concentra em ter que optar por uma esfera ou outra, mas, além disso, de dar conta dos dois espaços de uma forma satisfatória para si mesma não como uma obrigação, mas sentindo nessa atitude o prazer de viver tudo, porque ela tem este direito, não é um ser cindido.

Eu acho que hoje em dia eu priorizo minha carreira profissional, mas às vezes eu ponho isto em xeque porque eu namoro há seis anos e há três anos eu trabalho muito, invisto muito em minha carreira profissional e no retorno financeiro disso... eu invisto, também, numa vida a dois com meu companheiro. Então, parte do que eu ganhei nesse tempo eu coloquei no investimento de um apartamento para estar junto do meu namorado e constituir família. Então assim eu fico meio dividida, porque é como se eu estivesse no profissional, mas ao mesmo tempo eu nunca tivesse esquecendo essa possibilidade. (Lúcia).

Dois aspectos se sobressaem nessa fala. O primeiro diz respeito à tentativa em conciliar as solicitações das duas esferas da vida: a profissional e a sentimental, a amorosa. Outro aspecto que se salienta é a forte associação feita entre profissão e aquisição de bens de consumo como via de realização. Ser profissionalmente realizada é sinônimo de ser bem remunerada, é ter a, possibilidade de adquirir objetos, apartamentos, carros, etc. Ainda mais, essa possibilidade de adquirir bens é o que possibilita, na visão dessas mulheres, ser

autônoma e livre, ainda que vivenciar essa luta cotidiana não seja confortável para elas.

O consumo de bens e serviços está diretamente ligado ao poder econômico possuído pelo indivíduo. O seu poder aquisitivo, por sua vez, está geralmente ligado ao seu trabalho, à sua remuneração. É interessante pensar nesta relação trabalho-dinheiro-consumo, porque se por um lado, esta construção significa o atestado de mulher atual, constatado pelo seu poder sua independência e autonomia; por outro lado, atesta que a mulher não é um ser totalmente livre, uma vez que sua "liberdade" é submissa às leis do mercado.

E mais uma função. Exatamente, ela tem que ser boa nisso... Por isso eu tava vendo numa reportagem que a mulher está deixando para constituir família muito tarde, para poder ter tempo de se dedicar à profissão, porque você tem que ser boa para se sobressair e você não consegue dar atenção integral, se você tem família. Algumas conseguem né? Mas assim, as mulheres hoje preferem ter mais tarde uma família, quando já tiverem conseguido uma posição na carreira, alcançar o que almejam na carreira e depois é que elas constituem família. Muitas mulheres estão casando mais tarde, eu acredito, por conta disso. (Rosana).

O investimento na qualificação para manter-se no mercado de trabalho, hoje, implica ter que se especializar mais freqüente e profundamente, ocorrência essa que demanda tempo e, às vezes, exclusividade. É como se a ética da excelência se apresentasse de forma diferenciada para a mulher, mais exigente, uma vez que ela tem que dar conta de demandas sociais e familiares, com eficácia. A demanda de tempo pode, fatalmente, acarretar adiamentos de outras esferas, sobretudo a familiar. A liberdade, nesse caso, fica comprometida.

Rosana admite que se encontra numa posição privilegiada, por ter um trabalho público, trabalhar meio expediente e ganhar um bom salário. Sem dúvida, a participante pode contar com uma situação diferenciada em relação a

outras mulheres que chefiam sozinhas famílias numerosas e que não possuem tanta instrução para nortear suas posições diante das adversidades da vida.

Além disso, o trabalho de meio expediente de Rosana lhe oferece segurança e estabilidade, ao contrário dos trabalhos realizados nestas mesmas condições de horário que tendem a ser empregos de prestação de serviços, com pouquíssimas possibilidades de ascensão social ou econômica, envolvendo pouca criatividade e espírito de iniciativa, como os trabalhos com um perfil mecânico e repetitivo. (JABLONSKI, 1998).

A função que eu faço não me prende muito porque eu posso trabalhar mais num dia... não que eu eventualmente eu não possa... Eu já fiquei lá, em Limoeiro, até sete horas da noite, mas isso foi uma vez, em dez anos. Eu trabalho com produção, então eu posso trabalhar mais num dia e deixar pra trabalhar menos num outro dia, caso tenha uma festa na escola da criança, por exemplo, que eu queira ir. Eu posso trabalhar num dia e menos no outro, então facilita bastante (risos). É muito difícil ter um emprego desses, por isso meu marido saiu do emprego que ele estava, recebeu a indenização e disse: "o que eu quero é passar num concurso, se eu voltar a trabalhar agora eu não vou conseguir". E não consegue mesmo. Ele é engenheiro mecânico, então a hora que a máquina quebrar ligam pra ele, independentemente da hora, porque hoje a linha de produção é vinte e quatro horas, aí eu disse pra ele que teria todo o meu apoio porque eu sei o quanto é bom. Então ele está em casa estudando, enfurnado, não sei como ele agüenta. Ele estuda umas nove horas por dia. Ele acorda às sete horas, toma café comigo e eu saio para trabalhar, quando eu chego ele pára e vem almoçar comigo, descansa meia hora e volta pra estudar até umas sete da noite, inclusive aos sábados e aos domingos. Eu até brigo com ele para conseguir tirar ele de casa. Ele vinha estudando, mas à noite quando chegava estava cansado e não rendia. Ele saiu do emprego no dia vinte e cinco de junho e no primeiro de julho ele começou. Eu é que estou doida que ele faça este concurso, se ele passar vai ser ótimo. (Rosana).

De fato, percebo nesse trecho que a realização profissional está muito mais relacionada ao ganho do dinheiro do que a realizar algo que se escolheu enquanto ofício. A ética do consumismo, do individualismo e as baixas remunerações - da maioria dos salários de profissionais especializados - fazem

com que as pessoas busquem um maior conforto financeiro, em vez da realização do sonho de se fazer o que se tem aptidão.

Este aspecto me faz pensar sobre a satisfação que as pessoas encontram ao trabalhar com algo que, às vezes, elas nem se imaginaram executando, mas que lhes rende um bom ordenado, requisito fundamental para se ter reconhecimento na sociedade atual. Penso sobre o bem estar e, além disso, sobre uma possível limitação ao trabalho "escolhido", uma vez que talvez não se tenha mais tempo disponível ou até disponibilidade pessoal para investir na escolha profissional de origem.

A posição na carreira é prioritária para Rosana, uma vez que esta pode lhe render, financeiramente, o suficiente para a constituição e segurança material da família. Percebo que, num primeiro momento, a entrevistada separa os espaços familiar e profissional, como se cada um tivesse um momento marcado para acontecer, um depois do outro, não ao mesmo tempo. Porém, noto, em seguida, que a dicotomização feita pela participante não é rígida, pois a entrevistada fala na realização do profissional em função da constituição familiar, permitindo que as esferas se entrelacem.

De qualquer maneira, posso perceber, nesta forma de funcionar, uma espécie de programação. A mulher de hoje, programa-se, estabelece metas para sua vida e prioriza ganhar dinheiro. Nesse caso, a realização profissional significa, muitas vezes, sucesso financeiro e nem sempre se encontra aliada à satisfação com a atividade que exerce. Seu primeiro objetivo é dar conta das exigências profissionais e, somente depois, constituir uma família.

Mas assim, as mulheres hoje preferem ter mais tarde uma família quando já tiverem conseguido a posição na carreira, alcançar o

que almejam na carreira e depois é que elas constituem família. (Rosana).

Rosana, ao nos falar sobre como planejou sua vida, passa-me a impressão de que reduziu a vida em compartimentos controláveis como se cada aspecto pertencesse a um compartimento que não se mistura aos outros. No entanto, ela mesma afirma que sua profissão lhe propicia condições especiais e que, de outro modo, provavelmente, não conseguiria.

Eu consigo viver assim por dois motivos: um porque eu sou casada há pouco tempo, faz um ano só que sou casada e eu ainda não tenho filhos, isso facilita bastante; e outro, porque a minha profissão é muito folgada e isso me dá muito tempo, porque é só meio período, então eu tenho tempo de coordenar, mas se eu ficasse o dia... Durante a semana inteira, como tem gente que passa até o sábado também trabalhando. Eu tenho uma amiga que trabalha na BCP e tem que fazer projeto de não sei o quê, cursos de capa citação, tem que viajar no fim de semana. Como é que consegue dar conta disso tudo? Eu fico me perguntando, eu mesma não sei como esse povo consegue. É complicado, por isso que você tem que se dedicar à carreira para depois constituir família, senão você tem que botar os outros pra tomar conta de seus filhos. (Rosana).

Rosana reconhece que viver se programando só é possível para ela, porque ela ainda não teve filhos. Reconhece que o controle e a programação da vida são precários, por conta da própria dinamicidade e imprevisibilidade desta, em todas as suas esferas. Ainda assim, seus argumentos em defesa de uma vida programada continuam:

Eu acredito que seja o melhor. Se uma pessoa pudesse planejar a sua vida, se pudesse acontecer... porque nem tudo acontece do jeito que nós queremos, se você pudesse... Eu acho que eu casei maravilhosamente bem: tive tempo de estudar, de sair, me divertir e quando apareceu, apareceu na época ótima, porque eu já tinha meu trabalho, já tinha estudado, já tinha passeado e agora assumo as responsabilidades do casamento sem problema. Não tenho mais vontade de fazer outras coisas que eu fazia quando eu era solteira, então pra mim, graças a Deus, as coisas

aconteceram na época correta, mas às vezes, outra pessoa não consegue que aconteça dessa forma. (Rosana).

Apesar de defender a programação, a participante se dá conta de que isso não é possível para qualquer um, aliás, tem noção de que há um componente de acaso nessa situação.

Ao programar-se, priorizando inicialmente sua profissão, Rosana pretende adquirir um "status" econômico que possibilite o consumo de bens e serviços que venham a facilitar o exercício da maternidade. "

Eu creio que quando eu tiver filhos, a forma como eu administro minha vida não vai mudar muito não, porque eu sou muito organizada nestas coisas. Eu tô pretendendo ter filhos agora, eu já estou assim liberando e já vou planejando, organizando, então eu acho que não vai mudar muito não. Não sei se por causa do meu trabalho, porque meio-dia, uma hora eu já estou em casa. Então, no horário que a criança vai para a escola de manhã, se tiver alguém que traga ou o pai ou o transporte escolar, chega em casa, almoça e quando for à tarde eu estou em casa, então dá pra conciliar numa boa. (Rosana).

A "boa maternidade", se assim a posso chamar, passa pela aquisição de bens de consumo para o filho, como o transporte escolar, as aulas de línguas, de um esporte, etc. Kehl (2004) afirma que, hoje em dia, as pessoas só decidem ter filhos quando podem dar a eles uma condição material satisfatória.

Outra entrevistada, embora não seja tão "programada" quanto a anterior, ajuda-me a compreender que estabelecer metas parece ser importante para a mulher, uma vez que a ajuda a nortear suas decisões e atitudes. No entanto, prioriza a esfera familiar à profissional. Neste caso, desloca todo o seu investimento profissional para um segundo plano. Além disso, nada na sua profissão parece ser suficiente para lhe trazer uma sensação de realização, como ela mesma fala:

Eu sempre fiz, eu sempre quis fazer medicina e durante a faculdade eu escolhi anestesia. Na área da medicina o que eu gosto de fazer é anestesia. Eu tenho prazer em estar dentro da sala, eu tenho prazer de estar aqui, só que é muito cansativo, muito estressante porque você entra numa sala e não sabe se vai dar tudo certo, porque não depende só de você, principalmente em anestesia, porque você coloca o paciente pra dormir e você tem o controle, mas pode acontecer alguma coisa que você não consiga, mais dependendo do paciente, alguma patologia, alguma coisa que dê problema, e isso, toda cirurgia é assim, às vezes para tirar um dedo, é assim também. Então você entra sabendo que pode acontecer alguma coisa, então tudo é estressante e quando acontece, o estresse é ainda muito maior. Então eu gosto muito disso, mas acho mal remunerado, acho que nós somos mal remunerados, então precisamos trabalhar horas e horas e horas. Isso não me satisfaz em anestesia, por isso que eu digo... eu sei que em muitas classes é assim, mas a gente reclama do que a gente tem, lógico, eu não posso reclamar de outras coisas que eu não conheço, mas anestesia é assim, então a gente tem que optar ou você... Colegas que passam dias e dias no hospital, inclusive final de semana e se você acompanha uma equipe você tem que estar na hora que a equipe quer. É muito difícil você... só se você tiver amizade mesmo de dizer: não, não vamos fazer agora, vamos esperar um pouco, mas caso contrário é na hora que o cirurgião quer, na hora que lhe convém, mas não na hora que convém a gente. (Denise).

São tão frequentes as queixas que ela faz, que sou levada a perguntar se ela sempre desejou fazer medicina, e sua resposta inicial é uma constatação de que "sempre fez isso", para somente em seguida expressar desejo e escolha e falar do prazer que sente ao trabalhar. Mas, logo em seguida volta a desfilar um rosário de dificuldades que sua profissão envolve. Todas essas "dificuldades" aliadas ao seu desejo de priorizar a família parecem "justificar" suas frequentes paradas no trabalho.

Não só por ela [a filha], mas porque eu quero engravidar de novo, eu limitei [o trabalho], já pra começar uma gravidez mais calma, sem estar estressada de novo, sem virar noites acordadas pra poder ver se esse aí... Pra ver se eu consigo engravidar e ir adiante com essa gravidez. Aí, depois disso, é isso que eu converso com o meu marido, eu tenho que fazer isso agora, dar essa parada, ter essa criança, porque ele quer ter outro filho. minha filha exige muito e eu quero também.. Então eu vou dar

essa parada novamente, eu sacrifiquei várias vezes, não pelos outros - uma pela gravidez, outra porque eu adoeci e passei quatro meses parada por causa de uma cirurgia de uma hérnia de disco, isso foi o ano passado. Em dezembro eu perdi um bebê e tive que parar de novo - bem, já que eu estou tão lenta então tenho que aproveitar essa época em que eu estou lenta para engravidar e ver se vai adiante. A partir daí, não dando ou...Aí eu vou ter que recomeçar a minha vida. Eu não posso ficar trabalhando tão pouco, porque pra mim também é bonzinho... porque parece que eu tô brincando de trabalhar de verdade. (Denise) (grifos nossos).

Ao dizer: recomeçar a minha vida, ela indica a dicotomia que experimenta entre a vida familiar e a vida profissional. Ao parar de trabalhar se sente como se também houvesse parado de viver. Ter tantos imprevistos e percalços acaba sendo favorável à situação de priorizar a vida familiar, em detrimento da vida profissional. Denise parece não se dar conta dos movimentos que faz, ora para privilegiar a esfera familiar, ora para ser uma profissional. Esse movimento constante atende a um desejo de viver as duas esferas sem tanto sofrimento, mas não sabe como.

Ela enfatiza que sacrificou, "limitou" sua escalada profissional, não pelos "outros", mas por uma gravidez (gravidez essa que era desejada primeiro pelo marido, em seguida pela filha e só depois por ela mesma); depois porque adoeceu; e, em seguida porque engravidou e perdeu o bebê. No fundo ela parece sentir que "os outros" a que ela se refere têm um significado bem mais amplo. É todo um contexto cultural que nos envolve a todos, homens e mulheres. É o papel esperado de cada um desde o nascimento e que já está determinado pelo sexo. Em determinado momento, parece ceder a essa demanda: trabalhar tão pouco é para ela *bonzinho (...)* parece que eu tô brincando de trabalhar de verdade.

Para isso o marido contribui com sua parte, fazendo o que se pede a ele, o papel de homem. Se você quiser, eu lhe sustento e você poderá, então, ficar

tranqüila em casa, é a mensagem que ele transmite, ainda que na brincadeira:

(...) acho que vou te deixar em casa, te dar uma mesada... ele fala brincando.

Mas ela não é tola, "sabe" que isso significa perder poder para ele. Perder "sua individualidade".

Eu não tenho jamais vontade de deixar o trabalho em si. Se eu tiver de deixar, talvez eu deixasse a medicina, por essa área ser tão conturbada, estressante, mas jamais deixaria de trabalhar. Eu também não sou do espírito de ficar em casa, talvez por estar acostumada (...) você trabalhar fora de casa, ter sua profissão lhe dá uma individualidade, você tem aquilo, é seu (Denise). (grifos nossos).

Você tem aquilo, o poder. Poder sobre você mesma, sobre suas decisões, quem sabe até um pouco mais... Quer conservar esse poder, mas, será que não poderia custar um pouquinho menos, será que eu tenho mesmo que fazer tanto sacrifício, parece dizer.

(...) mas que eu gostaria de ter escolhido alguma coisa que eu trabalhasse não menos, mas em horários melhores, eu gostaria. Por isso que eu digo assim: eu me sacrifiquei muito porque, no caso, eu tô dando três plantões de doze, então é um sacrifício que o pessoal diz: não, você trabalha praticamente quarenta horas por semana, mas era para eu trabalhar muito mais, porque quarenta horas por semana, financeiramente, em medicina e em anestesia, não te dá um suporte financeiro. É lógico que o trabalho ajuda em alguma coisa, entra alguma coisa em casa, mas se dependesse disso eu não estaria nessas trinta e seis, quarenta horas, eu teria que dar sessenta, oitenta horas por semana, para poder me sustentar financeiramente, dependendo de medicina (Denise). (grifos nossos).

E claro que ajuda. Ajuda a manter esse poder que de um modo ou de outro precisa compensar o poder que ela perde no mundo familiar. Assumir as identidades de profissional, esposa e mãe provocam ambigüidade de sentimentos em Denise, como uma consequência do modo como ela consegue ver as identidades de gênero. Ser mulher nunca foi uma tarefa fácil, mas no momento

atual não é fácil ser sujeito, não importa o sexo, pois são extremamente diversificados os modelos que se apresentam, tanto de feminino, quanto de masculino. São múltiplas as posições de sujeito para as quais as mulheres são recrutadas. Woodward (2000, p. 59) diz a esse respeito:

Há (...) a sugestão de que os tempos estão mudando, tornando aceitável que a identidade materna possa incluir uma posição política.

Nesse caso, diria que já é, não só aceito, mas, contraditoriamente, é exigido das mulheres que incluam em suas identidades ser também profissional, além de mães. Digo contraditoriamente, porque essa exigência é permeada por infinitas ambigüidades. De um lado a sociedade cobra que as mulheres desempenhem seus papéis profissionais com a máxima eficiência. Do mesmo modo que é exigido aos homens, de outro ainda lhes "impõe" uma sobrecarga de responsabilidades quando as vêem, prioritariamente, como esposas e mães. Quando atribui a elas a responsabilidade pela casa, pela saúde e doença dos filhos, etc. Assumir essas posições de sujeitos para as quais as mulheres são interpeladas e o modo como vão assumi-las, vai depender, também, de suas histórias pessoais. Diz Woodward (2000, p. 59):

"Interpelação" é o termo utilizado por Louis Althusser (1971) para explicar a forma pela qual os sujeitos - ao se reconhecerem como tais: "sim, esse sou eu" - são recrutados para ocupar certas posições-de-sujeito. Esse processo se dá no nível do inconsciente e é uma forma de descrever como os indivíduos acabam por adotar posições-de-sujeito particulares.

Os fatores sociais podem explicar uma construção particular de mulher, mãe, esposa, dona de casa, situada num certo momento histórico, mas não podem explicar o investimento que uma determinada mulher faz numa posição

particular e os modos que ela desenvolve de apego a essa posição. Segundo a psicanálise, o apego a uma posição está relacionado ao processo inconsciente da identificação, uma vez que esta última conserva uma espécie de laço emocional com o objeto identificado. Entretanto, a identificação não prende alguém apenas a um objeto concretamente existente, mas também à escolha de um objeto perdido.

Diante de todos os aspectos vistos, sobre o movimento de constituição da identidade feminina pós-moderna, vejo que essa constituição está ligada a várias relações estabelecidas entre essas mulheres, com o meio social, com a cultura, com a família de origem e com sua rede interpessoal, já que esse contato possibilita que, não só as mulheres, mas todos os indivíduos possam assumir suas posições de sujeito. Além disso, observo também e, principalmente, que a mulher atual deseja vivenciar todas as esferas que a sua vida possa abarcar, mesmo que ela tenha uma inclinação para eleger uma como predileta, uma vez que esta eleição tem como base o processo de identificação da mulher. Porém, hoje, as mulheres, bem mais do que as gerações anteriores, parecem não abrir mão de ter tudo. Para elas, não se trata de escolher uma coisa ou outra, mas viver uma coisa e outra.

O que eu corro atrás é o seguinte: trabalhar, ter minha vida profissional, reconhecimento e ter a minha vida pessoal, familiar. Eu quero constituir uma família. Quero ser mãe, amante, esposa e quero ser companheira tudo ao mesmo tempo. Eu acho que mulher é um pouco disso hoje em dia, essa é uma opinião bem pessoal (Lúcia) (Grifos nossos).

A participante está imersa na perspectiva de assumir as múltiplas identidades delegadas às mulheres, na atualidade. Ela entende essa solicitação das diversas esferas sociais como algo a ser vivido, não de forma separada, como se a vida em si mesma pudesse ser cindida em compartimentos. Ao

contrário, Lúcia almeja uma situação ideal de completude, na qual poderia realizar-se inteiramente, abarcando tudo o que um sujeito pode experimentar em sua vida e num curto espaço de tempo, pois tudo tem que ser vivenciado agora. Ela vive um tempo frenético, em que somos compelidos a vivenciar tudo simultaneamente, sem possibilidade de adiamento das escolhas, pois o tempo já não é mais do domínio do homem.

5 -A MULHER ATUAL: NEM AMÉLIA, NEM WORKAHOLIC¹...

*Você certamente conhecerá coisas melhores e coisas piores do que as já conhecidas, mas não é isso o que importa. O mais importante é a mudança, o movimento, o dinamismo, a energia. Só o que está morto não muda!*²

Chegar ao final da investigação é como voltar ao começo. Como falar da mulher atual? Não há fechamentos, não há conclusões, apenas indicações provisórias, incompletas, diversificadas, nenhuma unicidade, nenhuma totalização.

A mulher que se apresentou nesse estudo é diversificada e, por isso, mesmo, possibilita múltiplos dizeres. A mulher atual não é melhor nem pior do que as de tempos atrás; ela, simplesmente, é. Há quem diga que é o caos, que esse perfil de mulher é um dos fatores de desagregação da família, há quem pense que é o alvorecer de uma nova era, não somente para as mulheres que passarão a cada dia a se ver e se posicionar no mundo como um sujeito, mas também para os homens que terão abertas as portas do mundo dos afetos, tão reservado, até, hoje, ao âmbito doméstico, feminino e privado.

As mulheres ouvidas nesta pesquisa revelaram que se constituem buscando, cada vez mais, a integração das variadas e, por vezes, distintas esferas que fazem parte de sua vida.

Contudo, o atendimento às solicitações dos espaços da casa e da profissão não é realizado com isenção de sentimentos, pois eles permeiam as entrevistadas a todo o tempo, influenciando-as em suas decisões e na forma como se posicionam diante de algumas situações. Em seus depoimentos é

¹ Workaholic: pessoa que trabalha obsessivamente e encontra dificuldades para parar. Oxford Advanced learner's Dictionary. Oxford University Press, 1989, p. 1474.

² Trecho do poema Mude, de Edson Marques

comum a presença de sentimentos como a dúvida, a angústia, as contradições, as alegrias, as tristezas e as aspirações.

Ter uma vida integrada - ou seja, vivendo tudo o que é possível e ao mesmo tempo - não se traduz como uma tarefa simples, pois ao mesmo tempo em que desperta sentimentos, nem sempre confortáveis, traz, também repercussões específicas para mulheres casadas e solteiras.

As mulheres solteiras, cada uma a seu modo, percebem a forma como sua vida familiar vai se constituir de forma hipotética, sem vivenciar na realidade a demanda de um núcleo familiar constituído. Mesmo assim, tecem seus planos, uma vez que o fato de não terem suas famílias formadas não as impede de se prepararem para tal feito, muito menos de sentirem as "dores" desse processo, traduzidas pelos sentimentos contraditórios sobre a melhor forma de fazê-lo... Assim ocupam-se prioritariamente do trabalho, do sucesso profissional, sendo, ele, na maioria das vezes, condição indispensável para que a família seja formada.

Outro ponto a destacar é que a experiência do casamento, para as mulheres solteiras, não precisa acontecer seguindo o modelo tradicional de união, isto é, se dispensa o casamento formal e adota-se, com mais freqüência, a união consensual. O que buscam essas mulheres, é uma relação em que o homem seja companheiro, independente, bem sucedido profissionalmente, que divida as despesas e a responsabilidade com a criação dos filhos.

Apesar de admitirem ser tão responsáveis quanto o homem pelas despesas domésticas, um homem receber um salário inferior ao de uma mulher ainda é visto com menosprezo. Uma das entrevistadas solteiras, por exemplo, que um homem com quem possa dividir as responsabilidades do lar, da vida a

dois, mas o despreza se ele tiver uma renda salarial menor que a sua, reforçando assim o aparecimento de contradições vivenciadas no campo da conjugalidade.

Além da conjugalidade, a maternidade é outro fator presente nos depoimentos das participantes solteiras e não menos contemplado com ambigüidades. Ser mãe é, para elas, um momento aguardado, esperado, pois parecem se reconhecer ainda mais como mulheres através da procriação.. Embora desejem ter filhos e se ocupar de seus cuidados, apresentam infinitas preocupações sobre a maneira - que imaginam adequada - de criação, já que se dão conta de que o exercício profissional é uma realidade que demanda tempo e dedicação, assim como o cuidar dos filhos. Nesse caso, sabem que necessitam de uma rede de apoio que as ajude nesse processo, embora não se sintam, na maioria das vezes, confortáveis com essa saída.

As mulheres casadas, por sua vez, já vivenciam as demandas de uma vida familiar - algumas já possuem filhos e se não os têm, como é o caso de uma das entrevistadas, tem a intenção de tê-los e já se prepara para isso. Dessa forma, conhecem de perto a dupla jornada de trabalho e tentam conciliar da melhor forma os eventos de suas vidas, estejam eles relacionados à sua atuação doméstica ou profissional.

Elas consideram que atender a essa conciliação se torna mais fácil quando há uma participação do companheiro em tarefas antes julgadas prioritariamente femininas. Sendo assim, esperam que seus maridos sejam seus colaboradores, embora não exijam deles uma divisão de responsabilidades, contentando-se apenas com uma "ajuda" que eles possam oferecer. Esta ajuda também é apreciada quando possuem filhos, embora acreditem que a mãe é, de fato, a principal responsável pela educação e cuidado com as crianças.

Abrir mão de se responsabilizar por todos os cuidados com os filhos para atuar na esfera profissional faz com que as mulheres casadas experimentem um sentimento de culpa por não estarem acompanhando de perto os seus filhos, tendo que delegar a outros - um parente, uma avó ou uma babá - o cuidado e a atenção a esses.

Diante de tantas circunstâncias que permeiam a presença da mulher na casa, cuidando de sua família e relacionando-se com um homem, as mulheres - tanto casadas como solteiras - continuam buscando seu espaço de atuação profissional ou apenas solidificando um caminho laboral já construído, pois entendem que, independentemente do estado civil, o exercício do trabalho é algo que lhes garante maior autonomia, e entendem que é através dele que sua independência está assegurada. Essa segurança, por sua vez, não se relaciona apenas ao ganho do dinheiro, ela significa muito mais, reflete na imagem de uma mulher que responde por si mesma, que decide por sua vida e que não depende de ninguém para fazer isso por ela.

O trabalho na vida da mulher atual é um grande possibilitador de ganhos, sejam estes de autonomia, de liberdade, como financeiros, uma vez que as entrevistadas se comprometem com a manutenção da família, já que entendem que o provimento do núcleo familiar não é mais uma obrigação unicamente masculina.

Elas se sentem poderosas ao se darem conta do que podem realizar, embora percebam que não é fácil conciliar este poder com a constatação da impotência de não conseguirem dar conta das solicitações familiares da forma que consideram como sendo a ideal. Entretanto, longe disso ser um fato que cause unicamente sofrimento, as mulheres começam a pensar em novas

possibilidades de atuação que lhes permita viver tudo o que desejam sem se sentirem necessariamente culpadas ou diminuídas por não estarem fisicamente presentes o tempo todo e em todos os lugares.

Um desses caminhos alternativos, ou seja, um novo modo da mulher se portar diante de tantas exigências e coisas para realizar, é a programação. Elas estabelecem metas, objetivos – sem divisões estáticas – apenas elegem prioridades para se sentirem mais confortáveis e apropriadas de suas vidas, pois à medida que planejam, traçam um percurso que acreditam ser o melhor para suas vidas, adequando-se ao que cada uma gostaria de viver dentro de suas medidas particulares, sem lacunas ou exageros, mas respeitando a si mesmas, seus próprios ritmos de vida.

É fato que elas estão buscando este equilíbrio, não o estático, mas o que implica movimento e transformações e como tal, cheio de contradições e ambigüidades, avanços e retrocessos, pois mesmo sendo sujeitos transformadores, as mulheres ainda não se apropriaram totalmente de sua porção criadora. Elas ainda possuem, em sua forma de agir, resquícios de modelos prontos, constituídos como o que é próprio do feminino e masculino que ainda interferem em sua forma de ver o mundo e de se colocar nele.

A idéia de modelos de atuação apropriados para homens e mulheres está fortemente ligada a forma como as entrevistadas foram criadas, como a educação se configurava em suas famílias de origem, embora tenha havido uma espécie de inversão na transmissão de alguns valores como, por exemplo, as mães tipicamente donas de casa que incentivam suas filhas a se portarem de forma contrária a esse modelo.

A mulher que emergiu desse estudo é simultaneamente, mãe, esposa, dona-de-casa e profissional, ainda que isso implique experienciar contradições, ambigüidades, angústia, mas também, experimentar prazer, poder, liberdade, auto-realização. Algumas vezes, excessivamente poderosas; outras, frágeis. Ora autônomas, independentes, eficazes e realizadas profissionalmente; ora saudosistas de um tempo em que as mulheres eram apenas mães e esposas. Mas, tudo isso é o que elas são, não uma coisa ou outra, mas uma e outra ao mesmo tempo.

As mulheres se lançaram no mundo e assumiram novos espaços sem, com isso, apagar sua trajetória histórica. Dentre as suas conquistas, a profissão assumiu um lugar de destaque e passou a fazer parte da identidade feminina. As mulheres, hoje, se reconhecem como profissionais competentes e responsáveis no exercício de suas atividades. Da mesma forma, se reconhecem como esposas, mães e respondentes pelo seu lar.

Assim, buscam, cada vez mais, experimentar essas esferas da melhor forma, criando novas maneiras de se relacionar com os diversos campos de sua vida, com as pessoas ao seu redor e com a família sem se prender a um modelo específico. Estão dispostas a construir novos caminhos, novos dizeres sobre si mesmas, não precisam de definição para serem reconhecidas, nem se fechar em comportamentos estanques. Ser mulher, hoje, é estar aberta a múltiplas possibilidades que, longe de ser algo absolutamente tranqüilo, é um processo que já se iniciou e que não deve nem precisa ter um fim.

6.REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMAZONAS, M. C. L. A. **Desconstruir: qual o sentido? Qual a utilidade? Uma discussão preliminar.** Texto digitado. Recife, 2003.

_____ **Una descripción de la adolescente actual: su subjetivación y lugar que ocupa el embarazo.** Tese doutoral apresentada à Universidade de Deusto, Bilbao, Espanha, 1999.

AMORÓS, C. **Tiempo de feminismo: Sobre feminismo, proyecto ilustrado y postmodernidad.** Madrid: Cátedra, 1997.

ARANTES, A. (et. Al.) **Colcha de retalhos: Estudos sobre a família no Brasil.** São Paulo: Editora da UNICAMP, 1993.

ARIÉS, P. **História social da criança e da família.** Rio de Janeiro: ETC, 1981.

AUSTIN, J. L. **Cómo hacer cosas con palabras; palabras y acciones.** Barcelona: Ediciones Paidós, 1990.

BADINTER, E. **Um amor conquistado: o mito do amor materno.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. CQ

BAUDRILLARD, J. **Las estrategias fatales.** Barcelona: Anagrama, 1984.

BEAUVOIR, S. de. **O segundo sexo.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BENJAMIM, W. Modernidad y posmodernidad. In VATTIMO, G. (org.) **En torno de la posmodernidad.** Barcelona: Siglo de Hombre, 1994. p. 45.

BOURDIEU, P. As contradições da herança. In **Cultura e subjetividade: saberes nômades.** Campinas, SP: Papirus, 1997. p. 7-10.

BUTLER, J. **Corpos que pensam: sobre os limites discursivos do sexo.** Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

CALLIGARIS, C. **Crônicas sobre o individualismo cotidiano**. São Paulo: Ática, 1996.

CASTORIADIS, C. la institución imaginaria de la sociedad. In ROJAS, M. C. & STERNBACH, S. **Entre dos siglos: una lectura psicoanalítica de la pormodernidad**. Buenos Aires: lugar Editorial, 1994. p. 31-33.

CECCARELLI, P. R. Configurações edípicas da contemporaneidade: reflexões sobre as novas formas de filiação. In **Revista de Psicanálise**, nº 161. São Paulo: Editora Panorama, 2002.

CHASSOT, A. **A ciência é masculina? É sim, senhora**. Rio de Janeiro: Editora Moderna, 2003.

CLARAMONTE, M. C. V. e REUS, T. G. **Abanicos Ex-Céntricos: Ensayos sobre la mujer en la cultura posmoderna**. Bilbao: Varona, 1999.

COSTA, J. F. **Ordem médica e norma familiar**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1999.

_____ **Sem Fraude nem favor: Estudos sobre o amor romântico**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998;

_____ Cultura das sensações. In **Jornal da família**: Rio de Janeiro: 12 de abril de 2003.

_____ Não mais, não ainda: a palavra na democracia e na psicanálise. **Biblioteca Virtual de Direitos Humanos da Universidade de São Paulo**. Comissão de Direitos Humanos. Comentários a direitoshumanos@usp.br, 1998.

DA MATTA, R. **A casa e a rua**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1991.

DERRIDA, J. Positions. In SILVA, T. T. da (org.) **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. p. 82-85.

FÉRES-CARNEIRO, T. **Casal e família; entre a tradição e as transformações**. Rio de Janeiro: Nau, 1999.

FIGUEIRA, S. (Org.). **Uma Nova Família? O moderno e o arcaico na família de classe média brasileira**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1987.

FIGURIREDO, L. C. **Revisitando as psicologias: da epistemologia à ética das práticas e discursos psicológicos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1993.

_____ **Tecnologias del yo y otros textos afines**. Barcelona: Ediciones Piados Ibérica, 1991.

GARCIA, O feminino e a cultura. In STREY, M. N. (org.) **Gênero e Questões Culturais: A vida de mulheres e homens na cultura**. Recife: UFPE, 2002. p. 21.

GIDDENS, A. A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. São Paulo, 2ª edição: UNESP, 1992.

_____ **Transformações da Intimidade. Sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas**. Oeiras, 3ª edição: Celta Editora, 1996.

GLUKSMAN. Curso sobre posmodernidad. In VATTIMO, G. (org.) **En torno de la posmodernidad**. Barcelona: Siglo de Hombre, 1994. p. 25.

GOMES, I. C. **O sintoma da criança e a dinâmica do casal**. São Paulo: Editora Escuta, 1998.

GOMES, R. A análise de dados em pesquisa qualitativa. In **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Rio de Janeiro: Vozes, 1994. p. 34.

GONÇALVES, M. G. M. A psicologia como ciência do sujeito e da subjetividade: a historicidade como noção básica. Em BOCK, A. M. B.; GONÇALVES, M.G. M. & FURTADO, O. (Orgs.) **Psicologia socio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia**. São Paulo: Cortez Editora, 2001. p 113-123.

GRASSI, M. V. F. C. **A dor que não se sofre: temporalidade e adoecimento na pós-modernidade**. Exemplar fotocopiado (s.d.).

GREENFIELD, S. J. Love and marriage in modern America: a functional analysis. In JABLONSKI, B. **Até que a vida nos separe: a crise do casamento contemporâneo**. Rio de Janeiro: Agir, 1998. p. 146.

HABERMAS, J. Modernidad, un proyecto incompleto. In ROJAS. M. C. & STERNBACH, S. **Entre dos siglos: una lectura psicoanalítica de la pormodernidad**. Buenos Aires: Lugar Editorial, 1994. p. 31-33.

HALL, S. **A identidade Cultural na Pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

_____ Quem precisa da identidade? In **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

HAREVEN, T. K. Modernization and family history: perspectives on social change. In JABLONSKI, B. **Até que a vida nos separe: a crise do casamento contemporâneo**. Rio de Janeiro: Agir, 1998. p. 148.

JABLONSKI, B. **Até que a vida nos separe: a crise do casamento contemporâneo**. Rio de Janeiro: Agir, 1998.

KEHL, M. R. **A mínima diferença: masculino e feminino na cultura**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____ Palestra sobre drogas no programa **Café Filosófico**. São Paulo: TV Cultura, 2004.

KONDER, L. **O que é dialética**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.

LASCH, C. **Refúgio num mundo sem coração: A família: santuário ou instituição sitiada?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

LIPOVETSKY, G. **La era dei vacío: ensayos sobre el individualismo contemporáneo**. Barcelona: Anagrama, 1986.

LYOTARD. J. F. **Moralidades pós-modernas**. São Paulo: Brasiliense, 1996.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

MACFARLANE. Casamento e família. In GOMES, I. C. **O sintoma da criança e a dinâmica do casal**. São Paulo: Editora Escuta, 1998.

MACINTYRE. In FIGUEIREDO, L. C. **Revisitando as psicologias: da epistemologia à ética das práticas e discursos psicológicos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

MARX. ARTIGO. In SANTOS, J. F. dos. **O que é pós-moderno**. São Paulo: Papyrus, 1986. p. 42

MINAYO, M. C de S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: Hucitec; Rio de Janeiro: Abrasco, 1999.

MURARO. R. M. **Os seis meses em que fui homem**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1991.

NIEZSCHE, F. W. Sobre verdade e mentira no sentido extramoral. In Nietzsche, **Obras Incompletas**. Coleção Os Pensadores, São Paulo, 1991. p. 75.

OLIVEIRA. In Gomes. **O sintoma da criança e a dinâmica do casal**. São Paulo: Editora Escuta, 1998.

OSÓRIO. L. C. **Família hoje**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

Oxford Advanced Learner's Dictionary. Oxford University Press, 1989.

PERETTI, C. **Jacques Derrida, texto y desconstrucción**. Barcelona: Editorial Anthropos, 1989.

POSTER, M. **teoria crítica da família**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

PRIORE, M. D. **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1997;

QUINTAS, F. **A mulher e a família no final do Século xx**. Recife: Massangana, 2000.

REY, F. G. **Sujeito e subjetividade**. São Paulo: Pioneira Thomson learning, 2003.

ROJAS. M. C. & STERNBACH, S. **Entre dos siglos: una lectura psicoanalítica de la pormodernidad**. Buenos Aires: lugar Editorial, 1994.

ROCHA-COUTINHO, M. L. **Tecendo por trás dos panos: A mulher brasileira nas relações familiares**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994;

SAFFIOTTI, H. I. B. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna, 1987.

SANTOS, J. F. dos. **O que é pós-moderno**. São Paulo: Papyrus, 1986.

SAUSSURE & LÉVI-STRAUSS. le triangle culinaire. In SILVA, T. T. da (org.) **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. p. 42-55.

SAUSSURE, F. de. **Curso de lingüística geral**. São Paulo: Cultrix, 1978.

SILVA, T. T. (org.) **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

SIMMEL, G. On individuality and social forms. In Féres-carneiro. **Casal e família: entre a tradição e as transformações**. Rio de Janeiro: Nau, 1999. p. 57-58.

SINGLY, F. Sociologie de la famille contemporaine. In FÉRES CARNEIRO, T. **Casal e Família: entre a tradição e as transformações**. Rio de Janeiro: Nau, 1999. p. 82.

STREY, M. N. (org.) **Gênero e Questões Culturais: A vida de mulheres e homens na cultura**. Recife: UFPE, 2002.

VAITSMAN, J. **Flexíveis e plurais: identidade, casamento e família em circunstâncias pós-modernas**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

VANEK, J. Household work, wage work and sexual equality. In Jablonski. **Até que a vida nos separe: a crise do casamento contemporâneo**. Rio de Janeiro: Agir, 1998. p. 149.

VATTIMO, G. (org.) **En torno de la posmodernidad**. Barcelona: Siglo de Hombre, 1994.

WEBER, M. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: pioneira, 1987.

WITTGENSTEIN, L. **Investigações filosóficas**. Tradução de José Carlos Bruni, 5ª ed. (Os pensadores). São Paulo: Nova Cultural, 1991.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In SILVA, T. T. da (org.) **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. p. 15-18.